

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS**

NATÁLIA SCHAUSST LIMA MOTA

**VIOLÊNCIA EM ESCOLAS PÚBLICAS E PARTICULARES: UMA
ANÁLISE DISCURSIVA DE NARRATIVAS MIDIÁTICAS**

DOURADOS — MATO GROSSO DO SUL

2022

NATÁLIA SCHAUSST LIMA MOTA

**VIOLÊNCIA EM ESCOLAS PÚBLICAS E PARTICULARES: UMA
ANÁLISE DISCURSIVA DE NARRATIVAS MIDIÁTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Letras. Área de Concentração: Linguística e Transculturalidade.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Lúcio de Sousa Góis.

DOURADOS — MATO GROSSO DO SUL

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

M917v	<p>Mota, Natália Schausst Lima.</p> <p>Violência em escolas públicas e particulares: uma análise discursiva de narrativas midiáticas. / Natália Schausst Lima Mota. – Dourados, MS : UFGD, 2022.</p> <p>Orientador: Marcos Lúcio de Sousa Góis. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Grande Dourados.</p> <p>1. Análise do discurso. 2. Mídia. 3. Violência. 4. Escola pública e privada. I. Título.</p>
-------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.

AGRADECIMENTOS

Gratidão é a palavra que defini a minha trajetória no mestrado.

Agradeço, primeiramente, a Deus pela vida e por ter me acompanhado nessa etapa da minha formação acadêmica. Quando iniciei o mestrado, não tinha ideia de todos os contratemplos que enfrentaria no caminho, mas Deus sempre esteve ao meu lado, me fortalecendo a cada dia.

À minha família e amigos pelo apoio e carinho.

Aos meus pais, Adeildo e Elza, que me ajudaram a enfrentar as dificuldades e me ensinaram a nunca desistir dos meus sonhos, por todo amor, paciência e apoio. Obrigada por acreditarem em mim.

À minha querida irmã, Ludmila, por sempre me fazer sorrir.

Grata ao meu esposo, Gustavo, pelo apoio nesses dias e noites que pareciam ser intermináveis, e, sim, tiveram um fim. Por me incentivar a sempre buscar o melhor, pelo carinho e paciência, por não me deixar desistir e segurar firme em minhas mãos. Obrigada por ter me escutado tanto, por ter lido tudo antes de ser enviado, apagado ou reformado, por opinar, sugerir e envolver-se completamente no processo.

Agradeço à Sandra, Ramão e Vinicius pelas palavras de incentivo.

Aos meus colegas de mestrado, que me ajudaram e me apoiaram nesse processo de ser pesquisadora. Em especial, minha companheira de estudos, trabalhos e leituras. Agradeço pelas conversas, troca de ideias e risadas. Obrigada, Thaís Campos.

Aos professores do programa que acreditaram em mim. Grata pelos ensinamentos e por sinalizarem o caminho das novas descobertas. Vocês me fizeram crescer, não só enquanto acadêmica, mas como pessoa.

Ao meu orientador, Dr. Marcos Lúcio de Sousa Góis, que acreditou e confiou em mim. Nesses dois anos, tivemos que nos adaptar às mudanças, o contato limitado apenas ao virtual, mas sempre que precisei, você estava ali, pronto para me ajudar. Ensinou-me a trilhar o caminho da pesquisa, a buscar, a investigar, sempre me dizendo que devo “desconfiar mais”. A cada questionamento, a cada “puxão de orelha”, uma nova reflexão. Existem pessoas que passam pela nossa vida e deixam ensinamentos que nunca poderão ser apagados, uma coisa é certa: professor, você não será esquecido. Obrigada, até sempre!

RESUMO

A violência em ambiente escolar, seja ele público ou privado, é tema que ocupa lugar de destaque em narrativas jornalísticas tradicionais, bem como em mídias digitais e em redes sociais. Tendo isso observado, o problema de pesquisa que se instala é: ao noticiar casos de violência na escola, como a mídia trata a “escola pública” e a “escola particular”? O principal objetivo da pesquisa é verificar o funcionamento discursivo da mídia e analisar como são noticiados os casos de violência que acontece em escolas públicas e em escolas particulares, buscando identificar diferenças e similitudes no trato desses dois tipos de instituições. Metodologicamente, foi feita uma revisão da literatura sobre o tema concomitantemente a reflexões teóricas, construção e análise do *corpus* e divulgação dos resultados. Situadas no interior dos Estudos Discursivos, as análises e as discussões se sustentam em autores como Michel Foucault e Byung-Chul Han, e outros quem têm como objeto de estudo a violência. Os resultados permitem inferir que a mídia formula e sustenta um discurso de senso comum, apresentando a instituição “escola particular” como um ambiente mais seguro se comparado à “escola pública”, pois, prioriza a divulgação de informações sobre as medidas e soluções tomadas pela instituição para prevenir ou resolver uma situação de violência. Por outro lado, quando se trata da escola pública, o discurso jornalístico expõe um ambiente inseguro e violento, reforçando a frequência dos atos de violência e, em alguns casos, destacando a intervenção policial. Deseja-se que esta pesquisa possa lançar mais luz sobre o fenômeno da relação público versus privado no que diz respeito à construção, pela mídia, desses espaços sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Mídia. Violência. Escola Pública e Privada.

ABSTRACT

Violence in the school environment, whether public or private, is a topic that takes a prominent place in traditional journalistic narratives, as well as in digital media and social networks. Having observed this, the research problem is: when reporting violence cases at school, how does the media treat “public school” and “private school”? The main research objective is to verify the discursive mechanisms of the media and analyze how cases of violence that occur in public and private schools are reported, trying to identify differences and similarities in the treatment of these two types of institutions. Methodologically, a literature review on the theme was carried out simultaneously with theoretical reflections, construction and analysis of the corpus, and dissemination of the results. Situated within Discourse Studies, the analysis and discussions are based on authors such as Michel Foucault and Byung-Chul Han and others who have violence as an object of study. The results allow us to infer that the media formulates and sustains a common-sense discourse, presenting the institution “private school” as a safer environment if compared to “public school” because it prioritizes the release of information about the actions and solutions taken by the institution to prevent or solve a violent situation. On the other hand, when it comes to the public school, the journalistic discourse exposes an unsafe and violent environment, reinforcing the frequency of acts of violence and, in some cases, highlighting police intervention. It is expected that this research can bring more information about the public versus private relation phenomenon in what concerns the construction, by the media, of these social spaces.

KEYWORDS: Discourse Analysis; media; violence; public and private school.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tragédia de Suzano.....	18
Figura 2: Boutique de Cordonier [Oficina de Sapateiro].	26
Figura 3: Massacre na escola – Carlos Latuff.....	43
Figura 4: Tipos de violência mais comuns na escola.	52
Figura 5: Tristeza após o ataque em Suzano.	53
Figura 6: Cenas de uma tragédia.	56
Figura 7: Armas usadas no ataque.....	59
Figura 8: Caso de Medianeira.....	61
Figura 9: Entrada do colégio onde aconteceu o ataque.	62
Figura 10: Sala de aula em que ocorreu o ataque.....	62
Figura 11: As marcas do ataque ficaram na parede da sala de aula.	62
Figura 12: As armas apreendidas.....	63
Figura 13: Colégio Goyases.	65
Figura 14: Relato de um aluno sobre o adolescente acusado de efetuar os disparos.	66

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
1 TEMA, PROJETO E NOTAS BIBLIOGRÁFICAS.....	10
1.1 EXPLORANDO O TEMA.....	12
1.2. DA PESQUISA.....	17
1.2.1. Ponto de partida.....	17
1.2.2. <i>Corpus</i> de pesquisa.....	20
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	22
2.1 ANÁLISE DO DISCURSO.....	22
2.2 VIOLÊNCIA NA ESCOLA: ONTEM E HOJE.....	25
2.3 ESCOLA, VIOLÊNCIA E AS RELAÇÕES DE PODER-SABER.....	30
2.3.1 Violência e poder.....	32
2.4 MÍDIA E DISCURSO.....	35
2.4.1 O papel da mídia na sociedade.....	35
2.4.2 Jornal e discurso jornalístico.....	36
3 VIOLÊNCIA EM ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA.....	39
3.1 PRIMEIROS APONTAMENTOS.....	39
3.2 TRAGÉDIAS EM ESCOLAS BRASILEIRAS.....	42
3.3 <i>BULLYING</i> NA ESCOLA.....	47
3.3.1 Agentes do <i>bullying</i>	48
3.3.2 Consequências do <i>Bullying</i>	50
3.4 TIPOS DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA.....	51
3.5 ACONTECIMENTOS SEMELHANTES.....	52
3.5.1 Suzano, Medianeira e Goyases.....	52
CONCLUSÃO.....	70
REFERÊNCIAS.....	72
ANEXO.....	76

APRESENTAÇÃO

A presente dissertação, dividido em três capítulos, trata, em síntese, de discursos a respeito da violência em espaços educacionais públicos e privados. As reflexões apresentadas são baseadas em uma análise discursiva de narrativas midiáticas sobre o assunto escola e violência, objetivando compreender como as mídias constroem discursos tendo como mote a violência nesses estabelecimentos, verificando mecanismos, estratégias e funcionamentos discursivos que são utilizados pelas mídias ao noticiar esse tema.

O *corpus* de pesquisa é constituído por textos destacados de jornais on-line (*Folha de S.Paulo*, *Correio Brasiliense*) e de portais de notícias (G1, Uol, R7, BBC) que apresentam em suas narrativas informações acerca de atos de violência que aconteceram em estabelecimentos focos do projeto de pesquisa.

No primeiro capítulo, “Tema, projeto e notas bibliográficas”, apresento a problemática inicial de pesquisa, os primeiros contatos com as notícias e como se deu a trajetória deste trabalho. Inicialmente, questiono: como são noticiados os casos de violência que acontecem nas escolas? Como a mídia trata os estabelecimentos “escola pública” e “escola particular”? Há diferenças no tratamento dispensado para uma e para outra? Se sim, como elas se realizam nas reportagens? Essas e outras questões permitiram-me levantar, numa pesquisa bibliográfica inicial, algumas produções acadêmicas em relação ao objeto, das quais destaco os trabalhos de Reis (2010), Nascimento (2014), Oliveira (2012) e Silva (2012), que estudaram o tema violência na escola, por perspectivas distintas.

O segundo capítulo, “Fundamentação teórica”, é dedicado à revisão dos fundamentos teóricos-metodológicos que dão suporte a este trabalho. Em um primeiro momento, faço uma breve reflexão sobre as mudanças históricas do fenômeno violência na escola. Depois, discorro sobre as relações entre escola, violência e poder. Por fim, comento a respeito de mídia e discurso. As discussões apresentadas neste capítulo foram desenvolvidas com base nos Estudos Discursivos, de modo particular, em leituras de autores como Byung-Chul Han e Michel Foucault, por oferecerem o aporte fundamental para pensar os discursos e as relações de saber e poder presentes na sociedade atual.

O terceiro capítulo, “Violência em escolas públicas e privadas na mídia: uma análise discursiva”, é dedicado à análise das notícias que apresentam em suas materialidades a violência nas escolas públicas e particulares. Neste capítulo, analiso as práticas discursivas de violência que acontecem no ambiente escolar, procurando compreender como as mídias tratam, distinta ou indistintamente, os estabelecimentos “escola pública” e “escola particular”.

1 TEMA, PROJETO E NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

Meu interesse em investigar o tema “escola e violência” surgiu de experiências vivenciadas em ambiente escolar. Durante a minha graduação, participei por dois anos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvendo atividades em instituições escolares, bem como realizei estágios, como parte dos requisitos da graduação, em escolas públicas. Nesse período presenciei alguns casos de violência e passei a observar como esses casos eram tratados por parte da instituição, em relação às medidas adotadas e à repercussão gerada entre professores e alunos. A partir dessa vivência, passei a ler notícias/reportagens que tratavam de casos e situações de violência em escolas públicas e observei certo tratamento distinto quando um ato de violência ocorria nesse espaço em contraposição ao que recebia sua coirmã, a escola particular. Sobreveio o interesse em aprofundar este olhar, agora de maneira mais verticalizada, colhendo notícias acerca de acontecimentos violentos em escolas particulares, com o objetivo de verificar como esses casos eram noticiados. Comecei a identificar sinais visíveis de que os jornais dão tratamento distinto a esses dois tipos de estabelecimentos, o que me levou a questionar que discursos são estes que permitem, regulam, constroem discursivamente a imagem de cada uma das instituições, bem como a indagar sobre as diferentes abordagens dadas à escola pública e à escola particular pelas mídias.

Nesse sentido, ao realizar a busca por notícias em mídias digitais da minha região, deparei-me com uma notícia veiculada no dia 11 de abril de 2019, pelo portal de notícias Midiamax, que trazia a seguinte manchete: “Aluno é afastado após ameaça de ‘massacre’ em escola particular de Campo Grande”¹. De acordo com as informações, um aluno do 7º ano do ensino fundamental, portanto, com 12 anos de idade aproximadamente, de uma escola particular da cidade de Campo Grande (MS), foi afastado das atividades escolares após ser apontado como agente de uma suposta ameaça de massacre. O autor da notícia afirma: “o estudante teria dito a uma colega da mesma sala para não comparecer à aula no dia seguinte, porque “algo iria acontecer”.” Assustada, a menina conta o ocorrido aos pais, que interpelam a diretora da escola e pedem que medidas sejam tomadas. Na reportagem, não há muitas informações sobre como de fato aconteceria esse massacre; destaca-se apenas que “o jovem teria, inclusive, lista de colegas e professores que seriam alvos do suposto ataque”. O repórter prioriza as informações acerca das medidas tomadas por parte da escola em relação à situação do aluno, destacando a

¹ Notícia completa disponível em: <<https://www.midiamax.com.br/cotidiano/2019/aluno-e-afastado-apos-ameaca-de-massacre-em-escola-particular-de-campo-grande>>. Acesso em: 22 jan. 2021.

voz da diretora e as providências adotadas: o estudante foi afastado para atividades domiciliares e, ao retornar, passaria por revistas para ter acesso à escola. Na mesma notícia, apresenta-se o subtítulo: “Ameaças em escolas”, menciona o caso da tragédia de Suzano (SP), que teve uma repercussão nacional, e cita outros casos de ameaça em escolas da rede pública do Estado (MS).

No mesmo jornal, encontrei outra notícia veiculada no dia 30 de maio de 2019, que tinha como manchete: “Adolescente faz ameaça de massacre e aulas de escola são suspensas em MS”². De acordo com as informações, o caso aconteceu em uma escola pública, no município de Jardim (MS). Na mesa da sala de aula, o estudante teria escrito a seguinte frase: “amanhã vocês vão ver o que eu sou de verdade quando não houver nenhum sobrevivente nessa escola”. O aluno apontado como autor da ameaça teria publicado fotos de armas em uma rede social, recebendo do jornal o seguinte relevo: “o aluno em questão teria publicado em seus “status” do WhatsApp fotos de armas e uma mensagem: “É amanhã E.E.C.P.J.R” (Escola Estadual Celso Pedro José Rufino)”. O repórter diz: “a situação mobilizou pais, alunos e a diretora da escola, que decidiu por suspender as aulas para que não exista qualquer perigo para a população”, e a outra medida adotada por parte da escola foi encaminhar o caso para a Polícia Militar. A notícia não traz informações sobre os tipos de armas às quais o acusado teria, supostamente, posse, porém, informa que o aluno foi apreendido, pois em sua residência foram encontradas as armas que seriam usadas no ataque. Somente no final da notícia, o repórter traz a voz de um dos órgãos responsáveis pela escola, a Secretaria de Estado de Educação (SED), para informar aos leitores a respeito do caso: “foi uma suposta ameaça de ataque – não concretizada – por parte de um dos estudantes.”

Dessa forma, apresento algumas observações preliminares, realizadas a partir da leitura dessas duas notícias. Em relação ao caso da escola particular, a mídia organiza as informações visando amenizar o caso, para tal fim, traz detalhes das medidas adotadas por parte da escola para resolver a situação, menciona o fato de ser um aluno de ensino fundamental (7º ano), ou seja, um adolescente. Em nenhum momento o jornal cita o nome ou o bairro onde está localizada a escola, desse modo, produz um efeito de preservação da imagem do estabelecimento. Com o objetivo de amenizar a situação e tirar o foco do caso que ocorreu na escola particular, o jornal comenta sobre casos semelhantes, ameaça de massacre, que aconteceram em escolas da rede pública. Além disso, o modo como são dispostas as informações e os argumentos utilizados pelo jornal podem fazer com que os leitores interpretem a situação como apenas um mal-entendido ou até mesmo uma brincadeira.

² Notícia completa disponível em:< <https://www.midiamax.com.br/cotidiano/2019/adolescente-faz-ameaca-de-massacre-e-aulas-de-escola-sao-suspensas-em-ms>> . Acesso em: 22 jan. 2021.

No entanto, ao noticiar o caso da escola pública, o jornal expõe, logo nas primeiras linhas, o nome da instituição e apresenta uma fotografia da fachada da escola, sem demonstrar preocupação em zelar pela imagem do estabelecimento. Palavras e expressões como “gatilho”, “pânico”, “armas”, “temendo pelo pior” e “perigo para a população” são utilizadas na notícia com a finalidade de dar ênfase à situação. São poucas as informações a respeito das medidas adotadas por parte da escola. Destaca o apoio da polícia para resolver a situação, que apreendeu o aluno; essas informações são apresentadas de forma breve, sem muitos detalhes. Não é relatado quais armas seriam usadas no ataque, porém, ao utilizar a palavra “gatilho”, faz com que o leitor infira se tratar de armas de fogo. Vale destacar que o jogo de palavras, as expressões utilizadas e o modo como os fatos são marcas de que se vale o enunciador para transmitir aos leitores a gravidade do caso.

Após ler as notícias, inquietou-me o modo como o mesmo jornal apresentou os dois casos de violência escolar semelhantes, um suposto massacre, de formas distintas. Dito isso, o problema que norteia este trabalho de pesquisa foi pensado tendo por orientação esta questão: ao noticiar casos de violência na escola, como a mídia trata discursivamente os estabelecimentos “escola pública” e “escola particular”?

A seguir, apresento breve levantamento bibliográfico do tema “escola e violência” e a trajetória desta pesquisa. A princípio comecei a questionar, ao ler tais trabalhos, como são noticiados os casos de violência que acontecem em escolas e quais jogos de saber e poder estão imbricados no tratamento (des)igual dado pela mídia aos dois espaços educacionais. Por meio dessas questões, passei a explorar a temática com base nesses resultados de pesquisa, tendo como objetivo observar o que já foi pesquisado a respeito dessa temática.

1.1 EXPLORANDO O TEMA

Em um primeiro momento, levantei produções acadêmicas (artigos, dissertações e teses) que abordaram escola e violência como assunto de pesquisa. Para coletar esses textos, utilizei as bases de dados: Catálogo de Teses e Dissertações da Capes³, Domínio Público⁴ e Scielo⁵. Na primeira busca, realizada em 10 de fevereiro de 2021, selecionei trabalhos observando apenas os títulos, que faziam referência à violência, escola e mídia, formando um primeiro conjunto de textos.

³ Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/>>. Acesso em: 04 mar. 2021.

⁴ Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>>. Acesso em: 04 mar. 2021.

⁵ Disponível em: <<https://www.scielo.org/>>. Acesso em: 04 mar. 2021.

Na segunda seleção, realizada em 02 de março de 2021, com base na leitura dos resumos e considerações finais, primeiramente refinei o conjunto de textos, selecionando somente aqueles que tratavam da violência nas escolas que tiveram como meio de divulgação os meios de comunicação social (mídias). Em um segundo momento, procedi, quando necessário para esclarecer pontos importantes, à leitura integral dos textos selecionados. Por meio do processo de pesquisa, coleta e leitura do conjunto dos textos, constatei que a temática da presente pesquisa é estudada por diversas áreas do conhecimento, dentre elas: Psicologia, Educação e Análise do Discurso.

No campo da psicologia, por exemplo, Reis (2010) discute o fenômeno violência nas escolas a partir de notícias veiculadas em uma mídia impressa de grande circulação no Distrito Federal, tendo como objetivo analisar como o jornal *Correio Brasiliense* retrata a violência escolar dentro e fora das instituições de ensino e verificar o papel da mídia na “incitação do pânico moral” que determinadas notícias causam na população. Para a autora, a violência no ambiente escolar é um reflexo das transformações históricas, culturais e sociais que atingem a escola, assim os atos violentos em espaços educacionais são produto de “violências existentes nos demais meios sociais.” (REIS, 2010, p.32). Com a pesquisa, a autora chega à seguinte conclusão: “os resultados desse estudo apontaram para a tendência da mídia, do Estado e da sociedade influenciarem-se reciprocamente e partilharem de uma mesma percepção sobre o fenômeno violência nas escolas.” (REIS, 2010, p.127).

Na área da educação, Nascimento (2014) trata de um tipo de violência escolar específico, o *bullying*, tendo como objetivo analisar os enunciados presentes na mídia impressa pedagógica – Revista *Nova Escola* – e “identificar como se produz esse discurso e seus possíveis impactos na formação dos sujeitos do cenário da educação.” (NASCIMENTO, 2014, p.18). A respeito da violência nos espaços educacionais, a autora argumenta que esse fenômeno pode ser discutido a partir de três fatores: distúrbios de comportamento individual; a (re)produção de desigualdades sociais; e inserção de violências menores no ambiente escolar. Segundo Nascimento (2014), a violência na escola não é restrita apenas a agressões físicas, psicológicas ou morais que podem resultar em consequências jurídicas ou penais. Para ela, a violência na escola vai além dessas questões e implica outros tipos de violência como: a violência simbólica e as violências institucionais.

Em relação aos discursos midiáticos, Nascimento afirma que a mídia “tem autorização para falar de tudo o que acontece na vida em sociedade, seja sob o foco da informação ou do entretenimento” (2014, p.17), assim atua sobre os indivíduos exercendo poder quanto a pensamentos, ações, eventos e práticas sociais, e que, dessa forma, o discurso das mídias torna-

se um instrumento poderoso. Portanto, a conclusão da autora é a de que há “apropriação do discurso pedagógico pelo discurso midiático” e de que a mídia exerce um papel discursivo de “representatividade social” na construção e composição dos sujeitos no campo da educação. (NASCIMENTO, 2014, p.117).

Ainda no campo da educação, Silva (2012) faz uma pesquisa documental baseada nos estudos discursivos de Bakhtin e tem como finalidade investigar os discursos do jornal *O Liberal* acerca da violência escolar em Belém/PA, no período de 2001 a 2010. A autora investigou os sentidos e significados que são produzidos pelo jornal, identificando as recorrências de notícias acerca da violência escolar e analisando os discursos que são materializados no jornal. Para a autora, as mídias possuem o papel de divulgação de informações que consiste em selecionar e organizar os fatos sociais, sendo capazes de incluir ou excluir temas ao noticiar um acontecimento.

Silva comenta que o discurso midiático é ideológico, marcado por um posicionamento social. O discurso da mídia é “imbuído de interesses e valores que, ao propor as notícias como o faz, expressa, sobretudo, uma tomada de posição perante as questões sociais.” (SILVA, 2012, p.13). Além disso, a mídia funciona como “articuladora de sentido e partícipe da construção da realidade social.” (2012, p.13). A autora destaca, ainda, que a violência na Escola é uma problemática que perpassa o espaço (social, territorial e relacional) da escola, e afeta a rotina da instituição e da comunidade escolar. A violência na escola é um fenômeno multifacetado, pois “não somente atinge a integridade física, mas também a integridade psíquica, emocional e simbólica de indivíduos ou grupos, nas diversas esferas sociais, seja no espaço público, seja no espaço privado.” (SILVA, 2012, p.37).

Em Análise do Discurso (AD), encontrei alguns trabalhos que estudam essa temática, dos quais, vale destacar o trabalho de Oliveira (2012), pois aborda a problemática “violência na escola” a partir de um estudo de caso sobre um crime cometido dentro da sala de aula de uma escola pública em Belém/PA, analisando como foi noticiado o caso em dois jornais impressos (*O Liberal* e *Diário do Pará*), veículos de comunicação de grande circulação nessa cidade. O principal objetivo de Oliveira foi investigar a influência que a mídia exerce na difusão e composição do fenômeno violência nas escolas, também compreender e avaliar sua função como produtora de identidades em relação à escola pública. (OLIVEIRA, 2012, p.18). Segundo a pesquisadora (2012), os discursos midiáticos provocam uma “movimentação de sentidos” que são responsáveis por produzir esquecimentos e silenciamentos. A autora afirma que:

[...] estes discursos têm fundamental papel no fomento de memórias, especialmente de memórias institucionais e/ou coletivas. A mídia participa do processo de produção de sentidos dos fatos, tanto fortalecendo memórias do passado, como construindo memórias do futuro e, portanto, contribuindo na constituição do imaginário social. (OLIVEIRA, 2012, p.61).

Oliveira mostra que o discurso midiático é carregado de memórias, ou seja, de já-ditos acerca de um determinado tema/assunto. Para a pesquisadora (2012), ao divulgar informações a respeito da violência nos espaços educacionais, a mídia distorce informações, “ora exagerando, ora omitindo determinados aspectos essenciais para a compreensão do evento em si”. Nas linhas finais de seu estudo, a autora argumenta que “a mídia relata os fatos, mas não contribui com soluções, porque está distanciada da realidade, comprometida com uma “pauta velha” que se dedica a competir com outros veículos.” (OLIVEIRA, 2012, p.100).

Outro trabalho de relevo é o de Silva (2010), que verifica como o objeto escola pública é produzido e “(re)significado” por meio dos discursos jornalísticos que circulam na mídia online brasileira, tendo como objetivo: “evidenciar como estão sendo produzidas disseminadas e validadas certas verdades sobre a escola na contemporaneidade.” (SILVA, 2010, p.15). A autora fundamenta sua pesquisa em pressupostos teóricos da Análise do Discurso, tendo como principal referência o filósofo Michel Foucault. Em seu trabalho, Silva não investiga apenas o tema violência na escola, pesquisa outras temáticas, como alimentação e sexualidade, pois, segundo ela, são de interesse tanto da instituição escolar quanto da mídia.

Para Silva (2010), a mídia, por ser um instrumento formador de opinião, exerce um papel importante na produção de regimes de verdade. A pesquisadora argumenta que o discurso jornalístico é legitimado sob a égide da objetividade, transmite as informações tentando retratar a realidade do acontecimento, o que lhe confere credibilidade, a depender de quão eficiente é. Além do mais, esse discurso é caracterizado pelo discurso referencial, a imparcialidade e isenção perante os fatos narrados. Desse modo, as notícias “produzem e legitimam sentidos sobre a escola, ao mesmo tempo em que atuam no governo dos sujeitos” (2010, p.61), assim, a forma como as narrativas midiáticas apresentam as instituições escolares pode influenciar no modo como a sociedade passa a dar sentido a esse objeto.

Ao abordar a questão da construção social e discursiva da escola nas narrativas midiáticas, a autora afirma que o discurso jornalístico é capaz de ressignificar a imagem da escola. Para a autora, a atual configuração da instituição (escola) apresenta-se deslocada e/ou desencaixada da sociedade, pois, “parece haver um desacordo entre as suas práticas e as exigências impostas pelo mundo contemporâneo. Suas estratégias se revelam insuficientes para produzir os sujeitos necessários a uma nova ordem.” (SILVA, 2010, p.128)

Outros pesquisadores também trabalham com a temática “escola e violência”. Por exemplo, Sposito (2001) apresenta um breve balanço das pesquisas sobre violência escolar no Brasil, a partir dos anos de 1980. No conjunto de trabalhos analisados, a autora observou que, durante a década de 1980, o tema que aparecia com maior recorrência nas pesquisas era o de violência contra o patrimônio: vandalismo, depredações, pichações, furtos e invasões. Sposito aponta que, durante a década de 1990, houve uma mudança nos padrões de violência escolar, que passaram a englobar tanto a violência contra o patrimônio quanto as práticas de agressões interpessoais.

Para a pesquisadora, no período de 1980-2000, os trabalhos revelaram que a mídia, de modo geral, impressa, escrita ou televisiva, atuava como “espaço possível de ressonância de denúncias que afetavam a vida dos estabelecimentos escolares.” (SPOSITO, 2001, p.90). Para a autora, a violência no ambiente escolar sofre influência dos atos violentos que ocorrem em torno das instituições que atingem também os estudantes e influenciam na construção do cenário de violência dentro das escolas. Portanto, Sposito (2001) ressalta que, ao estudar o tema violência escolar, é necessário considerar também as relações sociais que envolvem essa problemática.

Pereira e Silva (2013) analisam notícias sobre a violência na escola a partir do jornal impresso *Folha de S.Paulo*. Os pesquisadores, objetivando analisar as diferentes concepções de violência ocorrida em instituições de ensino que a mídia impressa divulga, selecionaram as notícias a partir de dois períodos, 1980 e 2000, época em que houve o “aparecimento de um número significativo de artigos e pesquisas que enfocam a violência escolar.” (PEREIRA; SILVA, 2013, p.1). Nas análises, os pesquisadores adotaram a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin, e a Sociologia do Imaginário, de autores como: Cornelius Castoriadis, Patrick Legros e Charles Taylor.

Segundo Pereira e Silva, a escola é uma instituição social, construída a partir de “imaginários que dão significado a ela e que estabelecem modelos de comportamento e de modos de interação” (PEREIRA; SILVA, 2013, p.8), ou seja, a instituição escolar é regida por regras que resultam de práticas coletivas inscritas em um contexto sócio-histórico. Para os autores (2013), as mídias atuam na sociedade como um dispositivo de poder, uma vez que divulgam os acontecimentos conforme interesses diversos e, dessa forma, colaboram na produção de sentidos sobre a violência nos espaços educacionais e acabam contribuindo com o conceito de violência escolar, gerando sentimento de insegurança social e formando um imaginário acerca da instituição escolar.

No decorrer do processo de revisão bibliográfica, observei o seguinte: os pesquisadores abordam a questão da violência na escola tendo como foco principalmente aqueles casos que aconteceram em estabelecimentos de ensino públicos. Nesse sentido, proponho uma outra perspectiva de estudo acerca da violência no ambiente escolar: investigar como são noticiados casos semelhantes de violência que ocorrem em instituições de ensino públicas e particulares brasileiras, levando em consideração o tratamento linguístico-discursivo dado pela mídia online a esses estabelecimentos. Dessa forma, minha proposta visa contribuir com os estudos discursivos a respeito da leitura crítica e reflexiva de textos midiáticos, ampliando os conhecimentos teóricos e de análise discursiva existentes sobre a temática em relevo.

1.2. DA PESQUISA

1.2.1. Ponto de partida

No dia 13 de março de 2019, foi veiculado nos meios de comunicação um ataque ocorrido numa escola pública localizada no município de Suzano, estado de São Paulo, sendo explorado em diversas reportagens com vídeos, imagens, depoimentos e charges, que ajudam a compor o arquivo de informações divulgadas a respeito do atentado que ficou conhecido como “Massacre de Suzano”. O acontecimento gerou comoção em todo o país, provocando discussões de jornalistas, especialistas em violência e comportamento escolar, a respeito da presença de armas de fogo na sociedade brasileira.

O ataque aconteceu na Escola Estadual Raul Brasil⁶ durante o intervalo das aulas. Por volta das 9h30min, uma dupla de ex-estudantes da unidade escolar entrou pelo portão da frente da instituição encapuzados e armados com um revólver calibre 38, uma besta (um tipo de arco e flexa que dispara dardos na horizontal), um arco e flexa tradicional, garrafas com coquetel molotov⁷ e uma machadinha. As vítimas do ataque eram estudantes e funcionários da instituição; no total onze pessoas ficaram feridas e dez foram assassinadas. Os autores foram destacados pela mídia: Guilherme Tauci Monteiro, de 17 anos, e Luiz Henrique de Castro, de 25 anos, que cometeram suicídio ainda no interior da escola.

Conforme as investigações da polícia, o crime foi premeditado, e os assassinos inspiraram-se em outros crimes e tragédias em escolas, como o massacre de Columbine, caso conhecido internacionalmente, acontecido em 1999 na Columbine High School, nos Estados

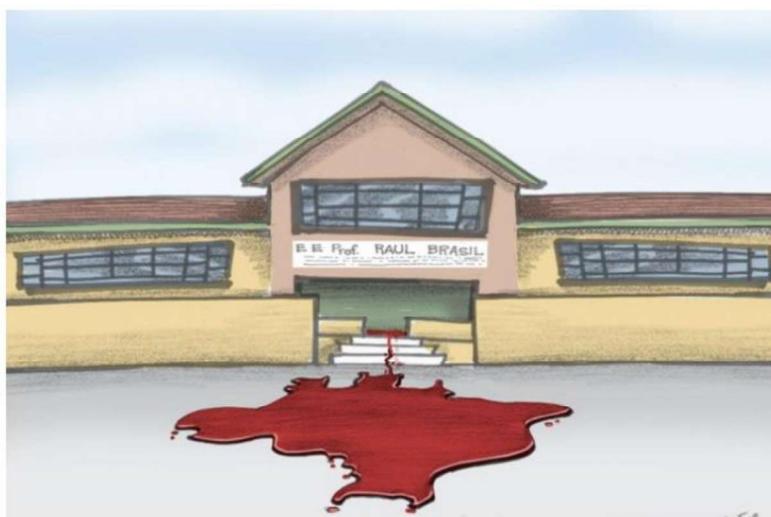
⁶ Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-deixam-feridos-em-escola-de-suzano.ghtml>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

⁷ Produzido com líquido inflamável, em geral, gasolina, é uma arma química incendiária.

Unidos, que deixou cerca de treze mortos e vinte e cinco pessoas feridas. Para os investigadores, o caso da escola Raul Brasil apresenta muita semelhança com o caso de Columbine, principalmente pela forma como foi planejado e executado o ataque.

A Figura 1 ilustra a capa do jornal on-line *Gazeta do Povo* no dia em que aconteceu o ataque à Escola Estadual Raul Brasil.

Figura 1: Tragédia de Suzano.



Fonte: Jornal on-line *Gazeta do povo*⁸

Na ilustração, em primeiro plano é possível observar o desenho da fachada da instituição marcada por cores claras, com paleta azul-branco do céu que representam tranquilidade e serenidade. Outro elemento que chama a atenção são as janelas em formato de grades, que podem ser associadas à falta de segurança ou à prisão. Logo, a imagem ganha um tom mais escuro, marcada por um vermelho sangue intenso, cor associada à violência. Assim, em segundo plano, o que mais chama a atenção ao olhar a imagem é a forma como está representado o mapa do Brasil, uma vez que é constituído simbolicamente pelo sangue das vítimas do massacre que escorre pelos degraus da instituição.

A forma como é apresentado o mapa do Brasil na charge retrata o cenário de violência em que o país está inserido. A violência atinge todo o País, sem exceção de classe social, cor, raça ou gênero. Essa imagem traz à memória outras tragédias e crimes que aconteceram em

⁸ O jornal não menciona a autoria da charge. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaao/bom-dia/o-ataque-em-suzano-o-contexto-os-antecedentes-os-sintomas-a-raiz-7p2304ghx1lthvwhap4mnqvc1/>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

escolas públicas do País, por exemplo: o Massacre de Realengo, ocorrido em 2011 na Escola Municipal Tasso da Silveira, no bairro de Realengo, estado do Rio de Janeiro, caso descrito em notícias como bárbaro, cruel e brutal. O atirador, Wellington Menezes de Oliveira, de 40 anos de idade, entrou na instituição armado com dois revólveres e efetuou disparos à queima-roupa, deixando doze estudantes mortos.

Para a pesquisadora e socióloga Miriam Abramovay (2012), os casos graves de violência que acontecem dentro de estabelecimentos de ensino geralmente são marcados pela presença de armas no ambiente escolar que possui um valor simbólico e pode ser caracterizada como marca de virilidade e de poder, atrelado a esse instrumento estão os sentimentos de fragilidade, medo, impotência e vulnerabilidade. Os crimes cometidos por estudantes em escolas com o uso de armas podem ser associados à busca de visibilidade, atendendo ao apelo de uma sociedade do espetáculo. Segundo a autora, as armas de fogo são símbolo de intimidação por excelência, assim, a partir do momento em que há “legitimação da presença de armas na escola como forma de proteção significa desacreditar na possibilidade de outros meios de resolução dos conflitos, além de abrir espaço para que todos possam agir segundo suas próprias leis.” (ABRAMOVAY, 2012, p.58).

É importante destacar que o massacre ocorrido na escola de Suzano aconteceu alguns meses após a posse do presidente Jair Bolsonaro (2019-2022), defensor da flexibilização do porte e posse de armas e ampliação do acesso a armas de fogo e munições, uma de suas principais promessas durante a campanha eleitoral. Logo, ao assumir o posto de Presidente da República, o primeiro decreto presidencial⁹ é justamente o que flexibilizava as regras para a posse legal de armas de fogo, publicado em 15 de janeiro de 2019.

O discurso pró-armas de Jair Bolsonaro¹⁰ tem como principal argumento, segundo o próprio e os seus defensores, a autodefesa: o cidadão precisa ter direito legal de defender-se. Além disso, apontam que, devido ao alto índice da violência no País, flexibilizar o acesso a armas seria uma solução para diminuir as taxas de violência e criminalidade. Porém, talvez seja mais relevante apontar que modificar a legislação para favorecer o acesso a armas e munições tem mais a ver com o interesse econômico, pois fortalece a indústria armamentista, e reforça a polarização política entre pacifistas e belicistas, quase sempre estes apresentando valores conservadores de direita. O acontecimento, Massacre de Suzano, ampliou as discussões a respeito da lei de armamento proposta pelo presidente.

⁹ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46832821>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/como-bolsonaro-atua-para-facilitar-o-acesso-a-armas/>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

Além disso, o cenário da educação brasileira no ano de 2019 foi marcado por conflitos devido aos cortes orçamentais que atingiram todos os níveis de ensino. Esse período foi denominado pela mídia como “ataques à educação”¹¹, sendo possível encontrar facilmente referências sobre esse assunto. No mês de maio de 2019, o presidente anunciou cortes e bloqueios de verba na educação básica e no ensino superior, provocando atos de protesto e manifestações¹² em todo o País. Houve ao longo do ano diversas paralizações em defesa da educação no território nacional.

Tendo como ponto de partida o acontecimento, “Massacre de Suzano”, o *corpus* de pesquisa foi sendo constituído ao longo desta investigação por textos midiáticos verbais, verbo-visuais e/ou não-verbais (notícias, reportagens, charges) que apresentam narrativas tratando de crimes e tragédias que ocorreram em espaços educacionais, tanto de instituições de ensino públicas quanto particulares brasileiras.

1.2.2. *Corpus* de pesquisa

O *corpus* de pesquisa “não passa de um pretexto, no sentido de que ele é um ponto de partida indispensável para uma análise do discurso, devendo os textos ser confrontados permanentemente com outros textos e outros *corpora*.” (CHARAUDEAU, 2011, p.15). Segundo Charaudeau, todo *corpus* de pesquisa remete “a outros *corpora*”, que são encadeados por contextos sociais e interdiscursivos. Assim, para constituir o *corpus* desta pesquisa, portanto, primeiro defini um acontecimento. Dessa forma, tomei o “Massacre de Suzano” como ponto de partida. Inicialmente, busquei em jornais on-line notícias e reportagens referentes que tratassem do caso, compondo assim um primeiro conjunto de textos que apresentam informações para nós relevantes. Observando como as mídias apresentam e explicam esse acontecimento, verifiquei quais os recursos linguísticos-discursivos utilizados para se referirem à escola pública.

A partir dessas observações, passei a buscar notícias de crimes e tragédias que aconteceram em espaços educacionais de instituições particulares, sendo semelhantes ao caso de Suzano. Em um primeiro momento, constatei que, quando se trata de escolas particulares, o número de notícias acerca desse tipo de acontecimento é menor se comparado às notícias relacionadas à escola pública. Em seguida, analisei a construção discursiva das narrativas

¹¹ Disponível em: <<https://observatoriodoconhecimento.org.br/cortes-mentiras-e-ameacas-os-primeiros-6-meses-de-guerra-do-governo-bolsonaro-contra-a-educacao-publica-brasileira/>>. Acesso em: 03 fev. 2021.

¹² Disponível em: <<https://atarde.uol.com.br/brasil/noticias/2059720-cidades-brasileiras-tem-atos-contra-cortes-federais-na-educacao?status=1&nocache>>. Acesso em: 03 fev. 2021.

mediáticas, os recursos, mecanismos e estratégias linguísticas utilizadas pela mídia ao apresentar um caso de violência no estabelecimento, escola particular.

Esse método de composição do *corpus* é denominado por Charaudeau de “método do caramujo”, e consiste em:

[...] partir de um primeiro *corpus* nuclear determinado segundo parâmetros de tempo, espaço, gêneros, dispositivos, locutores, temas etc., em função dos objetivos de análise que foram propostos; para depois estender progressivamente esse *corpus* confrontando-o com outros, tanto quanto for necessário, em função das questões que surgem à medida que prosseguem as análises. (CHARAUDEAU, 2011, p.15).

Nesse sentido, ao analisar os discursos da mídia, verifiquei as condições de produção do discurso, ou seja, olhei para os aspectos históricos, ideológicos e sociais que envolvem a composição e a (re)produção dos discursos, dado que “as transformações históricas possibilitam-nos a compreensão da produção dos discursos, seu aparecimento em determinados momentos e sua dispersão.” (FERNANDES, 2005, p.17).

Considerando que, para Foucault (2008), o discurso é “um conjunto de enunciados” que fazem parte de uma formação discursiva e que formação discursiva (FD) é aquilo que determina o que pode e deve ser dito em um determinado lugar e em uma época específica, ou seja, “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa.” (FOUCAULT, 2008, p.133), esta pesquisa adota, predominantemente, a abordagem qualitativa, por considerá-la a mais adequada aos estudos das singularidades dos discursos. Ao realizar, portanto, uma análise qualitativa de informações midiáticas a respeito da violência em estabelecimentos de ensino públicos e privados, essa abordagem leva em consideração, além do exposto sobre a FD, que os discursos atuam em redes de interdiscursividade, dado que “há discursos atravessando textos diferentes, e um mesmo texto pode ser portador de discursos diferentes.” (CHARAUDEAU, 2011, p.6).

As reflexões e análises apresentadas neste trabalho se sustentarão, principalmente, na perspectiva teórica dos Estudos Discursivos, de modo particular, nas contribuições de como Michel Foucault (1996; 2008) e seu comentadores/problematizadores, como Han (2017; 2019) e Fernandes (2005); ambos oferecem o aporte primeiro para pensar os discursos e as relações de saber e poder que estão imbricados na sociedade. Além disso, a pesquisa mantém um diálogo permanente com outras áreas do conhecimento que se dedicam ao estudo da violência, de modo especial, a sociologia e a psicologia.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo apresento a base teórico-metodológica que norteia esta pesquisa. Inicialmente, trago algumas considerações a respeito da Análise do Discurso, em seguida faço uma breve discussão acerca das mudanças históricas da violência no ambiente escolar. Em um segundo momento, discorro sobre as relações entre escola, violência e poder. Por fim, comento a respeito de mídia e discurso. As discussões apresentadas neste capítulo foram desenvolvidas com base, sobretudo, em autores como Bernard Charlot (2002), Byung-Chul Han (2017; 2019), Daniel Lemos (2012), Hannah Arendt (2004), Maria do Rosário Gregolin (2007; 2020), Michel Foucault (1987; 1996), Miriam Abramovay (2009; 2015) e Patrick Charaudeau (2013)¹³.

2.1 ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso de linha francesa é uma disciplina que se desenvolveu na França, tendo como um dos primeiros expoentes o filósofo Michel Pêcheux. A Análise do Discurso (AD) enquanto campo de conhecimento é definida por seu caráter interdisciplinar (FERNANDES, 2005), ao interagir com outras disciplinas, como a Linguística, a História, a Sociologia e a Psicologia, que permite ao analista compreender os sentidos e o funcionamento dos discursos. Ou seja, cabe ao analista do discurso desempenhar uma espécie de papel de arqueólogo, que, por meio de investigações e análises de enunciados, contribui para a (re)construção de sentidos dos discursos possíveis. Vale destacar que, na AD, os discursos são analisados a partir do *dizer sobre*, sendo o discurso definido como

[...] um conjunto de enunciados, na medida em que se apóiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. (FOUCAULT, 2008, p.132)

Examinar os dizeres da mídia a respeito da violência nos espaços educacionais implica considerar que “todo discurso resulta de um *já-dito*” (FERNANDES, 2005, p.39), dessa forma, todo discurso é constituído em diálogos com outros discursos. Para Sírío Possenti (1995), os elementos que compõem os discursos são históricos e “seu exterior é densamente povoado por

¹³ Levando em consideração que meu objeto de pesquisa transita por vários campos de conhecimento, mobilizo os teóricos mencionados, uma vez que as contribuições apresentadas são importantes para o trabalho de pesquisa.

outros discursos e, portanto, sua emergência num determinado texto numa determinada instância nunca é original, mas já antecedida de muitas ocorrências. Portanto, o discurso nunca é originário de um eu, mas de um outro (discurso).” (POSSENTI, 1995, p.48).

Analisar discurso não é, assim, apenas analisar texto. É compreender como vozes falam num determinado texto sobre um determinado assunto numa determinada época, e assim compreender seu(s) discurso(s). Consoante Foucault (2008), ao analisar discursos, o analista deve levar em consideração as práticas discursivas, compreendidas como um conjunto de “regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa.” (FOUCAULT, 2008, p.133). Dito de outro modo, ao analisar os discursos da mídia acerca da violência na escola, considero o que já foi, de alguma forma, dito por alguém, em algum momento na história. Por essa razão, ao analisar os discursos, levo em conta as condições de possibilidade desses discursos.

Nesse sentido, as condições de possibilidade funcionam como um conjunto de elementos que envolvem a produção do discurso, dessa forma, o contexto sócio-histórico, os interlocutores, o lugar de fala de cada sujeito são, dentre outros, aspectos que o analista de discurso deve considerar ao examinar os sentidos de um discurso. Além disso, as condições de possibilidade permitem que o enunciado possa surgir e ser validado, sendo que

[...] o enunciado não é, pois, uma estrutura [...] é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). Não há razão para espanto por não se ter podido encontrar para o enunciado critérios estruturais de unidade; é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço. (FOUCAULT, 2008, p. 98)

Os enunciados produzidos pela mídia, centrados na questão da violência, sobretudo aqueles que abordam a violência na escola, devem ser analisados levando em consideração o lugar sócio-histórico que marcam o momento da enunciação. Para a AD, não se pode analisar um discurso levando em consideração apenas os aspectos gramaticais da língua presentes num texto, dado que o discurso implica uma “exterioridade à língua”, a saber: aspectos sociais, históricos e culturais; esses elementos cercam a produção dos discursos, uma vez que, o discurso “encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente lingüística.” (FERNANDES, 2005, p.12).

Segundo Foucault (2008), o enunciado não é apenas uma “projeção direta” de uma determinada situação ou um conjunto de representações. Também não se pode considerar que o enunciado é a simples utilização, por um sujeito falante, de elementos e regras linguísticas. O enunciado para o autor é um “campo enunciativo onde tem lugar e *status*, que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual.” (FOUCAULT, 2008, p.111). Além disso, o filósofo argumenta que não existe enunciado livre, neutro ou independente, pois um enunciado sempre faz parte de um conjunto e, assim, desempenha uma função no meio dos outros, seja apoiando ou se distinguindo deles. Dessa forma, “ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja.” (FOUCAULT, 2008, p.112).

Ainda tratando a respeito do enunciado na concepção foucaultiana, o autor afirma que “não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis.” (FOUCAULT, 2008, p.112). Nesse sentido, para Foucault (2008, p. 112), o enunciado só existe na medida em que um discurso se apresenta em um ponto definido, em uma posição determinada e em um jogo enunciativo que o extrapola.

A existência do enunciado pressupõe a existência de sujeitos enunciadores, que são responsáveis pelo enunciado e não se podem confundir com o sujeito gramatical ou mesmo com o indivíduo-autor (pessoa física). Para Foucault (2008), sujeito não é, em síntese, aquele reduzido a elementos gramaticais de primeira pessoa (“Eu”) que podem ser encontrados no interior dos períodos, determinado e classificado pelas funções que exerce na oração. O sujeito tampouco pode ser compreendido como autor (que articulou ou escreveu um discurso). O sujeito ao qual Foucault (2008) se refere é historicamente determinado e constituído pelas relações de poder, sendo, portanto, uma função. Dessa forma, o sujeito ocupa um lugar social, cultural e histórico, ou seja, está inserido em uma conjuntura social. Levando em consideração que o sujeito é determinado pela historicidade e pelas relações de poder, é importante destacar que o sujeito de um enunciado não é o mesmo em outro, dado que a função enunciativa pode ser exercida por sujeitos distintos. Assim, por exemplo, o jornalista que assina uma matéria pode ocupar posição de sujeitos distintas quando fala de escola pública ou de escola privada: “um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos.” (FOUCAULT, 2008, p.105). O sujeito discursivo pode ocupar, como vimos, diferentes posições em um determinado momento. Nesse sentido, a título de ilustração, o *corpus* desta pesquisa permitiu observar as seguintes regularidades: nas notícias que abordam a “violência em estabelecimentos de ensino públicos

e privados”, os alunos das escolas públicas ora ocupam a posição de sujeito-estudante, ora de sujeito-criminoso, ora sujeito-assassino; os estudantes das escolas particulares assumem, quase sempre, a posição de sujeito-aluno, sujeito-adolescente ou sujeito-acusado.

Por essa razão, o papel do analista do discurso não é ser leitor de texto num sentido estruturalista, observando aspectos formais e se perguntando *o que o autor quis dizer com*. É preciso interpretar e compreender enunciados, construindo sentidos; observando *como* os discursos circulam. O analista tem como objetivo mostrar que, pelo uso da língua(gem), não se edificam sentidos transparentes ou neutros, mas sim textos forjados na história. Assim, a análise do discurso “não desvenda a universalidade de um sentido; ela mostra à luz do dia o jogo da rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação.” (FOUCAULT, 1996, p.70).

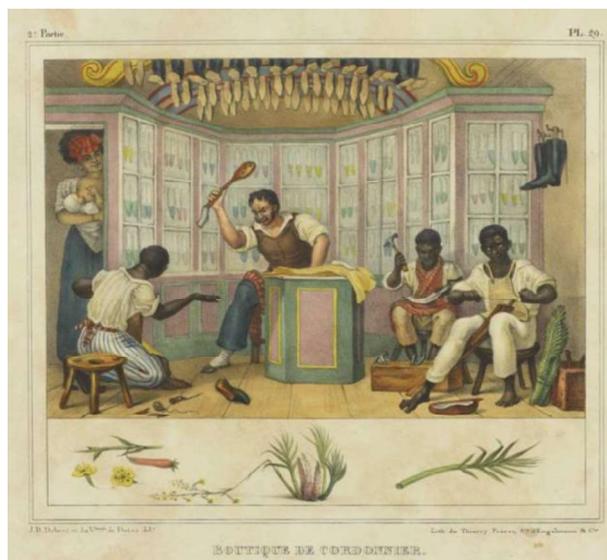
2.2 VIOLÊNCIA NA ESCOLA: ONTEM E HOJE

Na sociedade do século XXI, as formas de manifestação da violência são modificadas conforme a “constelação social” de que faz parte, e isso significa que, dependendo da posição social e econômica de um determinado grupo, ou de um indivíduo, a maneira como a violência é noticiada é topologicamente diferente. Para o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2017), a violência passa por mudanças topológicas. De modo mais específico, a violência é capaz de deslocar-se “do caráter visível para o invisível, do frontal para o viral, da força bruta para o medial, do real para o virtual, do físico para o psíquico, do negativo para o positivo”, além disso, ela “se retira para espaços subcutâneos, subcomunicativos, capilares e neuronais, de modo que surge a falsa impressão de que ela teria desaparecido.” (HAN, 2017, p.7-8). Nesse sentido, a violência parece como elemento constitutivo de nossas sociedades, não desaparecendo, portanto, mas sim sofrendo mudanças em sua forma de manifestação. Quando se trata de “violência na escola”, tal perspectiva também se aplica. Ao analisarmos a história da constituição da instituição “escola” no Brasil, encontram-se registros das mudanças topológicas de violência no cenário educacional, como mostro a seguir. Ao realizar um breve levantamento histórico da educação no Brasil, (re)afirmo que a violência sempre esteve presente e entrelaçada ao ambiente escolar.

No século XIX, os castigos físicos eram usados como forma de disciplinar os estudantes. Conforme aponta Aragão e Freitas (2012), por volta dos anos de 1800, “os castigos físicos tinham dois fins: punir o mau comportamento e a dificuldade de aprendizagem”. Na época, eram utilizados chicotes e palmatórias, ferramentas que auxiliavam os docentes a manter, conforme a visão dominante, a ordem e disciplina em sala de aula. Para as autoras, por exemplo,

a palmatória é o instrumento simbólico que marca a educação brasileira do século XIX, ilustrativamente representada na Figura 2, uma gravura denominada *Boutique de Cordonier* [Oficina de Sapateiro], de Jean-Baptiste Debret, datada de 1835:

Figura 2: Boutique de Cordonier [Oficina de Sapateiro].



Fonte: Debret, Jean-Baptiste (desenhista), 1768-1848. *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. Tome deuxième. p. 32.¹⁴

Ademais, a “palmatória representava um símbolo de poder, de hierarquia, de diferenças geracionais e de instrumento civilizatório.” (ARAGÃO; FREITAS, 2012, p.26). Segundo Lemos (2012), por sua vez, a palmatória foi uma ferramenta usada como prática pedagógica do suplício¹⁵, que deixou marcas na memória escolar e no imaginário da sociedade sobre a instituição. Em relação aos castigos físicos, o autor destaca que eram utilizados para “obter uma disciplinarização do corpo e do espírito”. (LEMOS, 2012, p.628). Para Foucault (1987), esse tipo de penalidade poderia facilmente ser encontrado nas instituições disciplinares, como a escola, a fábrica/oficina, o quartel. Segundo o autor,

Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseira, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não

¹⁴ Disponível em: < http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=16399 >. Acesso em: 20 out. 2021.

¹⁵ Na primeira parte de *Vigiar e Punir* (1987), Foucault dedica-se a estudar o “Suplício”. Para o autor, o suplício não é algo irracional, como se pode comumente pensar, e sim uma técnica, uma prática institucionalizada, logo, regulamentada, cuja “essência” está em promover dor e sofrimento como forma de punir o indivíduo por uma má-conduta.

conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações. Trata-se ao mesmo tempo de tornar penalizáveis as frações mais tênues da conduta, e de dar uma função punitiva aos elementos aparentemente indiferentes do aparelho disciplinar: levando ao extremo, que tudo possa servir para punir a mínima coisa; que cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora. (FOUCAULT, 1987, p.203)

Durante o século XX, os castigos físicos ainda eram usados em instituições de ensino, porém, ao longo dos anos de 1900, as punições físicas foram perdendo força e passaram a ser substituídas por castigos de cunho moral, que tinham como objetivo incutir o sentimento de vergonha e humilhação nos alunos (ARAGÃO; FREITAS, 2012). Assim, as punições físicas passaram a ser punições morais: “pontos negativos na caderneta escolar, aplicada arguição na frente dos colegas, chamada a atenção de forma grosseira perante o grupo, lidas cópias de trechos de livros ou de frases moralistas”. Também havia os castigos de privação de saída para o recreio ou de alimentação e permanecer na escola após o horário da aula. (ARAGÃO; FREITAS, 2012, p.26-29). A partir desse período “o corpo adquire uma significação totalmente diferente; ele não é mais o que deve ser supliciado, mas o que deve ser formado, reformado, corrigido, o que deve adquirir aptidões, receber um certo número de qualidades”, é necessário qualificar esse corpo para que ele seja capaz de trabalhar. (FOUCAULT, 2002, p.119).

As autoras afirmam ainda que os castigos físicos perderam proeminência, mas não significou seu fim, dado que houve uma ressignificação do castigo físico aplicado pelos docentes, passando para o chamado castigo físico indireto, punição aplicada em casa pelos pais dos alunos que cometiam algum tipo de “falta na escola”. Aragão e Freitas dizem que, “no espaço escolar, o professor não poderia bater na criança, mas os pais poderiam exercer esse poder, assim, uma anotação na caderneta, uma suspensão ou até um castigo na escola poderia significar muitas surras em casa.” (ARAGÃO; FREITAS, 2012, p.29). O castigo, assim, funcionava como uma prática para endireitar o corpo e o espírito, uma espécie de ortopedia corpo-alma, praticada pelas duas mais importantes instituições na formação do sujeito: a família e a escola.

Vale destacar que, ao longo dos séculos, houve mudanças conceituais e legais significativas no cenário da violência em ambiente escolar. Se, em séculos anteriores, a violência apresentava-se em forma de castigos físico e moral, nas décadas do século XX diversos outros mecanismos pedagógicos de controle disciplinar foram criados. Surgem mudanças que visam formas supostamente mais eficientes de controle, em que não era mais necessário o uso da violência sobre o corpo. Nesse sentido, Lemos (2012) argumenta que o novo controle disciplinar utilizava, por exemplo, “instrumentos simples, como o olhar

hierárquico, onde ver e ser visto ou sentir-se observado induzia a efeitos de poder, cada olhar é uma peça nesse jogo de controle modesto.” (LEMOS, 2012, p.642).

A respeito do olhar como o novo instrumento do controle disciplinar, Foucault (1979) afirma que o olhar vai exigir pouca despesa, pois não precisa de armas, do uso de violência física (palmatórias, por exemplo), punições ou coações materiais: basta “apenas um olhar. Um olhar que vigia e que a cada um, sentindo-o pesar sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo; sendo assim, cada um exercerá esta vigilância sobre e contra si mesmo.” Para o autor, esse olhar é uma “fórmula maravilhosa: um poder contínuo e de custo afinal de contas irrisório.” (FOUCAULT, 1979, p.218).

Segundo Lemos (2012), as discussões acerca da violência nas instituições de ensino nunca se encerraram. No Brasil, pelo menos desde 1854, quando foi elaborada uma das primeiras normativas acerca da violência nas instituições de ensino, decreto n. 1.331-A, de 17 de fevereiro de 1854¹⁶, é proibida a aplicação de castigos e/ou punições físicas, morais e psicológicas, o que demonstra certa longevidade a preocupação em se limitar a violência institucionalizada em ambientes escolares. Concomitante à criação de normas e leis, a saber: Constituição Federal de 1988¹⁷, Lei n. 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB¹⁸) e Lei n. 8.069/1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA¹⁹), que têm como finalidade garantir e preservar o direito, e o acesso à escola e à educação de qualidade, também assegurar a integridade física, moral e psicológica daqueles que frequentem as instituições de ensino sejam respeitadas.

Todavia, no século XXI, a violência na escola novamente é ressignificada e toma novas formas de manifestação. Para a pesquisadora e socióloga Miriam Abramovay (2009), a temática “violência na escola” é complexa e pode envolver diferentes tipos e formas de manifestação, uma vez que, a violência se entrelaça e muda de significado de acordo com o processo social, ou seja, ela decorre do equilíbrio das relações sociais. Nesse sentido, a autora destaca alguns tipos de violência comuns nas escolas brasileiras, a saber: *bullying* e, com a popularização das redes sociais, *cyberbullying*, ameaças, discriminações, racismo e sexismo, furtos, vandalismo, agressões verbais, físicas e psicológicas. No caso destes dois tipos de violência, a língua(gem) adquire relevo pois têm nesta sua principal forma de expressão de poder e de resistência²⁰.

¹⁶ Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1331-a-17-fevereiro-1854-590146-publicacaooriginal-115292-pe.html>>. Acesso em: 25 set. 2021.

¹⁷ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 25 set. 2021.

¹⁸ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 25 set. 2021.

¹⁹ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acesso em: 25 set. 2021.

²⁰ Sobre a linguagem e o (ciber)bullying, consultar Azevedo e Machado (2020).

A violência no ambiente escolar atinge diretamente a qualidade do ensino e a comunidade educacional, é o que demonstram trabalhos aqui analisados. A escola é uma instituição privilegiada: por tem por função principal ensinar, ela torna-se um espaço de relações sociais (socialização), e, por essa razão, um lugar onde os conflitos (de classe, de identidade, de sexo, de religião, de opiniões políticas, etc.) ficam visíveis. Segundo Abramovay, a escola produz e reproduz violência, dado que a instituição “não apenas reproduz as violências correntes na sociedade, mas produz formas próprias, de diversas ordens, tipos e escalas, que se refletem no dia a dia.” (ABRAMOVAY, 2015, p. 9). Nesse sentido, Charlot (2002) argumenta que a questão da violência na escola não parte apenas dos alunos, não deve ser discutida somente em relação aos alunos, como também a servidores em geral, sobretudo, docentes.

Dessa forma, há diferentes tipos e formas de violência que afetam o cotidiano das instituições de ensino. A violência na escola como o produto de “construção a partir de histórias vividas e recolhidas pelos diversos atores em suas memórias e nas relações que estabelecem ao longo de suas vidas” (ABRAMOVAY, 2015, p.18). Em seu estudo, a autora apresenta alguns tipos de violência presentes nos espaços educacionais, aos quais ela denomina “microviolência” e “violência dura”. Segundo Abramovay (2015), as microviolências acontecem com frequência e podem passar despercebidas, são elas: agressões verbais, xingamentos, incivildades, desrespeitos, ofensas, modos grosseiros, discussões, intolerância, preconceito e discriminação de raça, de gênero, religiosa e econômica.

Por outro lado, a violência dura se refere a “atos e episódios que podem resultar em danos irreparáveis aos indivíduos e, por isso, exigem a intervenção estatal” (ABRAMOVAY, 2015, p.14). Podem ser consideradas violência dura: ameaças “caracterizada pelo ato cujo objetivo é intimidar, amedrontar e criar situações de insegurança” (2015, p.14); agressão física marcada por atos que causam danos físicos aos envolvidos, por exemplo, as brigas; violência sexual e moral, furtos e uso de armas brancas e de fogo. A autora argumenta, como mencionei, que a violência na escola em suas diversas formas e modalidades de manifestação possui um impacto direto na qualidade da educação prejudicando todo o ambiente educacional.

Bernard Charlot (2002) defende, por sua vez, que é necessário estabelecer distinções conceituais acerca da violência nos espaços educacionais. Para o autor, deve-se diferenciar a violência na escola, a violência à escola e a violência da escola:

A violência *na* escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência [...] A violência *à* escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou

os insultam, eles se entregam a violência que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam [...] a violência *da* escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam. (CHARLOT, 2002, p.434-435, grifos do autor)

Para Charlot, a violência nos estabelecimentos de ensino está vinculada a outras questões, como: o estado da sociedade, as desigualdades, práticas da instituição (organização do espaço escolar, regras de convivência e relações interpessoais), também é uma questão que está ligada à prática de ensino. Esses elementos contribuem para a composição do cenário violento das instituições escolares. E por essa razão, qualquer discussão que trate de violência na escola deve considerar sempre um cenário mais amplo: não achar que a escolar é um universo apartado da sociedade que envolve.

Portanto, a violência na escola de ontem e de hoje passou por transformações. A cada dia, a violência que acontece nos espaços educacionais é (re)significada ganhando novas formas de manifestação. De acordo com Aragão e Freitas (2012, p.32), os atos de violência “travestiram-se de um caráter menos físico e mais psicológico, mas ainda providos de violência. Continuam causando dor em quem os recebe”.

2.3 ESCOLA, VIOLÊNCIA E AS RELAÇÕES DE PODER-SABER

A instituição escolar é multifacetada: desempenha a função social de ensinar, disciplinar, alimentar, doutrinar e transmitir saberes, e, portanto, é formada (ou deveria ser) por profissionais (docentes, gestores, coordenadores e demais servidores) que possuem os conhecimentos, as habilidades e as condições necessárias para exercerem a tarefa de transmitir saberes aos alunos e de lhes apresentar o mundo por meio da socialização. Por essa razão, a escola é um espaço de poder, mas também de resistência. E é de poder e resistência justamente porque os sujeitos que a habitam não são homogêneos e não estão em comum acordo o tempo todo a respeito de tudo. Eles, com seus modos de pensar e de dizer, de comportar-se diante de certas situações e de (re)agir aos estímulos escolares, fazem, do espaço escolar, uma comunidade (in)tenso.

Em lugares onde pessoas diferentes se encontram em estado de tensão, mecanismos de controle e vigilância são impostos para exercerem sobre os *corpos* um domínio, em geral, tornando-os dóceis. O poder está, portanto, diretamente, ligado ao corpo, pois é sobre ele que são impostas limitações, proibições, penalidades, obrigações, e esse modo de controle e operacionalização dos corpos é denominado disciplina (FOUCAULT, 1987, p.163). Segundo Gregolin (2015), a disciplina atua por meio de procedimentos específicos, a saber:

a) o controle dos espaços por meio de regulamentos minuciosos, do olhar das inspeções e do controle sobre o corpo que tomam forma nas escolas, prisões, quartéis etc. Nessa microfísica do poder, a disposição dos corpos permite o olhar, isto é, a vigilância; b) a organização do tempo, com o conseqüente controle e regulamentação sobre os ciclos da repetição; c) a vigilância contínua, ininterrupta e, acima de tudo, vista pelos indivíduos que a ela estão expostos como perpétua e permanente; d) a produção do saber e seu registro contínuo: o caderno de anotação, a ficha secreta, a prova, a correção etc. são materialidades que mostram o acúmulo do saber produzindo poder. (GREGOLIN, 2015, p.19)

De acordo com a autora, os mecanismos disciplinares organizam os corpos e assumem uma forma social sofisticada e sutil, assim, desempenham uma tecnologia de submissão que orienta o cotidiano. Gregolin (2003) afirma que a sociedade moderna criou uma “maquinaria de poder” que permite o controle dos corpos, e a disciplina possui um papel importante nesse sistema, pois dispõe de instrumentais que são capazes de fabricar corpos submissos. Para a autora essas formas sutis de aprisionamento dos corpos por meio das técnicas disciplinares (espaço, tempo, vigilância, saber) garantem o adestramento, o controle e a subordinação dos indivíduos. Assim, a escola utiliza essas técnicas disciplinares com o objetivo de cumprir sua função social, o problema é que ela, a escola, não tem pleno controle dos sujeitos, que comumente se rebelam e se rebelam contra outros sujeitos desse ambiente: professores, colegas, servidores, e contra a própria estrutura física da instituição.

Foucault (1987) ao comentar a respeito das instituições disciplinares destaca que é um:

[...] espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído. (FOUCAULT, 1987, p.221)

Para o autor a escola pode ser classificada como uma instituição disciplinar, dessa forma, faz uso do poder disciplinar. Para Fernandes (2012), o poder disciplinar visa a conduzir as ações dos sujeitos, não deixando escapar nem um gesto, nem um instante, e que esse tipo de poder se caracteriza por elementos regidos e/ou determinados por certa jurisprudência, a saber: a vigilância, as punições ou as recompensas. Fernandes destaca que o poder disciplinar incide sobre todos os sujeitos, produzindo corpos dóceis.

A esse respeito, Veiga-Neto (2007, p.71) acrescenta que corpos dóceis são corpos maleáveis e moldáveis, em que a modelagem não é feita por meio da força ou da violência: “[...] o que é notável no poder disciplinar é que ele “atua” ao nível do corpo e dos saberes”.

Ainda em relação ao poder disciplinar, o filósofo Byung-Chul Han (2019, p.76) afirma que o poder disciplinar “não produz apenas corpos submetidos, dóceis, obedientes, mas sustenta relações com a produção de discursos. Ele também produz, portanto, saber.”. O poder disciplinar consiste em adequar os indivíduos a normas e regras de uma determinada instituição, para isso faz uso do tempo, do espaço, da vigilância e dos saberes como forma de controlar os indivíduos tornando-os eficientes.

Para Foucault, poder e saber estão diretamente ligados. Toda e qualquer relação de poder implica um saber, conseqüentemente, o saber é produzido nas relações de poder. Conforme assevera o filósofo, “poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder.” (FOUCAULT, 1987, p.31).

As reflexões acerca das relações de poder e saber são de suma importância para compreender o fenômeno violência na escola, além disso, também contribuem para as análises das narrativas midiáticas que tratam a respeito da violência nos espaços educacionais.

2.3.1 Violência e poder

Tomando como ponto de partida a obra *Topologia da violência*, do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2017), desenvolvo uma discussão acerca da relação (in)tensa entre violência e poder. Segundo Han, o poder é um meio de ação e pode ser empregado de forma construtiva, por sua vez, a violência em si é destrutiva. Logo:

O poder atua como canal de passagem que conduz ou acelera uma ação. As ações são aceleradas porque aquele que está submisso ao poder assume e executa irrevogavelmente as decisões tomadas por quem o detém. Por sua vez, a violência não é um meio de ação; é possível que ela seja empregada como instrumento para alcançar determinado objetivo sem o uso de qualquer subterfúgio, mas, em princípio, não se trata de ação com o objetivo de governar ou influenciar. Já o poder, que é um meio de ação, pode ser empregado de forma construtiva, ao contrário da violência, que em si é um meio destrutivo.” (HAN, 2017, p.144)

Para Han (2017), a violência e o poder utilizam uma técnica de subjugação para “dobrar o outro”. O poder faz uso dessa técnica até que o outro se submeta, dado que o poder é caracterizado pela articulação e disposição; por sua vez, a violência faz uso dessa ferramenta de tal modo que o outro quebra, por essa razão a violência é marcada por rupturas e delitos, para o autor a violência promove desarticulação. O autor destaca que tanto a violência quanto

o poder podem ser entendidos como “estratégias para neutralizar a alteridade inquietante, a liberdade rebelde do outro” (HAN, 2017, p.140), porém, apresentam-se de formas distintas.

O poder não exclui a ação e liberdade do outro, todavia, faz uso da liberdade do outro, assim, ele não precisa violar os direitos de ação e liberdade do indivíduo para neutralizá-lo, ou melhor para sujeitá-lo a sua vontade, basta fazer uso de técnicas de condução e sedução. Conforme afirma Han, “o que é sujeito ao poder, pode, inclusive, projetar-se na vontade daquele que o detém. A obediência servil transforma minha vontade em sua vontade. Sim, é apenas a minha vontade que permite o surgimento da sua vontade” (HAN, 2017, p.139). Portanto, o poder minimiza a alteridade do outro, utilizando-se da ação e liberdade do indivíduo.

Ainda em relação à ação do poder e da violência sobre a liberdade do outro, Han (2019, p.16) afirma “quem quiser alcançar um poder absoluto deverá fazer uso não da violência, mas da liberdade do outro”, pois o poder não é o oposto da liberdade, ao contrário, “é justamente a liberdade que diferencia o poder da violência ou da coerção” (HAN, 2019, p.22-23). A respeito da liberdade, o autor aponta que o homem acredita ser um sujeito livre das imposições alheias, ou seja, o homem é livre para fazer suas escolhas, não é servo/submisso a nada ou a ninguém, assim os indivíduos têm a ideia de serem livres. Em relação a ação do sujeito, o filósofo comenta sobre a atividade, o exercício, o papel social desenvolvido pelos sujeitos na sociedade.

Segundo Paviani (2016), poder e violência surgem na sociedade sempre de uma maneira nova, são fenômenos que não podem ser evitados, pois, onde há interação humana e relações sociais, encontra-se também a relação poder e violência. Dessa forma, o pesquisador destaca que:

O poder e a violência, embora fenômenos distintos, apresentam-se juntos. Onde se combinam, o poder é fundamental e predominante. “A violência não depende de números ou de opiniões, mas sim de formas de implementação, e as formas de implementação da violência, como todos os demais instrumentos, aumentam e multiplicam a força humana.” A violência tende a destruir o poder e a violência jamais floresce o poder. (PAVIANI, 2016, p.14)

O autor destaca que na sociedade se pode observar a ação do poder e da violência, porém são fenômenos diferentes. Paviani (2016) comenta que a violência é incapaz de gerar poder. Para Hannah Arendt (2004, p.35), poder e violência não são apenas distintos, mas se opõem. Conforme a autora, “onde um domina de forma absoluta, o outro está ausente. A violência aparece onde o poder esteja em perigo, mas se se deixar que percorra o seu curso natural, o resultado será o desaparecimento do poder” (ARENDR, 2004, p.35). Além disso, Arendt comenta que a violência pode destruir o poder, mas é incapaz de criá-lo.

O poder é organizado, ele administra seu espaço de atuação, produz normas, estruturas e instituições, além disso, para Han (2017), o poder constrói uma determinada ordem, estabelece distinções e limites. Nesse sentido, o poder institui a medida. Em oposição ao poder, a violência não é organizada, sua característica essencial não é administrar os espaços ou instituições, a violência não produz normas. Para o autor, a violência é destrutiva, pois ela é sem medida e elimina limites.

Por essa razão, é importante refletir acerca dos atos de violência que envolvem estabelecimentos de ensino. A escola como uma instituição disciplinar exerce poder sobre os sujeitos, para isso utiliza métodos que permitem vigiar, controlar e punir os sujeitos. Por meio das técnicas disciplinares, a instituição controla o tempo, o espaço, o movimento, a vigilância e o saber, com a finalidade de produzir sujeitos submissos e dóceis.

Nesse sentido, a escola é capaz de exercer poder e gerar violência, uma vez que, a instituição escolar impõe aos alunos regras e normas que precisam ser seguidas a todo momento, fazendo constante vigilância sobre os sujeitos, e aqueles que não seguem as regras, recebem algum tipo de punição e/ou repreensão: por exemplo, anotar as infrações do aluno em um diário individual; chamar os pais para discutir o comportamento do aluno; suspensão (impedido de participar das aulas por um determinado período); expulsão ou transferência. Assim, o discente que não segue as regras muitas vezes é classificado como “problemático”, e esse sujeito passa a ser excluído/ignorado pelos profissionais e colegas, assim a exclusão pode ser considerada um tipo de violência cometida pela escola. Segundo Foucault (2002) o sistema escolar é “inteiramente baseado em uma espécie de poder judiciário. A todo momento se pune e se recompensa, se avalia, se classifica, se diz quem é o melhor, quem é o pior.” (FOUCAULT, 2002, p.120).

Por meio do exercício de seu poder, a escola é capaz de gerar esse tipo de violência sutil e organizada, dado que a escola delimita e estabelece limitações. Por outro lado, os atos violentos como as agressões interpessoais, os roubos, tiroteios, vandalismos, etc. são formas e manifestações de violência gerados por indivíduos que frequentam os estabelecimentos de ensino. Esse tipo de violência é incapaz de gerar poder, dado que ela é destrutiva e tem como finalidade causar danos físicos ao outro. Por ser, momentânea, ela não gera poder; por não possuir normas ou regras institucionalizadas, ela é sem medida. O poder é algo construído e construtivo. Sua manifestação muitas vezes passa despercebida pelos indivíduos, sendo necessário refletir e analisar como as instituições, no caso a escola, exerce o poder.

2.4 MÍDIA E DISCURSO

2.4.1 O papel da mídia na sociedade

Segundo Gregolin (2007), os textos midiáticos oferecem aos seus interlocutores uma realidade que permite criar formas simbólicas de representação em relação à realidade concreta. Dito de outro modo, o discurso midiático é elaborado a partir de técnicas como a confissão, reportagem, entrevistas e depoimentos, desse modo, opera um jogo no qual há uma regulamentação dos saberes. Ainda conforme essa autora, ao comentar a relação entre mídias e formação de identidades, que “toda e qualquer sociedade é controlada por dispositivos” (GREGOLIN, 2020, p.77). Os dispositivos controlam, assim, as práticas dos sujeitos e, monitoram a produção de identidades. Nesse sentido, a escola desempenha a função de dispositivo formador de identidades. Além disso, a autora também considera que as mídias formam identidades, pois invadem o cotidiano dos indivíduos e promovem mudanças nas relações sociais, além de produzirem novas formas de ser e estar no mundo.

Charaudeau (2013) discorre, por sua vez, a respeito da imagem que se tem das mídias como capazes de informar os cidadãos acerca de fatos e acontecimentos, sendo a informação caracterizada como um fenômeno social e implicando a produção de discursos em situação de comunicação. A informação é, assim, pura enunciação: “constrói saber, e como todo saber, depende ao mesmo tempo do campo de conhecimentos que o circunscreve, da situação de enunciação na qual se insere e do dispositivo no qual é posta em funcionamento” (CHARAUDEAU, 2013, p.36).

Charaudeau comenta que o ato de informar faz circular um objeto de saber, pois, em princípio, um sujeito possui um saber e está encarregado de transmiti-lo, já o outro está encarregado de receber, compreender e interpretar esse saber, modificando seu estado inicial de conhecimento. Nessa mesma linha de raciocínio, então, diz que informar é escolher estratégias discursivas: é necessário escolher quais conteúdos transmitir, selecionar fatos, eleger a forma adequada “do bem falar e ter clareza” e, principalmente, escolher o modo adequado de influenciar o outro.

A partir das considerações feitas sobre a mídia, considero as mídias digitais, veículos de transmissão de informações e que proporcionam uma comunicação e divulgação de informações em tempo real. Segundo Byung-Chul Han (2018), a mídia digital é uma mídia de presença, uma vez que o presente imediato é a sua temporalidade; a comunicação via mídia

digital é caracterizada pelo fato de que as informações são produzidas e disseminadas de forma instantânea. Han afirma que a comunicação via mídias digitais é contagiante:

A comunicação digital toma não apenas forma espectral, mas também viral. Ela é contagiante na medida em que ela ocorre imediatamente em planos emocionais ou afetivos. O contágio é uma comunicação pós-hermenêutica, que não dá verdadeiramente nada a ler ou pensar. Ela não pressupõe nenhuma leitura, que se deixa acelerar apenas de maneira limitada. Uma informação ou um conteúdo, mesmo com significância muito pequena, se espalha rapidamente na internet como uma epidemia ou pandemia. Nenhuma outra mídia é capaz desse contágio viral. A mídia escrita é lenta demais para isso. (HAN, 2018, p.99)

Para Han (2018), as mídias digitais são capazes de transformar a vida dos sujeitos, agindo sobre seus pensamentos, comportamentos e sensações, ou seja, a vida como um todo, por essa razão, o autor argumenta que as mídias de comunicação exercem poder, pois cuida para que a comunicação flua em um sentido.

Segundo Kellner (2001), a sociedade contemporânea é dominada pelas mídias. Pela construção e divulgação de informações, as mídias demonstram quem tem poder e quem pode exercê-lo. Ao comentar a cultura da mídia, o autor afirma que os indivíduos são submetidos a um fluxo constante de novas informações abrindo caminho para um novo mundo, a saber, o mundo virtual, do entretenimento e da informação, dessa forma, as mídias são capazes de reordenar as percepções de espaço e tempo produzindo novos modos de experiência e subjetividade.

2.4.2 Jornal e discurso jornalístico

Dos discursos que circulam em nossa sociedade, boa parte deles circula por jornais e pela mídia em geral. Todavia, ao relatar um acontecimento, esse tipo de periódico também precisa seguir regras e normas, dado que, em toda e qualquer sociedade, “a produção dos discursos é controlada, selecionada, organizada e redistribuída” (FOUCAULT, 1996, p.8). Para o autor, não se pode dizer tudo, “não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”, porque o discurso encontra-se na ordem das leis (FOUCAULT, 1996, p.9). Assim, os discursos são determinados por certas condições de funcionamento que impõe aos indivíduos certo número de regras:

[...] ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os

ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala. (FOUCAULT, 1996, p.37)

Portanto, para um discurso ter “vida”, precisa ser autorizado, precisa estar em conformidade com as regras de seu funcionamento; e para circular, também. Nesse sentido, Paul Veyne (1998) comenta que o discurso é determinado por uma “gramática” que limita os dizeres, ou seja, o enunciador pensa que fala de maneira livre, ignorando o fato de que, na verdade, fala a partir de normas e regras estabelecidas por uma “gramática imprópria”, em termos do próprio autor. Assim é que, para Veyne,

[...] a palavra *discurso* ocorre tão naturalmente para designar o que é dito quanto o termo *prática* para designar o que é praticado. [...]. Ora, essa observação prova que a zona do que é dito apresenta preconceitos, reticências, saliências e reentrâncias inesperadas de que os locutores não estão, de maneira nenhuma, conscientes. Se se prefere, há, sob o discurso consciente, uma gramática, determinada pelas práticas e gramáticas vizinhas, que a observação atenta do discurso revela, se consentimos em retirar os amplos drapeados que se chamam ciência, filosofia, etc. [...]. Então, vemos que o discurso não é nem semântica, nem ideologia, nem implícito. Longe de nos convidar a julgar as coisas a partir das palavras, Foucault mostra, pelo contrário, que elas nos enganam, que nos fazem acreditar na existência de coisas, de objetos naturais, governados ou Estado, enquanto essas coisas não passam de correlato das práticas correspondentes. [...]. E o discurso também não é a ideologia: seria quase o contrário; ele é o que é realmente dito, sem que os locutores o saibam: esses crêem falar de maneira livre, enquanto ignoram que dizem coisas acanhadas, limitadas por uma gramática imprópria [...]. (VEYNE, 1998, p. 252, grifo do autor).

Ainda de acordo com Veyne, o sujeito não é plenamente livre e consciente. Por isso, ao tratar de discursos jornalísticos, Barbosa (2003) comenta que o enunciador precisa se submeter, dentre outras, a regras impostas pela instituição midiática da qual faz parte. O autor afirma que o poder da mídia é manifestado nas relações que possui com a grande imprensa, assim, o discurso jornalístico enquanto lugar midiático articula-se com o saber e o poder.

O discurso nada mais é do que um jogo de escrita e reescrita que resulta em signos. Para Foucault (1996, p.26) “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento a sua volta.” Em relação ao discurso e ao acontecimento, Foucault afirma que:

O que me interessa no problema do discurso é o fato de que alguém disse alguma coisa em um dado momento. Isto é o que eu chamo de acontecimento. Para mim, trata-se de considerar o discurso como uma série de acontecimentos, de estabelecer e descrever as relações que esses acontecimentos – que podemos chamar de acontecimentos discursivos – mantêm com outros acontecimentos que pertencem ao sistema econômico, ou ao campo político, ou às instituições. (FOUCAULT, 2003, p. 255-256)

Vandersen (2014), ao tratar acerca da noção de acontecimento para Foucault, afirma que o acontecimento pode ser entendido como um conjunto de regras e condições que tornam um

discurso possível. Essas regras não são apenas internas ao discurso; também são condições não-discursivas. O acontecimento é, na concepção de Foucault, a irrupção de uma nova regularidade discursiva. Segundo Vandersen (2014, p.82), para compreender o discurso como acontecimento, é necessário primeiro entender quais as regras e condições o enunciador precisa aceitar quando pronuncia algo em algum momento.

Portanto, o discurso midiático possui um caráter dinâmico que tem como objetivo transmitir informações de forma rápida e prática e faz isso por meio dos discursos presentes na sociedade, neste sentido, ele pode ser considerado contestável, pode ser debatido e/ou questionado. O discurso é abrangente e pode ser observado levando em consideração que ele possui um caráter prático, suscita uma provocação, ou seja, é polêmico, também é estratégico pois surge das relações de poder e saber que estão presentes na sociedade.

3 VIOLÊNCIA EM ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

3.1 PRIMEIROS APONTAMENTOS

A violência em instituições de ensino públicas e privadas é resultado dos conflitos que, de modo geral, ocorrem na sociedade não escolar. Porém, as escolas apresentam tipos específicos de violência. A pesquisadora Miriam Abramovay (2006) afirma que a escola pode ser vítima e ao mesmo tempo autora de processos violentos. Para a autora, a escola pode ser considerada vítima, uma vez que a violência existente na sociedade é independente da escola. Além disso, a pesquisadora aponta que a escola é autora de ações violentas, pois, fomenta, difunde e constrói múltiplos e variados tipos de violência.

A corroborar essas afirmações, tomemos a pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e o Ministério da Educação (MEC), desenvolvida tendo por base a Avaliação Nacional de Rendimento Escolar (Prova Brasil 2017), que apresenta um panorama da violência escolar no Brasil; os dados são apresentados no Anuário Brasileiro de Segurança Pública²¹, divulgado no ano de 2019. A pesquisa foi realizada partir da consulta a profissionais (diretores e professores) de instituições públicas e particulares. Vale destacar alguns dados apresentados na pesquisa. Em relação a agressões verbais ou físicas de alunos a professores ou funcionários da escola, 48,9% dos entrevistados afirmaram que esse tipo de violência ocorreu em suas escolas; quando questionados a respeito de agressões verbais ou físicas de alunos a outros alunos, 69,2% apontaram que é corrente nas instituições.

A respeito da presença de armas de fogo na escola, 2,3% dos entrevistados afirmaram que alunos frequentam a escola portando armas de fogo; com relação a armas brancas (facas, canivetes, estilete, etc.), 14,9% disseram que os estudantes frequentam a escola com esse tipo de arma. Para Abramovay (2006), as armas simbolizam poder, status e até mesmo autoproteção. Além disso, a presença de qualquer tipo de arma em estabelecimentos de ensino pode desencadear episódios de violência efetiva. A pesquisadora afirma ainda que as armas brancas ou de fogo contribuem para disseminar a insegurança em espaços educacionais.

O tema violência na escola, além de ser objeto de pesquisa de diversos estudiosos conforme mostramos, também aparece com frequência nas narrativas midiáticas. Ao realizar uma breve busca por notícias que tratam desse assunto nas mídias, o leitor pode depara-se com

²¹ Pesquisa completa. Disponível em: <<https://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Anuario-2019-FINAL-v3.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

narrativas que apresentam informações e dados sobre a violência em estabelecimentos de ensino do país, por exemplo: “Brasil é #1 no ranking da violência contra professores: entenda os dados e o que se sabe sobre o tema”²², veiculada pelo portal de notícias G1 no ano de 2017 e que, ao apresentar dados de pesquisa realizada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) com mais de 100 mil professores e diretores de escolas de 35 países, destaca a violência contra professores. Conforme as informações apresentadas, o Brasil ocupa a primeira posição no ranking da violência contra os profissionais da educação. Além de exibir os dados dessa investigação, o enunciador mobiliza os trabalhos das pesquisadoras Rosemeyre de Oliveira e, aqui já citada, Miriam Abramovay, que investigam o fenômeno violência em escolas, para comentarem o assunto.

Uma outra notícia divulgada no ano de 2018 pelo G1 traz a seguinte manchete: “MG registra 10,6 mil casos de violência em escolas públicas e particulares em 6 meses”. Conforme aí noticiado, a Secretaria de Estado de Segurança Pública do estado de Minas Gerais realizou um levantamento sobre os casos de violência em instituições de ensino públicas e privadas e obteve o registro de 10,6 mil casos, considerando o período de janeiro a julho de 2018. É relatado que furtos, ameaças e brigas são as ocorrências que aparecem com maior frequência nos registros, também são apontados outros tipos de violência, como: lesão corporal, dano ao patrimônio, desacato, injúria e atrito verbal. O enunciador exibe alguns relatos apenas de alunos e professores que sofreram algum tipo de violência em escolas públicas. Em relação às instituições particulares, o enunciador não traz muitas informações e não apresenta relatos de alunos ou professores sobre o assunto.

Outra notícia que me chamou a atenção foi divulgada, em 2019, pelo jornal on-line *Brasil de Fato* com a seguinte manchete: “Pesquisa aponta aumento da violência nas escolas da rede pública de São Paulo”²³. As informações apresentadas pelo periódico referem-se a uma pesquisa desenvolvida pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp) em parceria com o Instituto Locomotiva, que contou com a participação de mil estudantes com quatorze anos de idade e 701 (setecentos e um) professores da rede estadual de ensino de São Paulo. Conforme informações do jornal, os principais tipos de violência que foram relatados pelos participantes foram: o *bullying*, a agressão verbal, a agressão física e o vandalismo.

²² Disponível em: < <https://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-e-1-no-ranking-da-violencia-contra-professores-entenda-os-dados-e-o-que-se-sabe-sobre-o-tema.ghtml> >. Acesso em: 05 fev. 2021;

²³ Disponível em: < <https://www.brasildefato.com.br/2019/12/19/pesquisa-aponta-aumento-da-violencia-nas-escolas-da-rede-publica-de-sao-paulo/> >. Acesso em: 05 fev. 2021.

A partir da observação dessas narrativas midiáticas que apresentam dados e informações a respeito da violência nas escolas do país, foi possível notar que a escola pública aparece em foco nas notícias. O modo como essas informações são divulgadas pelos jornais corroboram com o imaginário social que atribui à escola pública as características de um ambiente inseguro e violento, enquanto as instituições privadas são vistas como espaços seguros e quase livres de violência. Assim, ao pesquisar notícias que tratam a respeito da violência nas escolas, deparei-me com uma veiculada no dia 30 de novembro de 2014 pelo jornal on-line *Folha de S.Paulo*, que trazia a seguinte manchete: “Na periferia, mãe gasta 20% do salário em escola privada”²⁴. De acordo com as informações divulgadas pelo jornal, famílias da periferia de São Paulo, região do Capão Redondo, que possuem renda mensal inferior a mil reais, desembolsam cerca de um quinto do salário em escolas particulares, com a finalidade de afastar os filhos da violência, tráfico de drogas e indisciplina que temem encontrar em escolas públicas.

A notícia traz breves relatos de pais que optaram em matricular seus filhos em escolas particulares, e a justificativa apresentada pelos progenitores centra-se, principalmente, na segurança dada aos alunos pela escola privada. Vale destacar que tanto as instituições públicas quanto particulares exibidas na notícia encontram-se na mesma região, na periferia da cidade, conforme informações do jornal. Em relação à escola pública, os pais falam do medo da violência presente nas escolas públicas, das brigas, da falta de vigilância e do ensino de baixa qualidade. Conforme pode ser observado nos trechos extraídos da notícia:

- (a) “Faço esse sacrifício, porque tenho medo da violência. Meu vizinho diz que, escola pública, ninguém respeita ninguém, conta.”
- (b) “A escola pública mais próxima à sua casa “tem muita briga, entra e sai quem quer, o ensino é péssimo e todo mundo ouve funk, observa. Você fica com medo da companhia, as crianças ficam ao deus-dará.”

O trecho (a) reproduz a fala de uma manicure que recebe mil reais de salário e gasta cerca de duzentos e vinte reais todo mês para manter a filha na escola particular. O trecho (b) refere-se à fala de uma vendedora que desembolsa quatrocentos reais para a filha estudar em um colégio particular. O modo como as informações são apresentadas na notícia valida os discursos de senso comum a respeito das instituições de ensino, dado que as escolas particulares são apresentadas como um ambiente seguro, sem violência, sendo o ensino de ótima qualidade.

²⁴ Disponível em: < <https://m.folha.uol.com.br/educacao/2014/11/1555396-na-periferia-mae-gasta-20-do-salario-em-escola-privada.shtml> >. Acesso em: 05 fev. 2021.

Em contrapartida, a escola pública é vista como insegura e violenta. Assim, a forma como as informações são apresentadas valida o imaginário social acerca desses estabelecimentos de ensino. Nesse sentido, essa análise já fora observada por Oliveira (2012), para quem os casos de violência na escola divulgados pela mídia geralmente focam as escolas públicas e ajudam a criar uma “fantasia”, um silenciamento em relação às escolas particulares. Para a autora, as mídias constroem uma ficção capaz de levar o interlocutor a supor que a violência não existe em escolas particulares.

Assim, o discurso disseminado pela mídia a respeito das instituições escola pública e escola particular pode influenciar na construção da imagem social negativa e positiva de cada uma das instituições. Por essa razão, neste capítulo, analiso alguns enunciados sobre a violência correntemente divulgados sobre a violência nesses estabelecimentos de ensino, noticiados em mídias on-line.

3.2 TRAGÉDIAS EM ESCOLAS BRASILEIRAS

Na manhã do dia 13 de março de 2019, um ataque ocorrido na Escola Estadual Raul Brasil, na cidade de Suzano (SP), matou cinco alunos, duas funcionárias da instituição, um empresário e os dois atiradores, que se suicidaram ainda dentro da escola. Totalizando dez pessoas mortas, além de onze feridos. Esse acontecimento imediatamente foi divulgado em mídias locais e nacionais. O caso de Suzano também repercutiu em jornais internacionais²⁵, que destacaram outro caso de tragédia envolvendo arma de fogo, a saber: o massacre de Realengo (RJ), em 2011, em uma escola pública, e enfatizaram o decreto assinado pelo presidente Jair Bolsonaro acerca da flexibilização da venda e posse de armas no país.

Nas páginas do jornal on-line *Brasil de fato*, publicou-se uma charge de Carlos Latuff, Figura 3, que faz o questionamento: “Massacre na escola de Suzano: será que estamos realmente no caminho certo?”

25 Manchetes de alguns jornais internacionais sobre o massacre de Suzano. O jornal espanhol “El País” apresenta a manchete: “Dos exalumnos perpetrar una matanza en su antiguo colegio de Brasil” [Dois ex-alunos promovem uma matança em seu antigo colégio no Brasil]. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2019/03/13/actualidad/1552485018_032377.html>. Acesso em: 05 fev. 2021. O jornal argentino “Clarín” traz “Conmoción en Brasil” [Comoção no Brasil]. Disponível em: <https://www.clarin.com/mundo/tiroteo-escuela-san-pablo-confirman-alumnos-muertos_0_QIBSicbEB.html>. Acesso em: 05 fev. 2021. O diário parisiense “Le Figaro” apresenta a manchete “Bresil: fusillade dans une école, 8 morts” [Brasil: tiroteio em escola, oito mortos]. Disponível em: <https://www.lefigaro.fr/flash-actu/bresil-plusieurs-morts-apres-des-tirs-dans-une-ecole-20190313?utm_medium=Social&utm_source=Twitter#Echobox=1552487823>. Acesso em: 05 fev. 2021.

Figura 3: Massacre na escola – Carlos Latuff



Fonte: Jornal on-line *Brasil de Fato*²⁶

Na charge de Latuff, estão representadas duas escolas, uma brasileira e a outra estadunidense, identificadas pela escrita em língua inglesa (*school*) e língua portuguesa (escola), além das bandeiras dos EUA e do Brasil no alto dos prédios, que estão ligadas por um caminho vermelho (cor do sangue), escorrendo da esquerda para a direita, sinalizando o sangue das vítimas da violência causada por armas de fogo em espaços educacionais. Além disso, há uma mão aludindo a uma arma, um dos gestos publicitários da campanha presidencial de Jair Bolsonaro em 2018, e uma fala expressiva e afirmativa: “Estamos no caminho certo!”.

A ilustração representa as semelhanças entre os casos trágicos de crimes e massacres que acontecem com frequência e primeiramente em escolas nos EUA, decorrente da facilidade de acesso a armas de fogo, e ataques recentes que aconteceram no Brasil, assemelhando-os. A cor cinza²⁷, predominante na imagem, pode significar neutralidade e, ao mesmo tempo, ausência de emoção ou mesmo indiferença, além de estar associada à perda, ao luto. O tom de cinza escuro, portanto, simboliza uma vida afetiva de tristeza, sentimento este que toma conta sociedade em acontecimentos dessa natureza.

Observando a ilustração, é possível notar a representação do sinal de arma feita com as mãos, em que os dedos polegar e indicador simulam um revólver, essa gesticulação se tornou, como dito, símbolo da campanha eleitoral de Jair Bolsonaro. Assim como a frase “Estamos no caminho certo!”, proferida pelo presidente em diversas situações, podendo ser considerado um jargão de campanha.

²⁶ Disponível em: <<https://www.brasiledefato.com.br/artes/2019/03/13/massacre-na-escola-de-suzano-sera-que-estamos-realmente-no-caminho-certo/>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

²⁷ No dicionário on-line de símbolos e simbologias, a cor cinza significa tristeza, incerteza ou neutralidade. O cinza “simboliza luto suavizado, além do que é a cor do nevoeiro e do triste tempo cinzento”. Conforme informações do dicionário de símbolos a cor cinza em algumas culturas representa a dor, por exemplo: os hebreus “vestiam trajes nessa cor a fim de expressar dor”. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

A situação político-social do País em 2019, quando ocorreu o massacre em Suzano, muito diz respeito às provocações promovidas em 2018 durante a campanha do então candidato Jair Bolsonaro, defensor da flexibilização da venda, posse e porte de armas de fogo, e amplificada no ano seguinte, já como presidente eleito, ao reforçar os ideais da sociedade armamentista estadunidense. Desde a posse, Jair Bolsonaro buscou fortalecer os laços (políticos, econômicos e sociais) entre Brasil e Estados Unidos, de modo particular, por causa da admiração externada publicamente a Donald Trump, então presidente dos EUA, outro defensor de armas.

A esse respeito o jornal on-line *O Globo* veiculou uma notícia²⁸ acerca da conferência de imprensa com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que aconteceu em março de 2019 na cidade de Washington/EUA. Na ocasião, o presidente Jair Bolsonaro fez um discurso, e o jornal destacou que, durante sua fala, Bolsonaro se comparou diversas vezes ao presidente americano Donald Trump e disse que o Brasil tem um presidente amigo dos Estados Unidos, que ambos os países são conservadores, e que o povo brasileiro é muito parecido com o americano.

O discurso pró-armas do presidente Bolsonaro, portanto, a admiração dele pelo país estadunidense, reconhecidamente o maior consumidor e vendedor de armas, e a tentativa de aproximação de alguns princípios ideológicos com o então presidente Donald Trump, tudo isso pode nos ajudar a entender o contexto do massacre em Suzano? O cenário de violência representado na charge indica pontos positivos de reflexão, e ela nos permite inferir que há uma aproximação forte entre armas e morte, entre EUA e Brasil no que toca ao tema aqui em análise.

Ao realizar um breve levantamento em relação aos casos de massacre e ataques a escolas brasileiras, encontrei diversas notícias que relatam esses eventos violentos em escolas. Assim, quando um caso como o massacre de Suzano ocorre, a mídia não nos deixa esquecer outros semelhantes. Por essa razão, apresento de forma resumida alguns casos citados com frequência em notícias que abordam a questão de massacres e ataques em escolas.

Nos últimos anos, escolas brasileiras foram cenários de ao menos oito ataques usando armas de fogo, cometidos por alunos ou ex-alunos. Em 2002, na cidade de Salvador (BA), um adolescente de 17 anos disparou com um revólver calibre 38 contra colegas em uma sala de aula do colégio particular Sigma, segundo informações do jornal *Folha de S.Paulo*²⁹, e duas alunas foram atingidas e faleceram. As investigações da polícia apontaram que o ataque foi motivado

²⁸ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/bolsonaro-se-compara-trump-diz-contar-com-apoio-americano-para-libertar-povo-da-venezuela-23532473>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

²⁹ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u61747.shtml>> Acesso em: 05 fev. 2021.

por *bullying*. No ano seguinte, em janeiro de 2003, na escola Estadual Coronel Benedito Ortiz, na cidade de Taiúva interior de São Paulo, um ex-aluno de 18 anos efetuou cerca de 15 disparos com um revólver calibre 38 contra alunos e funcionários, deixando oito pessoas feridas e depois se suicidou. Conforme informações do portal on-line de notícias G1³⁰, as investigações da polícia apontaram que o jovem foi vítima de *bullying* quando frequentava a escola.

Em abril de 2011, ocorreu o ataque na tiros a escola municipal Tasso de Silveira, em Realengo, Rio de Janeiro, e esse caso emblemático é conhecido como “massacre de Realengo”³¹. O crime foi cometido também por um ex-aluno da instituição, Wellington Menezes de Oliveira, de 25 anos, que entrou na escola como um palestrante. Armado com dois revólveres, efetuou disparos contra alunos e deixou 12 crianças mortas e 12 feridas. Ainda no interior da instituição, Wellington se suicidou. Além disso, as investigações apresentam que a motivação do ataque também foi o *bullying*. Ainda no ano de 2011³², na escola municipal Professora Alcina Dantas Feijão, em São Caetano do Sul, na Grande São Paulo, um aluno de apenas dez anos de idade atirou em uma professora, que sobreviveu. Após efetuar o atentado, o aluno retirou-se da sala de aula, efetuou um disparo contra a própria cabeça e faleceu no hospital.

No ano de 2012, em João Pessoa, na Paraíba, na escola estadual Enéas Carvalho³³, um adolescente de 16 anos efetuou cerca de seis disparos com um revólver calibre 38 contra colegas, três alunos ficaram feridos, sobrevivendo ao ataque. O adolescente foi preso logo após o ataque, e disse em depoimento à polícia que seu objetivo era atingir um outro estudante com o qual havia tido algumas desavenças. Outro caso de violência mencionado com frequência nas narrativas midiáticas aconteceu em uma escola de ensino infantil e fundamental em Goiás. O colégio particular Goyases³⁴ foi palco de um ataque a tiros em outubro de 2017. Um estudante de 14 anos armado com uma pistola .40 atirou contra colegas dentro da sala de aula, atingindo um total de seis alunos. No ataque, dois adolescentes morreram e quatro ficaram feridos. O aluno suspeito de efetuar os disparos foi preso e em depoimento alegou ser vítima de *bullying*.

³⁰ Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2019/03/13/piores-memorias-diz-professor-ao-lembrar-ataque-ocorrido-ha-16-anos-em-escola-de-taiuva-sp.ghtml>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

³¹ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56657419>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

³² Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/09/aluno-atira-em-professora-dentro-da-sala-de-aula-no-abc.html>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

³³ Disponível em: <<https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,aluno-invade-escola-publica-da-paraiba-atira-e-ferre-tres-jovens-imp-,859921>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

³⁴ Disponível em: <<https://g1.globo.com/goias/noticia/escola-tem-tiroteio-em-goiania.ghtml>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

Em 2018, um outro ataque usando arma de fogo foi registrado na escola estadual João Manoel Mondrone, na cidade de Medianeira, no estado do Paraná³⁵. Um adolescente de 15 anos planejou o atentado por cerca de dois meses e tinha ao menos nove colegas como alvo. O aluno e outro adolescente acusado de ajudar no ataque foram presos e disseram à polícia que eram vítimas de *bullying*. Não houve vítimas fatais, porém, dois estudantes ficaram feridos.

Desde o ano de 2002, ataques a escolas utilizando armas de fogo vêm sendo registrado no país. Os casos mais emblemáticos foram o massacre de Realengo e mais recentemente o massacre em Suzano. Ao realizar um breve levantamento dos ataques com armas em escolas do Brasil, noto que grande parte dos atentados são noticiados como sendo motivados por *bullying*.

O quadro 1 traz um resumo das informações coletadas em relação aos casos já citados anteriormente:

Quadro 1: Cronologia de ataques com armas de fogo em escolas brasileiras.

Data	Escola	Cidade e Estado	Quantidade e tipo de arma	Acesso à arma	Feridos	Mortos	Motivação do ataque
28/10/2002	Particular	Salvador. Bahia.	1 revólver calibre 38.	Arma pertencia ao pai, que era perito policial.	0	2	Vingança/ bullying
28/01/2003	Pública	Taiúva. São Paulo.	1 revólver calibre 38.	Não há informações na notícia.	8	1	Bullying
07/04/2011	Pública	Realengo. Rio de Janeiro.	1 revólver calibre 38 e 1 revólver calibre 32.	Armas compradas de forma ilegal.	12	13	Bullying
22/09/2011	Pública	São Caetano do Sul. São Paulo.	1 revólver calibre 38.	Arma pertencia ao pai, que era guarda civil.	1	1	Bullying
11/04/2012	Pública	João Pessoa. Paraíba.	1 revólver calibre 38.	Não há informações na notícia.	3	0	Discussão
20/10/2017	Particular	Goiânia. Goiás.	1 pistola .40.	Arma pertencia a mãe, que era policial militar.	4	2	Bullying
28/09/2018	Pública	Medianeira. Paraná.	1 revólver calibre 22.	Arma comprada de forma ilegal, pertencia ao pai.	2	0	Bullying
13/03/2019	Pública	Suzano. São Paulo.	1 revólver calibre 38.	Arma comprada de forma ilegal.	11	8	Bullying

Fonte: Elaboração própria.

³⁵ Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2018/09/28/aluno-atira-em-colegas-de-colegio-em-medianeira.ghtml>> Acesso em: 05 fev. 2021.

A partir dos dados, verifico que os atos violentos com uso de armas de fogo acontecem com maior frequência em instituições de ensino públicas do país, registrando um maior número de vítimas. Em um total de oito ataques em escolas brasileiras nos últimos dezessete anos, período entre 2002 e 2019, apenas dois casos ocorreram em estabelecimentos de ensino privados e juntos totalizaram oito vítimas, sendo quatro mortes e quatro pessoas feridas. Por outro lado, em relação à escola pública no mesmo período, houve seis ataques, que resultaram em um total de sessenta vítimas, sendo vinte e três mortos e trinta e sete pessoas feridas.

3.3 BULLYING NA ESCOLA

A partir dos dados apresentados sobre as tragédias em escolas brasileiras, notei que as reportagens destacavam o *bullying* com o principal motivador dos ataques, por essa razão, nessa seção discorro acerca desse fenômeno que atinge os estabelecimentos de ensino. A palavra *bullying* é originária da língua inglesa. Em português o termo *bully* pode ser traduzido por valentão, tirano ou brigão. No dicionário eletrônico Houaiss (2015), o termo *bullying* é descrito como um comportamento insistente de quem procura intimidar, por meio de violência física ou psicológica, alguém que é incapaz de se defender, geralmente ocorre em ambiente escolar.

Segundo Cleo Fante (2005), *bullying* pode ser compreendido como

[...] um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outros(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuações de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos, levando-o a exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas manifestações do comportamento *bullying*. (FANTE, 2005, p.28-29)

O *bullying*, de modo geral, conceitua-se como abuso de poder físico ou psicológico, que envolve dominação, submissão e humilhação, assim, ele é capaz de gerar sentimento de impotência, raiva e medo. Para Fante (2005), o *bullying* não é algo novo, ele é um fenômeno tão antigo quanto a própria escola.

Segundo Fante (2005), os atos de *bullying* entre os alunos apresentam algumas características em comum, a saber: 1) ações contra uma mesma vítima que acontecem por um prologando período e de forma repetitiva; 2) relação de desequilíbrio de poder e dificuldade de defesa da vítima; 3) ocorre sem motivos evidentes; e 4) comportamento deliberado e danoso. Além disso, o *bullying* pode ser classificado como: a) direto, quando as vítimas são atacadas diretamente, nas formas de agressões físicas (bater, chutar, pegar ou quebrar pertences das

vítimas) e agressões verbais (apelidos pejorativos e discriminatórios, insultar, constranger); indireto, quando a agressão é marcada pelas atitudes de indiferença e difamação, visa à discriminação e exclusão da vítima de um grupo social.

3.3.1 Agentes do *bullying*

Os alunos podem ser identificados como vítimas, agressores e testemunhas conforme suas atitudes diante de situações de *bullying*. Por essa razão, ao tratar sobre esse fenômeno nas escolas, é necessário compreender como são nomeados e classificados os envolvidos. Tomando como base os estudos de Fante (2005), identifiquei pelo menos três tipos de atores e papéis desempenhados: em primeiro lugar, a vítima típica (ou alvos): um indivíduo ou grupo de indivíduos, pouco sociáveis e inseguros, que sofrem repetidas agressões. Não possuem recursos, status ou habilidades para reagir ou cessar as atitudes violentas. As características físicas, comportamentais ou emocionais podem torná-los mais vulneráveis, além disso, a sensibilidade, timidez, submissão, insegurança, ansiedade, baixa autoestima também são considerados traços suscetíveis da vítima típica. Esses indivíduos sentem dificuldades de se impor, e suas condutas habituais são não-agressivas. Em segundo, as vítimas provocadoras: aquelas que provocam e atraem reações agressivas. Tentam revidar, brigar ou responder quando são atacadas, porém, suas ações são ineficazes. Em terceiro lugar, há as vítimas agressoras (ou alvo/autor): caracterizada por agredir os sujeitos do primeiro tipo e, mais raramente, as do segundo. Os indivíduos classificados como vítimas agressoras são aqueles que em algum momento passaram por situações de sofrimento, assim, buscam pessoas mais frágeis e reproduzem os atos violentos sofridos.

O agressor (ou autor) costuma manifestar pouca empatia em relação ao outro, agindo por força em relação aos demais colegas, podendo ter a mesma idade ou ser mais velho do que as vítimas. Ele pode sentir necessidade de dominação e subjugação, também se impõe mediante ameaças. Além disso, os autores de *bullying* são impulsivos, não aceitam ser contrariados e adotam condutas antissociais (roubo, vandalismo, uso de álcool e drogas).

Fante ainda identifica “espectadores do *bullying*” (ou testemunhas), aqueles que presenciam o ato, porém, não sofrem nem o praticam. Esse grupo representa grande parte dos alunos que não se envolvem diretamente com o problema, eles adotam a lei do silêncio, não se posicionam por ter medo de se transformarem em um novo alvo.

Uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência – ABRAPIA³⁶, com o apoio financeiro da Petrobras e em parceria com o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística – IBGE e a Secretaria de Educação do Município do Rio de Janeiro, analisou práticas de bullying e implementou ações para reduzi-las em escolas; essa pesquisa faz parte do *Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*³⁷, desenvolvido pela ABRAPIA. O estudo foi realizado no período de novembro de 2002 a março de 2003, totalizando onze escolas do estado do Rio de Janeiro participantes da pesquisa, sendo nove públicas e duas particulares. A pesquisa desenvolvida pela ABRAPIA contou com a participação de 5.482 alunos, de 5º e 8º anos do ensino fundamental. Os dados coletados por esse trabalho de pesquisa revelam que 40,5% dos estudantes admitiram estar diretamente envolvidos em atos de *bullying*, sendo 16,9% alvos (aqueles que sofrem *bullying*), 12,7% como autores (aqueles que praticam *bullying*) e 10,9% são alvos/autores (aqueles que ora são alvos, ora são autores de atos caracterizados como *bullying*).

Em relação aos locais nas escolas onde ocorrem o *bullying*, 60,2% dos alunos relataram que acontece nas salas de aulas, 16,1% no intervalo/recreio, 15,9% apontam que atos de *bullying* ocorre nos portões das escolas e 7,8% nos corredores das instituições. Segundo Lopes Neto (2005), coordenador do Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes, o estudo desenvolvido pela ABRAPIA, também revelou que no papel de agressores e/ou autores de *bullying* há um predomínio do sexo masculino, enquanto, no papel de vítimas não há diferenças entre gêneros.

Uma pesquisa mais recente realizada em 2019, denominada Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE³⁸, conduzida pelo IBGE em parceria com o Ministério da Saúde e com o apoio do Ministério da Educação, monitorou os fatores de risco e proteção à saúde dos estudantes de todo o país, abrangendo escolas públicas e particulares. O estudo contou com a participação de estudantes do 7º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, no total foram 188.000 (cento e oitenta e oito mil) alunos. A pesquisa não é específica para o *bullying*; ela apresenta diversas temáticas presentes no ambiente escolar que afetam a saúde dos estudantes, por exemplo: tabagismo, sedentarismo, alimentação, consumo de álcool e drogas, segurança, violência, entre outros. O *bullying* fez parte do estudo e passou a ser objeto de estudo e preocupação, dado que ele afeta direta e indiretamente a saúde dos alunos.

³⁶ Pesquisa completa disponível em: <<http://www.abrapia.org.br/>>. Acesso em: 09 nov. 2021.

³⁷ Sobre o projeto, consultar: <http://www.acterj.org.br/downloads/arquivo/doc-154.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2022.

³⁸ Pesquisa completa disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/pt/inicio.html>>. Acesso em: 09 nov. 2021.

Conforme dados da pesquisa (PeNSE 2019), o percentual de vítimas/alvos de *bullying* é maior entre as meninas: 26,5%, e os meninos, 19,5%. Em relação aos alunos considerados agressores/autores, a conclusão é de que o percentual era maior entre os estudantes do sexo masculino, 14,6%, enquanto as meninas apresentam 9,5%.

Vale destacar que há um dado comum entre as duas pesquisas mencionadas (ABRAPIA, 2000; PeNSE, 2019), a proporção de estudantes do sexo masculino envolvidos com o *bullying* que desenvolvem o papel de agressores/autores é maior do que do sexo feminino. Também é possível notar diferenças de gênero quanto ao tipo de *bullying*: com maior percentual os meninos praticam o *bullying* direto, enquanto as meninas apresentam maior frequência de *bullying* indireto.

3.3.2 Consequências do *Bullying*

O *bullying* e suas consequências afetam todos os envolvidos: vítimas, autores e testemunhas, bem como escolas, família, etc. Porém, os danos atingem com maior frequência as vítimas e podem trazer prejuízos ao rendimento escolar e até mesmo levar ao desenvolvimento de depressão, suicídio ou homicídio. Para Silva (2015), o *bullying* gera transtornos psíquicos e/ou comportamentais³⁹, podendo produzir danos irreversíveis aos envolvidos.

Segundo Fante (2005), aqueles que sofrem *bullying* podem desenvolver sentimentos negativos, pensamentos de vingança, baixa autoestima, dificuldades de aprendizagem, queda do rendimento escolar, além de transtornos mentais e psicopatologias graves; em alguns casos os indivíduos assumem comportamento agressivo ou depressivos. A autora comenta que, dependendo da intensidade de sofrimento causada pelo *bullying*, a vítima pode desenvolver doenças psicossomáticas: enurese, taquicardia, sudorese, insônia, cefaleia, dificuldades de concentração e ansiedade.

A respeito dos agressores/autores, Fante (2005) afirma que as consequências podem ser baixo rendimento escolar, devido ao distanciamento dos objetivos escolares, a supervalorização da violência como forma de obter poder. Além disso, esses jovens podem desenvolver condutas delituosas, correndo o risco de envolverem-se com problemas como a criminalidade, uso de

³⁹ No livro *Bullying: mentes perigosas na escola*, Ana Beatriz Barbosa Silva (2015) trabalha diversas consequências causadas pelo bullying. A autora pontua e exemplifica cada um dos danos, a saber: sintomas psicossomáticos; transtorno do pânico; fobia escolar; fobia social (timidez patológica); transtorno de ansiedade generalizada (TAG); depressão; anorexia e bulimia; transtorno obsessivo-compulsivo (TOC); transtorno do estresse pós-traumático (TEPT).

drogas, agressões sem motivo aparente e comportamento agressivo com familiares. Os agressores envolvidos no fenômeno desenvolvem um comportamento antissocial.

As testemunhas do *bullying*, embora não estejam diretamente envolvidas, acabam também sofrendo as consequências desse comportamento, dado que a convivência escolar é afetada, e o ambiente solidário e saudável da escola vai se deteriorando, assim como as relações interpessoais, “acarretando prejuízos ao seu desenvolvimento socioeducacional” (FANTE, 2005, p.81). Além disso, as testemunhas podem se tornar indivíduos apreensivos, inseguros e temerosos de que possam ser as próximas vítimas.

O *bullying* é, como se sabe, de interesse de estudos tanto do meio educacional quanto social. Trata-se de um problema de causas múltiplas, ou seja, não existe uma única causa; é um fenômeno que está relacionado a uma rede de fatores: culturais, socioeconômicos e familiares, por esse motivo, é difícil combater o problema. Assim, como uma tentativa de reduzir as incidências do fenômeno, existem programas *antibullying*, conduzido por educadores e especialistas que propõem às autoridades educacionais a criação de ações especializadas no combate e prevenção do *bullying* nas escolas. Há diversos programas de intervenção *antibullying* no Brasil, como o já citado *Programa de redução do comportamento agressivo de estudantes*, elaborado pela ABRAPIA entre 2002 e 2003, e o *Programa Educar para a Paz*, criado pela pesquisadora Cleo Fante.

Segundo Silva (2015), as instituições precisam reconhecer a existência do *bullying* e ter consciência dos prejuízos que esse fenômeno pode trazer para o desenvolvimento socioeducacional. As escolas devem oferecer as ferramentas necessárias para os educadores lidar com as situações envolvendo *bullying*, dessa forma, devem capacitar seus profissionais, para que eles sejam capazes de identificar, diagnosticar e intervir nos casos. A autora aponta que os estabelecimentos de ensino têm a responsabilidade de mobilizar discussões entre a comunidade escolar e entorno, propondo estratégias preventivas e de enfrentamento ao problema.

3.4 TIPOS DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Esta pesquisa coletou setenta e nove notícias, veiculadas entre 2011 e 2021, que apresentam em suas narrativas informações em relação a atos de violência que aconteceram tanto em estabelecimentos de ensino públicos quanto em particulares. Os textos que foram selecionados são de plataformas midiáticas distintas, a saber: *G1*, *Uol*, *Folha de S.Paulo*, *Correio Brasiliense*, *R7* e *BBC*.

No conjunto de textos selecionados, observei que alguns tipos de violência são noticiados com maior regularidade, são elas: violência física (qualquer tipo de conduta que ofende a integridade ou saúde corporal dos indivíduos); violência patrimonial (entendida como qualquer conduta que cause retenção, subtração, destruição total ou parcial de objetos, documentos, instrumentos de trabalho e danos financeiros ao estabelecimento); e violência psicológica (qualquer conduta que cause danos emocionais, intimidação, chantagem, humilhação e perseguição). A partir da observação dos dados de pesquisa, apresento a Figura 4, os valores estão distribuídos em porcentagem (%):

Figura 4: Tipos de violência mais comuns na escola.



Fonte: Elaboração própria.

Ao observar a Figura 4, é possível notar que 63% das notícias apresentam em suas narrativas casos envolvendo violência física, 36% das notícias tratam sobre violência patrimonial nos estabelecimentos de ensino; em relação à violência psicológica nas escolas, 1% informa acerca desse tipo de ocorrência.

3.5 ACONTECIMENTOS SEMELHANTES

3.5.1 Suzano, Medianeira e Goyases

Ao analisar casos semelhantes de violência que aconteceram em estabelecimentos de ensino públicos e particulares que foram noticiados pela mídia, passei a observar: a) como a mídia apresenta o caso; b) qual o tratamento dado a cada instituição escolar; e c) como os alunos de cada estabelecimento são retratados. Dessa forma, neste tópico apresento alguns enunciados extraídos de notícias veiculadas pelas mídias acerca de casos semelhantes de violência. O primeiro caso é o massacre em Suzano; o segundo é o ataque a uma escola pública em Medianeira; e o terceiro, tiros em uma escola particular, colégio Goyases. Os textos foram veiculados no portal on-line G1. Por uma questão didática e metodológica, os fragmentos

enunciativos extraídos das notícias estão designados da seguinte maneira: T1: Massacre em Suzano; T2: Caso de Medianeira; e T3: Colégio Goyases.

A respeito do massacre em Suzano, a notícia veiculada em 13-03-2019 chama atenção pelo modo como é narrado o acontecimento. A notícia foi publicada minutos após o ataque à escola pública Raul Brasil e traz a seguinte manchete: “Dupla ataca escola em Suzano, mata oito pessoas e se suicida”, seguida pelo subtítulo: “Entre as vítimas, estão alunos do ensino médio e funcionários, além do tio de um dos assassinos. Onze ficaram feridos; assassinos eram ex-alunos do colégio”. Em seguida, há uma imagem de pessoas se abraçando após o ataque, conforme reproduzido na Figura 5.

Figura 5: Tristeza após o ataque em Suzano.



Fonte: Portal de notícias on-line G1 ⁴⁰.

Na fotografia, é possível notar três pessoas abraçadas. Pelo contexto, uniformes, mochilas e aspectos corporais, infiro serem alunas do colégio Raul Brasil. Depois de passarem por uma situação traumática, esse tipo de abraço grupal é comumente visto e dá-nos a impressão de que os indivíduos estão buscando apoio e consolo uns dos outros. O jornal utiliza a imagem das estudantes com o propósito de mostrar ao leitor o cenário angustiante que marca esse episódio violento.

⁴⁰ Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-deixam-feridos-em-escola-de-suzano.ghtml>>. Acesso em: 20 out. 2021.

O modo como essas informações são exibidas na notícia (Anexo 1) chama a atenção do leitor, uma vez que os primeiros enunciados já apresentam informações a respeito do acontecimento, ou seja, de forma sucinta, o enunciador transmite o seguinte: a) o espaço e o lugar: uma escola na cidade de Suzano; b) a quantidade de mortos e feridos; c) as vítimas: alunos do ensino médio, funcionários e o tio; d) os atores do ataque: uma dupla de ex-alunos; e) o suicídio da dupla. Além disso, a imagem é um elemento essencial na produção de sentidos no discurso jornalístico, dessa forma, a foto associada ao texto direciona o olhar do interlocutor ao momento do pós-ataque à escola. Sobre a fotografia, o Manual de Redação da *Folha de S.Paulo* diz⁴¹:

A foto editada com destaque é a primeira coisa – muitas vezes a única – que o leitor vê na página. Se a foto e a legenda tiverem qualidade, o leitor poderá passar a dar atenção aos títulos e outros elementos da página. São qualidades essenciais do fotojornalismo o ineditismo, o impacto, a originalidade e a plasticidade. Em geral, a Folha não usa montagens fotográficas, fotos recortadas, invertidas, retocadas, ovais ou redondas. Se o personagem da notícia não tiver sido fotografado, pode-se usar foto de arquivo. Neste caso, a foto deve ser a mais recente possível e expressar um estado de espírito coerente com a notícia que acompanha. A data em que foi tirada deve ser indicada no crédito. Recomendações para a diagramação de fotos:

- a) Prefira usar uma foto grande a duas pequenas;
- b) Se possível, não edite lado a lado fotos sem relação entre si;
- c) Não publique foto que possa ser considerada obscena sem consulta prévia à Direção de Redação.

Discutirei esses pontos apresentados no Manual da *Folha* noutro momento. Por hora, a citação serve para pontuar que, nas instituições midiáticas, dá-se muita importância à fotografia (“muitas vezes a única [que se lê]”) na construção e divulgação da notícia, de modo que a foto não é item inserido de modo aleatório no texto, posto que há uma série de condições (“o ineditismo, o impacto, a originalidade e a plasticidade”; de preferência, não ser montagem; preferir fotos grandes; precisam ter relação, as fotos, entre si; não publicar fotos “obscenas” sem permissão, etc.) para sua inserção. Também me faz concluir, a partir de Charaudeau (2006, p. 20), que a imagem como discurso faz parte de “um jogo sutil entre o que é dito (o explícito) e o que não é dito (o implícito)”.

O jornal denomina os autores do ataque como “assassinos” e “criminosos”, portanto do sexo masculino, contrapondo-se à imagem das meninas (Figura 5), o que sinaliza para certo discurso dominante de que os meninos (e homens) são mais violentos do que as meninas⁴². O fato de usar esses termos (assassinos e criminosos) são retomados diversas vezes ao longo da

⁴¹ Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_edicao_f.htm. Acesso em: 10 nov. 2021.

⁴² Sobre o assunto, consultar, por exemplo, Vinha (2003) e ainda Torres e Araújo (2015).

notícia, isso pode ser observado logo no subtítulo do texto, em que a palavra “assassinos” aparece duas vezes seguidas, levando o leitor a interpretar que o caso foi um acontecimento grave, para que não pareça dúvidas sobre isso. Também é exposto o nome completo, idade e são exibidas fotos dos ex-alunos responsáveis pelo crime. Essas informações aparecem no texto em três momentos diferentes, conforme verifico nos trechos a seguir:

T1: “**Os assassinos** – Guilherme Tauci Monteiro, de 17 anos, e Luiz Henrique de Castro, de 25 – eram ex-alunos do colégio.” (Grifos meus).

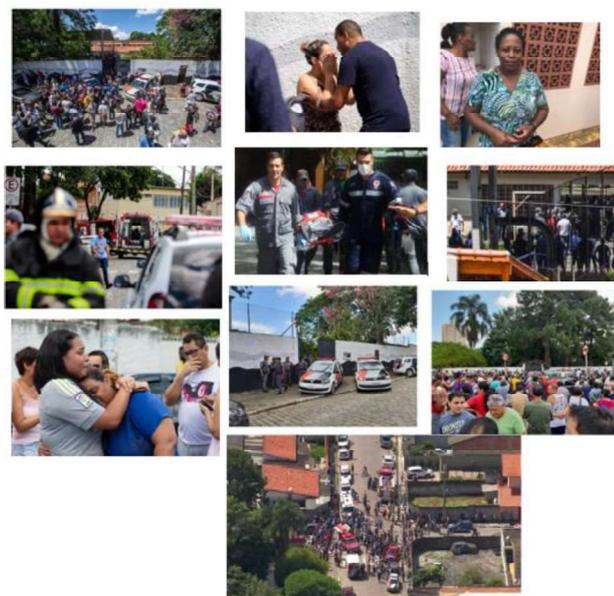
T1: “**Os autores do crime** são Guilherme Tauci Monteiro, de 17 anos, e Luiz Henrique de Castro, de 25 anos, ex-alunos do colégio.” (Grifos meus).

T1: “Um vídeo feito por câmera de segurança mostra o momento em que os dois **criminosos** chegam à Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano, na manhã desta quarta. Guilherme Tauci Monteiro, de 17 anos, e Luiz Henrique de Castro, de 25, eram ex-alunos da instituição.” (Grifos meus).

Vale destacar que o criminoso é, para a sociedade, definido como “aquele que danifica, perturba a sociedade. O criminoso é o inimigo social.” (FOUCAULT, 2002, p.81). Para o autor o criminoso rompe o pacto social, ou seja, é um transgressor das leis estabelecidas na sociedade, por essa razão, é considerado um indivíduo que prejudica as relações sociais. Segundo Foucault, o criminoso “é um inimigo interno”, é um incômodo para toda a sociedade. Em nenhum momento no texto os ex-alunos responsáveis pelo ataque à escola são nomeados como suspeitos, estudantes ou alunos. Na notícia, ao tratar os autores do ataque como “assassinos” e “criminosos”, o enunciador passa de locutor-jornalista a locutor-juiz, pois, ao dar-lhes nome e ao adjetivá-los, sentencia-os.

Na notícia há exposição do estabelecimento. Apresentam-se dados do censo escolar, a respeito da quantidade de alunos matriculados na instituição, imagens da fachada da instituição, fotos de amigos, familiares e vítimas do ataque, imagens de policiais em frente à escola e pessoas sendo socorridas, como pode ser observado na Figura 6, uma combinação das imagens destacadas na notícia.

Figura 6: Cenas de uma tragédia.



Fonte: Portal de notícias on-line G1 ⁴³.

A utilização de fotografias nas notícias é um recurso cuja finalidade é, dentre outras, estabelecer relações entre texto e leitor, uma vez que as imagens possibilitam que os acontecimentos narrados ganhem vida, cor, rostos. Nesse sentido, Ferreira e Soares (2017), ao desenvolverem um trabalho sobre discurso e imagem, quando abordam as relações entre a análise do discurso e fotojornalismo, afirmam que o autor da imagem, responsável por registrar o acontecimento, inicia seu trabalho com um conceito já estabelecido daquilo que será fotografado, assim, ao tirar a fotografia, ele faz as adaptações necessárias ao que está sendo retrato, constituindo a interação entre texto e fotografia, ou seja, “o fotógrafo já tem um conceito previamente estabelecido de imagem para o discurso político, para o suspeito de homicídio, para a manifestação grevista e para a partida de futebol.” (FERREIRA; SOARES, 2017, p.187). E esse “conceito” é definido não pelo fotógrafo, mas pela instituição, da qual ele faz parte, que possui uma política editorial, conforme exposto na citação do *Manual de Redação da Folha*.

Ferreira e Soares (2017) afirmam que o repórter fotográfico faz as devidas adaptações dependendo da situação que busca retratar, além disso, ao registrar um acontecimento, leva em consideração alguns fatores como:

[...] a função da imagem (qual editoria e que relação ela deve ter com o fato representado), a linha editorial desenvolvida pelo suporte jornalístico, as especificidades da própria cena, que impõem limites físicos e técnicos ao trabalho do

⁴³ Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-deixam-feridos-em-escola-de-suzano.ghtml>>. Acesso em: 20 out. 2021.

fotógrafo (o equipamento disponível, acesso ao local do acontecimento, luminosidade e tempo, entre outros). (FERREIRA; SOARES, 2017, p.187).

Os autores dizem ainda que a leitura de uma imagem fotográfica exibida nos jornais é feita de forma rápida e superficial, por essa razão, ela não precisa ser “exaustivamente detalhada” para produzir certo efeito de sentido pretendido, pois, ao interpretar a imagem, o leitor não precisa analisar cada detalhe da foto, e sim a foto como parte do cenário construído. Tomando como fonte os estudos sobre fotojornalismo de Ernst Gombrich (1995-1999), Ferreira e Soares argumentam que o processo de interpretação da imagem pode ser entendido como um exercício de projeção:

[...] no qual é necessário que o leitor lance uma hipótese inicial a respeito do efeito de sentido da imagem. Logo em seguida, esta hipótese inicial passa por uma verificação mais cuidadosa [...] que implica na classificação da imagem em alguma categoria da experiência humana. Este trabalho de verificação do sentido proposto para a imagem é feito por etapas, que dependem da capacidade do olho humano em assimilar a informação visual. Desta maneira, o leitor segue através da imagem compondo um conjunto de elementos significantes, muitos deles isolados, que, ao final, poderão ou não confirmar sua ideia inicial acerca do sentido da imagem. (FERREIRA E SOARES, 2017, p.188).

As reflexões apresentadas pelos autores em sua pesquisa contribuem para compreender como o verbal e o não verbal de um texto que compõem uma notícia formam um todo organizado de sentidos e, assim, produzem, conjuntamente, efeitos de sentido no interlocutor. O sujeito empírico, ao redigir a notícia, seleciona e organiza os elementos e imagens com o objetivo de atestar e/ou comprovar um acontecimento, estabelecendo assim uma relação entre texto e contexto, fazendo com que o texto escrito esteja de acordo com as imagens exibidas: “[a foto] expressar um estado de espírito coerente com a notícia que acompanha”, como se lê no *Manual de Redação da Folha*, pois a notícia tem como finalidade construir, no leitor, certa verdade e autenticidade dos fatos narrados.

Além das imagens (conforme Figura 6), há cerca de sete vídeos ao longo da reportagem. Nesses vídeos, há imagens do interior da escola no momento que ocorreu o ataque, algumas delas gravadas por câmeras de segurança, e o conteúdo dos vídeos mostra as vítimas fatais e os feridos, alunos fugindo da escola e as armas usadas no ataque. Ao relatar um acontecimento violento que ocorreu em ambiente escolar, público ou privado, verifico que é comum encontrar nas notícias esse tipo de conteúdo, vídeos de câmeras de segurança, que estão localizadas dentro ou fora das instituições. O ambiente escolar é, nesses casos, constantemente vigiado. É preciso vigiar os corpos/os sujeitos, isso pode ser feito por aqueles que exercem um poder sobre os indivíduos (professores, monitores, diretores etc.), mas também por câmeras de segurança que

monitoram todo o ambiente, gravando as condutas dos sujeitos. Assim, fiscalizam cada movimento, por uma questão de segurança, mas sobretudo de controle, uma vez que, a escola, conforme aponta Foucault, é uma instituição disciplinar.

Apesar de todo este aparato de vigilância e controle, a violência acontece, e acontece via sujeitos que direta ou indiretamente pertencem à escola. Segundo Foucault (2002), nas instituições disciplinares é preciso vigiar os sujeitos constantemente. Deve-se vigiar sem interrupção e totalmente:

[...] vigilância permanente sobre os indivíduos por alguém que exerce sobre eles um poder – mestre-escola, chefe de oficina, médico, psiquiatra, diretor de prisão – e que, enquanto exerce esse poder, tem a possibilidade tanto de vigiar quanto de construir, sobre aqueles que vigia, a respeito deles, um saber. Um saber que tem agora por característica não mais determinar se alguma coisa se passou ou não, mas determinar se um indivíduo se conduz ou não como deve, conforme ou não à regra, se progride ou não etc. Esse novo saber não se organiza mais em torno das questões “isto foi feito? quem o fez?”; não se ordena em termos de presença ou ausência, de existência ou não existência. Ele se ordena em torno da norma, em termos do que é normal ou não, correto ou não, do que se deve ou não fazer. (FOUCAULT, 2002, p.88).

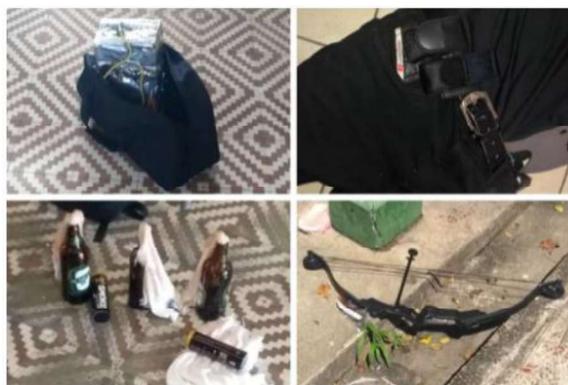
Dessa forma, tomando como fonte os estudos de Foucault (1987), a respeito das instituições disciplinares, considero que o ambiente escolar pode ser visto como um “espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos”: os alunos são inseridos nessa instituição e passam a ser monitorados, “onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados.” (FOUCAULT, 1987, p.221). Essa vigilância presente nas escolas atua sobre os indivíduos que devem obedecer às normas.

Outro recurso usado pelo enunciador é apresentar informações em formato de lista, uma vez que são caracterizadas por ser pontuais, específicas e servem para organizar dados. Desse modo, a notícia traz em forma de lista o nome, a idade e a ocupação das vítimas do ataque. Essas informações aparecem em destaque no texto, apresentadas em subtítulos e em negrito, a saber: “Os mortos são: [...]” e “Os feridos são: [...]”. Vale destacar que essas informações são exibidas mais de uma vez ao longo do texto, aparecendo em outro tópico denominado “As vítimas na escola”, também em forma de lista. Esse recurso tem como finalidade retomar informações, chamar a atenção dos leitores para o fato, além do mais, (re)afirmar, discursivamente, que acontecimento que vitimou várias pessoas é constitutivo de certos ambientes, no caso, o escolar.

No tópico denominado “Arsenal”, termo que, em geral, remete à forças armadas - “Arsenal: estabelecimento oficial onde se fabricam e guardam aprestos militares para as forças armadas” e, em sentido figurado, “lugar onde se encontram muitas armas” (HOUAISS, 2015),

as informações acerca das armas utilizadas pelos autores no ataque à escola estão organizadas em formato de lista, seguida pela imagem das armas. Para convencer o leitor de que o acontecimento relatado na notícia deve ser considerado perigoso e/ou preocupante, o enunciador mobiliza mecanismos linguísticos bélicos. Assim, ao utilizar a palavra “arsenal”, seguida por uma lista de armas e uma foto desses equipamentos (conforme Figura 7), constrói-se o cenário de um crime violento que envolveu uma grande quantidade de armas.

Figura 7: Armas usadas no ataque.



Fonte: Portal de notícias on-line G1 ⁴⁴.

É importante destacar que “enunciar não é somente expressar ideias, é também construir e legitimar o quadro da enunciação.” (MAINGUENEAU, 2004, p.93). Dito de outro modo, faz parte do “jogo” midiático construir e legitimar a própria “situação de comunicação”: pessoas, tempo, espaço, que pode ser resumida assim: não basta dizer a verdade do acontecimento, é preciso construir de tal modo que pareça verdade o acontecimento.

Por meio do uso de discurso direto e indireto, o jornal apresenta relatos de testemunhas, estudantes e funcionários da escola, que narram o momento do ataque e as tentativas de defesa, conforme os trechos a seguir:

T1: “A gente estava na merenda e comendo normal e escutamos “três pipocos” nisso tentamos correr para pular o muro do CEL. Os caras vieram atrás de nós e começou a matar muita gente. Mas o pente dele descarregou e foi na hora que a gente correu.” (Relato de Rosni Marcelo Grotliwed, estudante de 15 anos).

T1: “Foi muito desesperador, porque foi muito tiro, muito tiro mesmo e era muito pânico”. (Silmara Cristina Silva de Moraes, de 54 anos, merendeira).

⁴⁴ Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-deixam-feridos-em-escola-de-suzano.ghtml>>. Acesso em: 20 out. 2021.

Também são apresentados relatos de figuras de autoridade, como a opinião do comandante geral da polícia militar (PM) responsável pelas investigações, o coronel da PM, a do secretário de segurança pública e a do governador do Estado de São Paulo, respectivamente Marcelo Salles, Fábio Pelegrini, João Camilo Pires de Campos e João Dória. Essas figuras de autoridade apresentam de forma protocolar suas declarações a respeito da tragédia, como se pode ver nos seguintes enunciados:

T1: “Foi a cena mais triste que já assisti em toda a minha vida. Fico muito triste que um fato como este ocorra em São Paulo, ocorra no Brasil. Estou consternado, chocado.” (Governador João Dória).

T1: “Provavelmente um ato que foi premeditado. Eles entraram na escola equipados, com máscara. A gente não tem ainda essa motivação, não tem a correlação do motivo e do ato feito”. (Coronel Fábio Pelegrini).

Um outro mecanismo usado pelo jornal com o objetivo de prender a atenção do leitor à narrativa é destacar algumas palavras e frases, que aparecem em negrito e na cor vermelha, além disso, também apresenta links que, ao serem clicados, levam o leitor para uma outra notícia sobre o acontecimento. Não há um espaço reservado para que algum órgão responsável pela administração do estabelecimento comente o acontecido.

Ao ler a notícia, o leitor interage com um crime que vitimou estudantes e funcionários em uma escola pública. A cenografia construída atribui aos enunciados o sentido de um ato cruel, bárbaro, violento, tendo em vista que “todo discurso, por sua manifestação mesma, pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima” (MAINGUENEAU, 2004, p.87). Assim, portanto, para divulgar uma notícia sobre um crime “bárbaro” é preciso que os elementos semiológicos que compõem o texto sejam escolhidos de tal modo que transpareçam a ideia de barbárie.

Outro caso de ataque a tiros ocorreu no ano de 2018 em uma escola pública localizada em Medianeira, no estado do Paraná, e que recebeu o seguinte título de manchete: “Aluno armado atira e fere dois colegas em colégio de Medianeira”, seguido pelo subtítulo: “Tiroteio em escola foi registrado na manhã desta sexta-feira (28); à polícia, suspeito disse que vinha sofrendo bullying” (Anexo 2). O aluno suspeito de efetuar os disparos era um adolescente de 15 anos de idade, filho de agricultores e que foi apreendido ainda no interior da instituição.

A notícia relata que na delegacia o adolescente afirmou ser vítima de *bullying*, e isso teria motivado o ataque, demonstrando similaridade com o acontecimento analisado. Em relação às vítimas, de acordo com as informações do portal de notícias G1, dois alunos ficaram feridos e não houve mortos. Compõe o texto uma imagem-vídeo, com duração de quarenta e

um segundos, conforme Figura 8. Clicando na imagem, um vídeo apresenta detalhes do tiroteio e suas consequências.

Figura 8: Caso de Medianeira.



Fonte: Portal de notícias on-line G1 ⁴⁵.

Observando a Figura 8, a manchete aparece em destaque, é escrita em fonte maior em relação ao restante do texto e em negrito, ao colocar em letras maiúsculas a palavra “VÍDEO”, o enunciador direciona o olhar do leitor diretamente para o vídeo, que é exibido logo na sequência da manchete. Esse recurso é utilizado para chamar a atenção do leitor, pois, ao colocar o elemento vídeo em relevo, antes do texto escrito que contém as informações sobre o acontecimento, o enunciador provoca o interesse do interlocutor pelo vídeo, mesmo que ele não leria o que foi escrito. Além disso, esse recurso visual funciona como um elo entre o fato narrado e o leitor, permitindo que este compreenda e imagine o cenário descrito na notícia.

Esse caso de violência é narrado como um atentado, e o enunciador utiliza os termos “ataque” e “tiroteio” para reforçar essa ideia. A respeito da exposição do estabelecimento de ensino na mídia, vale destacar que são expostos o nome da instituição, que aparece mais de uma vez na notícia, imagem da fachada e do interior da instituição, conforme Figura 9.

⁴⁵ Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2018/09/28/aluno-atira-em-colegas-de-colegio-em-medianeira.ghtml>>. Acesso em: 20 out. 2021.

Figura 9: Entrada do colégio onde aconteceu o ataque.



Fonte: Portal de notícias on-line G1 ⁴⁶.

Na Figura 9, reproduz-se a imagem da entrada da escola, exibida na notícia para compor o cenário que é descrito pelo enunciador, mostrando ao leitor o local que ocorreu o tiroteio. Também são apresentadas imagens do interior da escola que aparecem ao longo da notícia nos vídeos. Além disso, há imagens da sala de aula onde ocorreu o tiroteio (Figuras 10 e 11).

Figura 10: Sala de aula em que ocorreu o ataque.



Fonte: Portal de notícias on-line G1 ⁴⁷.

Figura 11: As marcas do ataque ficaram na parede da sala de aula.



Fonte: Portal de notícias on-line G1 ⁴⁸.

⁴⁶ Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2018/09/28/aluno-atira-em-colegas-de-colegio-em-medianeira.ghtml>>. Acesso em: 20 out. 2021.

⁴⁷ Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2018/09/28/aluno-atira-em-colegas-de-colegio-em-medianeira.ghtml>>. Acesso em: 20 out. 2021.

⁴⁸ Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2018/09/28/aluno-atira-em-colegas-de-colegio-em-medianeira.ghtml>>. Acesso em: 20 out. 2021.

Essas imagens são usadas no desenvolvimento da notícia com a finalidade de convencer o leitor sobre a veracidade das informações divulgadas, reforçando a ideia de “ataque”. O modo como elas estão apresentadas tenta transmitir ao interlocutor uma visão da cena vivenciada pelos alunos no momento da ação. Outra observação relevante é que essas imagens são apresentadas pelo enunciador após o seguinte trecho:

T2: “De acordo com a polícia, uma carta com pedido de desculpas foi encontrada no material escolar dos suspeitos, além de recortes com notícias de ataques em escolas dos Estados Unidos e do Brasil. No celular de um deles também foram encontrados vídeos de violência.”

Esse fragmento, seguido pelas imagens (Figuras 10 e 11), leva o leitor a lembrar outros casos de violência por armas de fogo que aconteceram em instituições de ensino, por exemplo: o massacre em Columbine, ocorrido nos Estados Unidos, e o massacre de Realengo, no Rio de Janeiro. A forma como essas informações são apresentadas na notícia constrói a cenografia de uma ação violenta. Para Maingueneau (2004), na construção da cenografia, os enunciados recorrem a cenas validadas, ou seja, cenas já instaladas na memória coletiva. Segundo esse autor, as cenas validadas podem tratar de acontecimentos históricos ou de cenas genéricas.

A notícia apresenta ainda uma imagem das armas, munições e bombas caseiras que foram apreendidas na casa dos adolescentes suspeitos de cometer o ataque, Figura 12.

Figura 12: As armas apreendidas.



Fonte: Portal de notícias on-line G1 ⁴⁹

O modo como essa imagem é exibida na notícia é semelhante aos casos de apreensão criminosa de armas quando, por exemplo, de uma batida policial. Ela é apresentada no início da narração dos fatos. Antes da imagem, o enunciador apenas relata que os adolescentes foram apreendidos e levados para a delegacia, em seguida aparece a imagem (Figura 12) sem nenhum

⁴⁹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2018/09/28/aluno-atira-em-colegas-de-colegio-em-medianeira.ghtml>>. Acesso em: 20 out. 2021.

comentário: exceto pela informação de que a arma de fogo era um revólver calibre 22, nenhuma informação sobre as duas espingardas sobre a mesa. Isso me permite indagar se são armas de fogo ou se são espingardas de pressão, popularmente conhecidas como espingardas de chumbinho. Em todo caso, um olhar atento da imagem permite concluir que é mais para provocar efeito emocional do que algo condizente com a realidade.

Após relatar detalhes do acontecimento, o enunciador comenta a respeito das armas que foram apreendidas na casa do adolescente. Por meio do discurso direto, o enunciador dá voz ao delegado Dênis Zortéa Merino, responsável pela investigação, para comentar a respeito das armas, conforme trecho a seguir:

T2: “Vamos apurar qual a origem das armas. Constatadas as origens, se confirmadas serem dos pais, eles também deverão ser responsabilizados.”

O delegado nada acrescenta, porém, de substantivo, respondendo apenas protocolarmente que investigarão a origem das armas. Dessa forma, o enunciador primeiro expõe uma imagem que chama a atenção do leitor, armas, munições e bombas, e não comenta nada sobre a foto, isso faz com que o leitor crie hipóteses quanto aos fatos. Assim, ao olhar apenas a imagem o interlocutor pode supor, por exemplo, que os adolescentes apreendidos eram criminosos “profissionais” devido à grande quantidade de armas apreendidas em sua residência.

Em relação ao modo como os suspeitos são retratados na notícia, eles são nomeados como: atirador, suspeito, estudante e aluno. O posicionamento da escola acerca do ataque não fica claro na notícia. Em um tópico denominado “Momentos de tensão”, o jornal atribui voz ao diretor da instituição para comentar o episódio de violência e as medidas adotadas durante o ataque, conforme os seguintes trechos:

T2: “Era o momento da segunda aula, eu conversava com um dos meninos na direção, e naquilo a gente escutou alguns barulhos mais fortes, de explosão, e estampido, e o pessoal correndo falando que havia sido tiros. Corri em direção à sala. Encontrei um dos meninos feridos, que estava sendo socorrido pela professora.”

T2: “Quando ele me viu, eu falei: ‘Paulo, o que está acontecendo?’. Aí ele decidiu retornar. Ele estava com a arma na mão. Estava vindo na direção, não sei o que ele estava pensando.”

T2: “Fui conversando para tentar colocar num lugar que ele não colocasse mais ninguém em risco, porque ele já tinha atingido dois alunos. É uma situação que a gente não sabe como reagir. Eu só pedi para os alunos ficarem dentro da sala para não ter mais nenhum ferido.”

As únicas figuras de autoridade que aparecem na notícia é o delegado, Dênis Zortéa Merino, e o diretor da escola, Darlan Chiamulera.

O caso do colégio Goyases, escola particular de ensino fundamental de Goiânia, ocorreu em outubro de 2017. A notícia tem a seguinte manchete: “Aluno atira em colegas dentro de escola em Goiânia, mata dois e fere quatro” seguida pelo subtítulo “Suspeito pelos disparos é um adolescente de 14 anos, que cursa o 8º ano (Anexo 3). Ele é filho de policiais militares e está apreendido.” Após a manchete, é apresentado um vídeo, conforme Figura 13.

Figura 13: Colégio Goyases.



Fonte: Portal de notícias on-line G1⁵⁰.

O conteúdo do vídeo resume o que será apresentado ao longo da notícia. É possível observar a movimentação em frente à escola após o ataque; o repórter que aparece nas imagens transmite informações acerca do caso e entrevista algumas pessoas. Em relação à exposição do estabelecimento de ensino na mídia, não são exibidas fotos da fachada da escola, as imagens que identificam o nome da instituição aparecem apenas no vídeo. Não há imagens da sala de aula onde ocorreu o crime ou mesmo do interior da escola, diferentemente do que ocorreu nos exemplos da escola pública, e isso pode ser observado como uma omissão do jornal e da escola, a partir do momento que não são divulgadas imagens do interior do estabelecimento, mas também é possível compreender que tanto o jornal quanto a instituição de ensino têm como finalidade zelar/preservar a imagem social da escola particular. Quando um caso de ataques a tiros envolvendo adolescente em um estabelecimento de ensino particular acontece, observo que as informações são transmitidas de forma a não afetar a imagem da comunidade escolar, não levando, portanto, o leitor a se questionar sobre a segurança da instituição.

De acordo com informações do portal de notícias, quatro estudantes ficaram feridos e dois morreram no local. O nome completo, idade e fotos dos estudantes que faleceram são

⁵⁰ Disponível em: < <https://g1.globo.com/goias/noticia/escola-tem-tiroteio-em-goiania.ghtml> >. Acesso em: 20 out. 2021.

exibidos na notícia, além disso, no tópico denominado “Feridos” são expostas informações das outras vítimas, em formato de lista aparece: o nome completo, idade e estado de saúde dos estudantes baleados. Em relação ao autor do ataque, é relatado, inclusive no subtítulo, que se trata de um adolescente de 14 anos de idade, filho de policiais militares, que cursava o 8º ano. O suspeito foi apreendido ainda no interior da instituição. Em relação à motivação do crime, diz a notícia que ele era vítima de *bullying*, motivo que teria provocado o ataque.

Por meio dos discursos direto e indireto, o enunciador dá voz a figuras políticas que comentam o acontecimento. No tópico intitulado “Luto”, são destacadas as falas do presidente da República da época, Michel Temer; do governador de Goiás, José Eliton; e do prefeito de Goiânia, Iris Rezende, que, de forma protocolar, lamentam o ocorrido e transmitem sua solidariedade às famílias e amigos das vítimas, como pode ser observado nos enunciados:

T3: “Como todo brasileiro, estou consternado com a tragédia na escola de Goiânia. Minha solidariedade às famílias. Força!” (Relato de Michel Temer).

T3: “Nesse momento de dor, em que se busca respostas para tamanho absurdo, a prefeitura se solidariza com as vítimas e seus familiares e expressa os mais sinceros sentimentos pelas irreparáveis perdas de vidas tão jovens e que tinham todo um futuro pela frente. Pela relevância do ocorrido e das vidas ceifadas, o excelentíssimo senhor prefeito Iris Rezende decreta luto oficial de três dias no âmbito do município de Goiânia”. (Nota da prefeitura de Goiânia).

No tópico “Bullying”, o enunciador apresenta informações sobre a motivação do crime. Destaca as vozes do coronel da polícia militar, Anésio Barbosa da Cruz, que traz informações preliminares do caso, bem como um breve relato de um aluno (não identificado na notícia), que comenta a respeito do autor do crime ser vítima de chacotas, também relata o momento do ataque. A fala desse estudante aparece destacada com aspas e pelo uso do recurso “recuo” na notícia, como observado na Figura 14.

Figura 14: Relato de um aluno sobre o adolescente acusado de efetuar os disparos.



Fonte: Portal de notícias on-line G1⁵¹

⁵¹ Disponível em: < <https://g1.globo.com/goias/noticia/escola-tem-tiroteio-em-goiania.ghtml> >. Acesso em: 20 out. 2021.

O breve relato de um aluno é apresentado na notícia em destaque com letras maiores do que o restante do texto, marcado por essa linha vertical na cor vermelha. Além disso, trata-se de um discurso direto, recurso usado pelo enunciador com o objetivo de chamar a atenção do leitor para o discurso que está sendo relatado. Nesse sentido, no tópico “Pânico”, o enunciador utiliza esses mesmos elementos linguísticos e estéticos (conforme Figura 14) para trazer relatos de alunos sobre o acontecido.

Observo, considerando os dados desta pesquisa, uma regularidade quanto ao modo como os relatos das testemunhas, das figuras políticas e de autoridades são apresentados nas notícias. A forma com que essas declarações são exibidas corrobora com o que Foucault (2002) chama de “olhar do testemunho”, ou seja, o olhar humano como testemunho de uma verdade. O acontecimento torna-se verdadeiro, pois existem pessoas que presenciaram e podem comprovar o que está sendo relatado, esse mecanismo traz veracidade à notícia. Assim, os relatos das testemunhas se apresentam e se formulam “de duas maneiras diferentes, com outras palavras, em outro discurso, com outro olhar. Mas esses olhares se correspondem um ao outro.” (FOUCAULT, 2002, p.39).

Em relação ao posicionamento do estabelecimento de ensino acerca do caso, o enunciador comenta que a administração da escola não quis se manifestar. É possível observar na narrativa do caso que nenhum funcionário da escola é entrevistado ou mencionado, há certo silenciamento por parte da instituição. Esse silêncio da escola é comum quando se trata de estabelecimentos particulares, isso pode ocorrer por receio de revelar informações potencialmente prejudiciais à imagem social da escola, uma vez que, no discurso de senso comum, a instituição privada é vista como um ambiente livre de violência, seguro, limpo, etc.. Dessa forma, ao não comentar oficialmente o caso, a escola transmite essa reponsabilidade aos órgãos de maior grau, sindicatos e conselhos estaduais. No tópico “Escola”, o enunciador comenta algumas medidas adotadas pelos órgãos representantes do colégio: Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino (Sepe) e o Conselho Estadual de Goiânia.

Na notícia, são poucas as imagens da instituição. Não há fotos do interior da escola ou vídeos que mostram as vítimas, assim, a exposição midiática do estabelecimento de ensino é menor, se comparado ao caso do massacre na escola de Suzano ou ao caso de Medianeira. Além disso, é reservado um espaço na notícia para apresentar o posicionamento da escola sobre o acontecimento. Outro ponto relevante que diferencia uma notícia da outra é o tratamento dado ao aluno suspeito de cometer o crime. Ele é denominado ao longo do texto como “adolescente”, “suspeito”, “aluno” ou “estudante”, seu nome não é mencionado, e em nenhum momento o jornal se refere ao autor do tiroteio como “criminoso”, “atirador” ou “assassino”.

A notícia constrói um discurso sobre o acontecimento tentando minimizar a situação. Não são apresentadas imagens do estabelecimento ou da arma usada no ataque. Além disso, apresenta o autor do crime como uma vítima, destacando que se trata de um adolescente, menor de idade que era alvo de chacotas dos colegas e sofria *bullying*. A forma como é construída discursivamente a imagem do aluno acusado de efetuar os disparos transmite ao interlocutor o sentido de uma vítima de *bullying* que não aguentava mais ser alvo de zombaria, dessa forma, o enunciador tenta justificar o crime ou, pelo menos, suavizar, criar uma espécie de efeito de compaixão que envolveria todos, inclusive, o sujeito responsável pela ação.

Portanto, a partir das análises dos três acontecimentos: Massacre em Suzano, Caso de Medianeira e Caso do Colégio Goyases, foi possível observar que há uma regularidade entre os eventos. Em primeiro lugar, os ataques foram cometidos por adolescentes, alunos ou ex-alunos das instituições, todos do sexo masculino. Em segundo lugar, os casos analisados envolvem armas de fogo, embora outros instrumentos, como armas brancas, tenham sido mencionados. Além disso, a causa utilizada para justificar esse tipo de violência foi o *bullying* sofrido por parte dos acusados.

Dessa forma, como pode ser observado nas pesquisas da ABRAPIA (2000) e PeENSE (2019) mencionadas anteriormente (3.3 Bullying na escola), os meninos praticam mais *bullying* contra os colegas. Além disso, os estudos revelam que o tipo de *bullying* praticado pelos meninos é denominado “*bullying* direto”, manifestado nas formas de agressões físicas (bater, chutar, pegar ou quebrar pertences das vítimas) e agressões verbais (apelidos pejorativos e discriminatórios, insultar, constranger), ou seja, é um tipo de *bullying* mais agressivo, que gera atos de violência mais intensos.

Essas semelhanças reforçam, como hipótese a explorar, o lado da sociedade machista e patriarcal, uma vez que, desde pequenos os meninos parecem mais suscetíveis à prática discursivas e não discursivas de violência contra o outro, isso pode ser observado nas brincadeiras das crianças: os meninos devem praticar esportes de contato físico, como futebol e luta, ou jogar videogames com conteúdo violento, enquanto, em geral, as meninas devem brincar de boneca, casinha, etc.. Há também enunciados que reforçam que meninos devem ser fortes (“homem que é homem não chora”, “seja homem!”, “não seja mocinha”), e meninas, meigas, dóceis, respeitadas (“Meninas devem se dar o respeito”, “já pode casar!”, “Você não pode pois é menina”). Esses discursos circulam com facilidade na sociedade, dessa forma, os meninos/homens sentem dificuldades de expressar seus sentimentos e acabam camuflando ou escondendo suas emoções. Essa espécie de silenciamento pode gerar danos irreversíveis para eles, como é caso do suicídio e do homicídio, como pode ser observado nos casos analisados

os adolescentes vítimas de *bullying*, não conseguiram mais lidar com o sofrimento e a angústia, e isso acabou gerando os ataques.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa analisa comparativa e discursivamente narrativas midiáticas que apresentam discursos sobre a violência em escola pública e escola particular. Assim, o *corpus* de pesquisa é constituído por notícias e reportagens retiradas de jornais on-line que tratam da temática escola e violência. Os textos foram analisados à luz dos Estudos Discursivos.

Considerando o recorte de notícias feito, apresentei algumas questões que serviram como um fio condutor para as análises dos textos. Essas questões permitiram localizar produções acadêmicas que estudaram a violência na escola, em diferentes perspectivas. Nesse sentido, observei que esses pesquisadores abordam a temática “escola e violência” analisando os atos de violência que aconteceram, principalmente, em escolas públicas. Dessa forma, minha pesquisa defende outra perspectiva de estudo sobre a violência e o ambiente escolar: investigar como são noticiados os casos de violência que ocorrem em instituições públicas e particulares, levando em consideração o tratamento linguístico-discursivo dado pela mídia a esses estabelecimentos.

Assim, considero que a mídia formula um discurso de senso comum, apresentando a instituição escola particular como um ambiente seguro, pois, prioriza a divulgação de informações sobre as medidas e soluções tomadas pela instituição para prevenir ou resolver uma situação de violência. Em relação aos atos de violência em instituições de ensino particulares, notei que a exposição do estabelecimento é menor, ou seja, em algumas notícias não aparece o nome da escola, imagens da fachada, fotos do interior do estabelecimento ou imagens de câmeras de segurança. É importante destacar que os alunos acusados de cometer atos de violência são nomeados como aluno, estudante ou acusado, além disso, não é exposto o nome do aluno tampouco são exibidas imagens dos acusados, assim, a mídia tenta preservar a imagem da escola particular.

Por outro lado, quando se trata de escola pública, o discurso jornalístico expõe um ambiente inseguro e violento, dando a ideia de que este tipo de violência ocorre com frequência e com a intervenção policial. Em relação à exposição do estabelecimento, escola pública, nas mídias destaquei que são exibidas imagens da fachada da instituição, do interior da escola, os locais em que as ações aconteceram, apresentando ambientes bagunçados, com marcas de sangue ou tiros. Quanto aos atores, são nomeados nas narrativas midiáticas como criminosos, assassinos ou infratores, também é exposto o nome, a idade e em alguns casos a foto dos

acusados de praticar a violência. Assim, ao noticiar casos de violência em espaços educacionais públicos, as mídias não apresentam tanto zelo pela imagem da instituição.

Por fim, esse trabalho de investigação mostra que os mecanismos e estratégias usados pelos jornais, o modo como as mídias constroem as notícias acerca da violência nas escolas, públicas e particulares, influencia na construção da imagem social negativa e positiva de cada uma das instituições.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam. **Conversando sobre violência e convivência nas escolas**. Rio de Janeiro: Flacso – Brasil. OEI, MEC, 2012.
- ABRAMOVAY, Miriam. **Programa de prevenção à violência nas escolas: Violência nas escolas**. Rio de Janeiro: Flacso – Brasil. OEI, MEC, 2015.
- ARAGÃO, M.; FREITAS, A. G. B. Práticas de castigos escolares: enlaced históricos entre normas e cotidiano. **Conjectura: filosofia e educação**, Caxias do Sul, v. 17, n. 2, p. 17-36, mai./ago. 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewArticle/1648>>. Acesso em: 09 mar. 2021.
- ARENDRT, Hannah. **Da violência**. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 2004.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA MULTIPROFISSIONAL DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA E À ADOLESCÊNCIA (ABRAPIA). Programa de redução do comportamento agressivo entre adolescentes, 2000. Disponível em: <<http://www.abrapia.org.br/>> Acesso em: 09 nov. 2021.
- AZEVEDO, Inessa T. R.; MACHADO, Viviane B.. O uso da linguagem no (ciber)bullying contra crianças e adolescentes. In: CABRAL, Hildeliza L. T. B. et al. (org.). **Interfaces da linguagem**. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2020.
- BRANDÃO, H. H. N. **Analisando o Discurso**. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Brandao_AnalisandoODiscurso.pdf>. 2005. Acesso em: 09 mai. 2021.
- BARBOSA, P. L. N. O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente. In: GREGOLIN, M. R. (Org). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.
- CHARAUDEAU, Patrick. Diz-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. Revista **Diadorim**, Rio de Janeiro, v.10, dez. 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3932>> Acesso em: 26 jan. 2021.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- CHARAUDEAU, Patrick. A televisão e o 11 de setembro: alguns efeitos do imaginário. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 24, p. 11-20, 2006. Disponível em: <<http://www.logos.uerj.br/PDFS/24/logos24.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2021.
- CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 8, p. 432-443, jul./dez 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/soc/a/fDDGcftS4kF3Y6jfxZt5M5K/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2021.
- FANTE, C. A. Z. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Verus, 2005.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. São Carlos: Claraluz, 2005.

FERREIRA, Giovandro M.; SOARES, Nelson. Discurso e imagem: possibilidades metodológicas para uma análise discursiva do fotojornalismo contemporâneo. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 39, p.177-200 mai./ago. 2017, Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/64907>>. Acesso em: abr. 2021.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Diálogo sobre o poder**. Ditos e escritos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GREGOLIN, M. R. O dispositivo escolar republicano na paisagem das cidades brasileiras: enunciados, visibilidades, subjetividades. **Moara - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, v. 1, p. 6-25, jan./jun. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/2633>>. Acesso em: abr. 2021.

GREGOLIN, M. R. Língua(gens), mídia(s) e poder sob a ótica discursiva foucaultiana. **Heterotópica**, v.2; n.1, p.70-83, jan./jul. 2020. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/55565>>. Acesso em: abr. 2021.

GREGOLIN, Maria do Rosário. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: GREGOLIN, Maria do R. (org). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, Mídia e Consumo (CMC) - Revista de Comunicação**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, 2007. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/105/106>> Acesso em: abr. de 2021.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas digitais. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **O que é poder?** Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

LEMONS, D. C. A. Os Cinco Olhos do Diabo: os castigos corporais nas escolas do século XIX. Porto Alegre: **Educ. Real**, v.37, n.2, p.627-646, mai./ago. 2012. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>. Acesso em: mar. 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2004.

NASCIMENTO, T. M. C. **O bullying na escola: uma análise do discurso da mídia impressa pedagógica**. 2014. 123p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, CE.

OLIVEIRA, L. A. **Discurso da mídia impressa sobre a violência nas escolas públicas de Belém do Pará: corpo, identidades e regimes de verdade**. 2012. 101p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade da Amazônia.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009.

PAVIANI, Jayme. **Conceitos e formas de violência**. Caixas do Sul, RS: Educs, 2016.

PERREIRA, M. A.; SILVA, J. M. A. P. **Imprensa e violência escolar**. 2013. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7143_4468.pdf>. Acesso em: fev. 2021.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni P. Orlandi. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

POSSENTI, Sírio. O “eu” no discurso do “outro” ou a subjetividade mostrada. **Alfa**, São Paulo, p.45-55, 1995. Disponível em: < <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3969/3644> >. Acesso em: fev. 2021.

REIS, T. T. **Violência nas escolas sob o olhar da mídia impressa do Distrito Federal: um caso de polícia?** 2010. 130p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.

ROCHA, C. M. F. **A escola na mídia: nada fora do controle**. 2005. 288p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SILVA, V. B. **A escola em notícia: práticas de governo de sujeitos contemporâneos**. 2010. 129p. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying: Mentas perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

SPOSITO, Marília. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.27, n.1, p. 87-103, jan./jun. 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/pbFRcymkHxFPkK7VkkMwXNQ/?lang=pt>>. Acesso em: fev. 2021.

TORRES, Nelson V.; ARAUJO, Elson L. de. O observatório da educação e as questões de gênero e violência escolar: confronto entre meninas. **Interfaces da Educação**, v. 6, n. 16, p. 90-102, 2015. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/442>>. Acesso em: 3 mar. 2022.

VANDERSEN, Daniel Salésio. Uma análise do discurso e do não-discursivo na Arqueologia de Michel Foucault. **Aurora**, Marília, v.7, n. 2, p. 79-92, jan./jun., 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/natal/Downloads/adm,+3852-12629-1-CE.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2022.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

VINHA, Telma. P. **Os conflitos interpessoais na relação educativa.** Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas-SP. Unicamp, 2003.

ANEXO 1

Massacre em Suzano

Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-deixam-feridos-em-escola-de-suzano.ghtml>>. Acesso em: 20 out. 2021.



Dupla ataca escola em Suzano, mata oito pessoas e se suicida

Entre as vítimas, estão alunos do ensino médio e funcionários, além do tio de um dos assassinos. Onze ficaram feridos; assassinos eram ex-alunos do colégio.

Por G1 Mogi das Cruzes e Suzano
13/03/2019 09h53 - Atualizado há 2 anos



Estudantes se abraçam após ataque à escola de Suzano — Foto: Maiara Barbosa/G1



Ataque a tiros deixa dez mortos em escola em Suzano, na Grande SP

Um adolescente e um homem encapuzados atacaram a Escola Estadual Raul Brasil, em **Suzano** (SP), na manhã desta quarta-feira (13) e mataram sete pessoas, sendo cinco alunos e duas funcionárias do colégio. Em seguida, um dos assassinos atirou no comparsa e, então, se suicidou. Pouco antes do massacre, a dupla havia matado o proprietário de uma loja da região.

Os assassinos – Guilherme Tauci Monteiro, de 17 anos, e Luiz Henrique de Castro, de 25 – **eram ex-alunos do colégio**. A investigação aponta que, depois do ataque, ainda dentro da escola, **o mais novo matou o mais velho e, em seguida, se suicidou**. A polícia diz que os dois tinham um "pacto" segundo o qual cometeriam o crime e depois se suicidariam.

Um terceiro adolescente foi apreendido e internado provisoriamente na Fundação Casa por 45 dias. **Para a polícia, ele foi um dos mentores do crime bárbaro**. A polícia e o Ministério Público tentam identificar **se mais pessoas estão envolvidas no massacre**.

Cinco dos mortos são alunos do ensino médio, com idade entre 15 e 17 anos, de acordo com o secretário de Segurança Pública de SP. Entre as vítimas, há ainda duas funcionárias do colégio, uma delas a coordenadora. **O dono de uma locadora de veículos próximo ao local, que era tio de um dos assassinos, foi morto** pouco antes do ataque.

Também há registro de 11 feridos.

- **Veja todos os vídeos sobre o caso**
- **O que se sabe até agora**
- **Ataque foi na hora do intervalo, diz testemunha**
- **Veja quem são as vítimas**

Ainda não se sabe a motivação do crime. Foram feitas buscas na casa dos assassinos, e a polícia recolheu pertences dos dois.

Os mortos são:

- **Caio Oliveira**, 15 anos, estudante
- **Claiton Antonio Ribeiro**, 17 anos, estudante
- **Douglas Murilo Celestino**, 16 anos, estudante
- **Eliana Regina de Oliveira Xavier**, 38 anos, agente de organização escolar
- **Jorge Antonio de Moraes**, 51 anos, comerciante, morto antes da entrada dos assassinos na escola; ele é tio do assassino mais jovem
- **Kaio Lucas da Costa Limeira**, 15 anos, estudante
- **Marilena Ferreira Vieira Umezo**, 59 anos, coordenadora pedagógica
- **Samuel Melquíades Silva de Oliveira**, 16 anos, estudante

Os feridos são:

- **Adna Isabella Bezerra de Paula**, 16 anos, estudante
- **Anderson Carrilho de Brito**, 15 anos, estudante
- **Beatriz Gonçalves Fernandes**, 15 anos, estudante
- **Guilherme Ramos do Amaral**, 14 anos, estudante

- **Jenifer Silva Cavalcanti**
- **José Vitor Ramos Lemos**, estudante
- **Leonardo Martinez Santos**
- **Leonardo Vinicius Santa Rosa**, 20 anos
- **Leticia de Melo Nunes**
- **Murilo Gomes Louro Benite**, 15 anos, estudante
- **Samuel Silva Felix**

Resumo

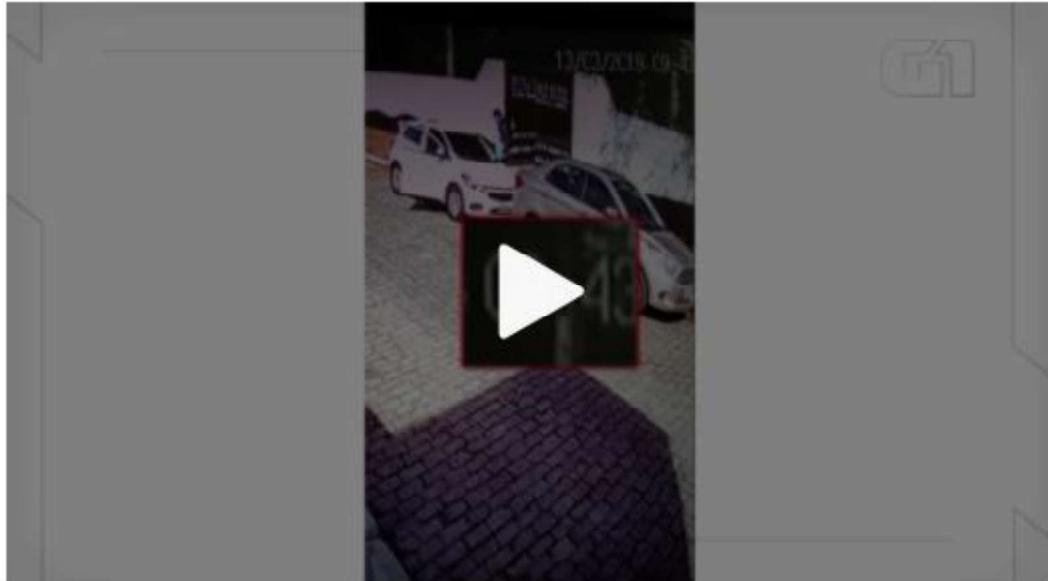
- **Ataque a escola em Suzano**, na Região Metropolitana de São Paulo, deixou **cinco alunos e duas funcionárias** mortas; **os dois assassinos se mataram**.
- **Os autores** do crime são **Guilherme Tauci Monteiro**, de 17 anos, e **Luiz Henrique de Castro**, de 25 anos, ex-alunos do colégio.
- Após o massacre na escola, **o mais jovem matou o mais velho e, em seguida, se suicidou, segundo a polícia**.
- Antes de entrar na escola, eles estiveram em uma loja de automóveis próximo ao colégio. **O proprietário do estabelecimento**, Jorge Antonio de Moraes, **tio do assassino mais jovem, levou três tiros e morreu no hospital**.
- **Há 11 feridos, dos quais 9 receberam alta dos hospitais**.
- Ainda **não se sabe o motivo do ataque**
- Uma testemunha disse que viu um deles com **arma de fogo** e outro, com uma **faca**
- A PM encontrou no local um revólver 38, uma besta (um artefato com arco e flecha), objetos que parecem ser coquetéis molotov e uma mala com fios.

- **Os assassinos chegaram** ao colégio alvo do ataque **em um carro alugado.**
- **A motivação para o ataque não está clara,** segundo a polícia.
- Um **adolescente de 17 anos foi apreendido por suspeita de ajudar a planejar** o massacre; para a polícia, ele foi **mentor intelectual e demonstrou frieza**
- Polícia e MP tentam identificar se **mais pessoas estão envolvidas no massacre de Suzano**
- Segundo o Censo Escolar de 2017, a instituição tem 358 alunos da segunda etapa do fundamental (6º ao 9º ano) e 693 estudantes do ensino médio. No local, também funciona um centro de idiomas.



Luiz Henrique de Castro (à esquerda) e Guilherme Tauci Monteiro (à direita), este em imagem feita na infância, os assassinos que atacaram escola em Suzano nesta quarta-feira (13) — Foto: Arquivo pessoal

Ataque à Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano

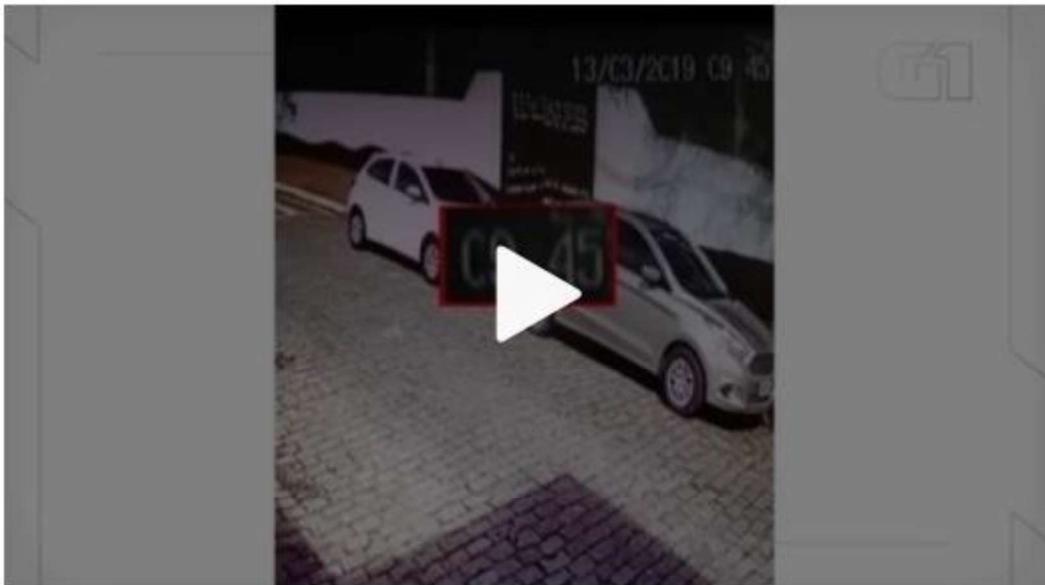


Vídeo mostra momento em que um dos assassinos entra na escola de Suzano

Um vídeo feito por câmera de segurança mostra **o momento em que os dois criminosos chegam à Escola Estadual Raul Brasil**, em Suzano, na manhã desta quarta.

Guilherme Tauci Monteiro, de 17 anos, e Luiz Henrique de Castro, de 25, eram ex-alunos da instituição. Eles estavam em um carro branco alugado, estacionaram em frente ao portão do colégio e entraram pela porta da frente, que estava aberta.

A mesma câmera mostra, minutos depois, muitos alunos fugindo (*assista abaixo*).



Vídeo mostra momento em que alunos fogem da escola alvo de ataque em Suzano

"Eles ingressaram na escola, atiraram na coordenadora pedagógica, atiraram numa outra funcionária. Estava na hora do lanche, eles se dirigiram ao pátio, atiraram em mais quatro alunos do ensino médio", disse o coronel Marcelo Salles, comandante-geral da PM.

"Nesse horário, só havia alunos do ensino médio, e [os assassinos] dirigiram-se ao centro de línguas. Os alunos do centro de línguas se fecharam na sala com a professora e eles [os autores do ataque] se suicidaram no corredor."

De acordo com o Secretário de Segurança Pública de SP, João Camilo Pires de Campos, os assassinos se mataram logo depois de se deparar com um grupo de policiais que já havia chegado ao interior da escola.

Outro vídeo, feito dentro do colégio, mostra a correria de alunos e funcionários (*assista abaixo*).



Vídeo mostra vítimas em escola em Suzano

O assassinato do tio do assassino

O coronel Salles afirmou que, antes de entrar na escola, os criminosos passaram por uma loja de automóveis próximo ao colégio. **O proprietário do estabelecimento, chamado Jorge Antonio de Moraes, foi baleado por Guilherme, que era seu sobrinho**, e morreu. Moraes levou três tiros – um deles no peito.

"Policiais estavam indo para esse primeiro chamado e ouviram gritos das crianças. Foram, então, até a escola, onde os dois criminosos acabaram se matando", disse a capitã Cibele, da comunicação da PM.



Uma pessoa é socorrida após tiroteio ocorrido na Escola Estadual Raul Brasil em Suzano, na Grande São Paulo — Foto: Werther Santana/Estadão Conteúdo



Familiares e amigos aguardam por informações na entrada da Escola Estadual Raul Brasil em Suzano, na Grande São Paulo. Dois adolescentes encapuzados mataram oito pessoas no local e cometeram suicídio em seguida — Foto: Nelson Almeida/AFP



Familiares e amigos aguardam por informações na entrada da Escola Estadual Raul Brasil em Suzano, na Grande São Paulo. Dois adolescentes encapuzados mataram oito pessoas no local e cometeram suicídio em seguida — Foto: Suamy Beydoun/AGIF/Estadão Conteúdo



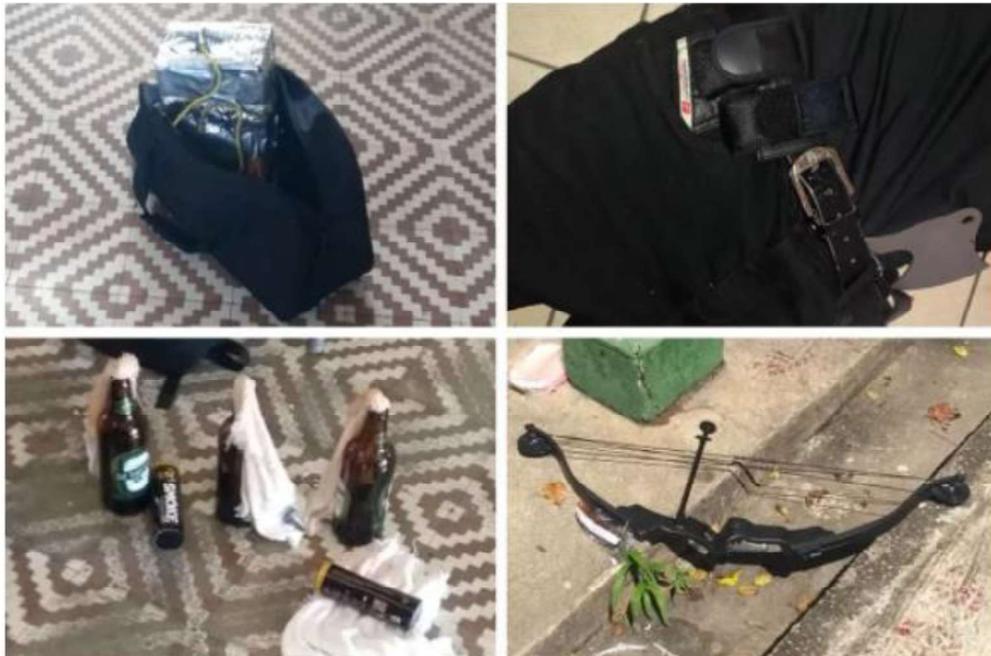
Um homem tenta acalmar uma mulher na entrada da Escola Estadual Raul Brasil em Suzano, na Grande São Paulo. Dois criminosos encapuzados mataram oito pessoas no local e cometeram suicídio em seguida — Foto: Maurício Sumiva/Futura Press via AP

Arsenal

Dentro da escola, a polícia encontrou:

- um revólver 38;
- quatro jet loaders, que são plásticos para recarregamento de arma;
- uma besta (um tipo de arco e flecha que dispara na horizontal);
- um arco e flecha tradicional;
- garrafas que aparentam ser coquetéis molotov;
- um dos autores do ataque tinha uma espécie de machado na cintura.
- há ainda uma mala com fios.

O esquadrão antibombas foi chamado e não encontrou material explosivo no local.



Combinação de fotos mostra algumas das armas utilizadas pelos criminosos no massacre na Escola Estadual Raul Brasil em Suzano, na Grande São Paulo. Dentro da escola, a polícia encontrou um revólver 38, quatro jet loaders, que são plásticos para recarregamento de arma, uma besta (um tipo de arco e flecha que dispara na horizontal), um arco e flecha tradicional e garrafas que aparentam ser coquetéis molotov. Um dos autores do ataque tinha uma espécie de machado na cintura. — Foto: Arquivo Pessoal

As vítimas na escola

Cinco alunos e duas funcionárias da Escola Estadual Raul Brasil foram mortos no ataque.

Os alunos que morreram são:

- Caio Oliveira, de 15 anos
- Cleiton Antônio Ribeiro, de 17 anos
- Douglas Murilo Celestino, de 16 anos
- Kaio Lucas da Costa Limeira, de 15 anos
- **Samuel Melquíades Silva de Oliveira**, de 16 anos

As funcionárias que morreram são:

- Eliana Regina de Oliveira Xavier, de 38 anos
- **Marilena Ferreira Vieira Umezo**, de 59 anos, coordenadora pedagógica

O dono da loja morto antes do ataque é:

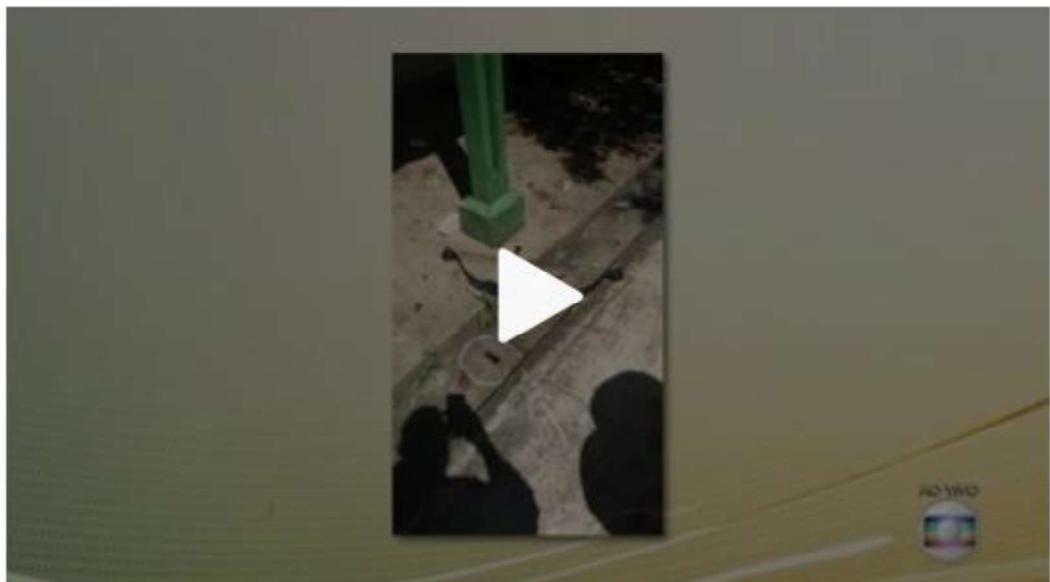
- **Jorge Antonio de Moraes**, de 51 anos, que também era tio de um dos assassinos

Os assassinos, que morreram, são:

- Guilherme Tauci Monteiro, de 17 anos
- Luiz Henrique de Castro, de 25 anos

Os feridos são:

- Leticia Melo Nunes
- Samuel Silva Felix
- Beatriz Gonçalves
- Anderson Carrilho de Brito
- Murilo Gomes Louro Benite
- Jennifer Silva Cavalcanti
- Leonardo Vinicius Santana
- Adna Bezerra
- Guilherme Ramos

Sem informações sobre a motivação

Boletim: armas medievais foram usadas no massacre de Suzano

O coronel Fábio Pelegrini, da Comunicação Social da PM, informou que a polícia ainda não divulgou se os autores do massacre têm registro de crimes anteriores.

A polícia não tem informações sobre a motivação do crime.

"Provavelmente um ato que foi premeditado. Eles entraram na escola equipados, com máscara. A gente não tem ainda essa motivação, não tem a correlação do motivo e do ato feito", afirmou o coronel Pelegrini.



Movimentação em frente à escola Raul Brasil, onde assassinos mataram alunos e funcionárias — Foto: Reprodução/TV Globo

Relatos de testemunhas

Rosni Marcelo Grotliwed, estudante de 15 anos, disse que **o ataque ocorreu durante o intervalo** e que um dos criminosos tinha uma arma e outro, uma faca.

"A gente estava na merenda e comendo normal e escutamos 'três pipocos' nisso tentamos correr para pular o muro do CEL. Os caras vieram atrás de nós e começou a matar muita gente. Mas o pente dele descarregou e foi na hora que a gente correu."

Rosni disse que um dos assassinos passou com faca ao seu lado, mas conseguiu desviar. "Fui para a diretoria, e tinha muita gente morta no chão. Eles gritavam, mas eu não entendi o que era", lembrou.

"Meu amigo levou facada no ombro e outro levou um tiro. Fugi com um amigo para minha casa e voltei para buscar um amigo."



Merendeira da Escola Raul Brasil, em Suzano, abrigou alunos na cozinha — Foto: Natan Lira/G1

A merendeira Silmara Cristina Silva de Moraes, de 54 anos, contou que **ajudou a esconder 50 estudantes na cozinha.**

"Nós estávamos servindo merenda e aí começou os 'pipoco' e as crianças entraram em pânico. Abrimos a cozinha em começamos a colocar o maior número de crianças dentro e fechamos tudo e pedimos para eles deitarem no chão", contou ela, chorando.

"Foi muito desesperador, porque foi muito tiro, muito tiro mesmo e era muito pânico".



Estudante conta como foi ataque em escola estadual em Suzano, na Grande São Paulo



Familiares e amigos aguardam por informações na entrada da Escola Estadual Raul Brasil em Suzano, na Grande São Paulo. Dois adolescentes encapuzados mataram oito pessoas no local e cometeram suicídio em seguida — Foto: Julien Pereira/Fotoarena/Estadão Conteúdo

Autoridades

O governador de São Paulo, João Dória, cancelou a agenda do dia e chegou à escola em um helicóptero, acompanhado do secretário Estadual de Educação, Rossieli Soares da Silva, do secretário de Segurança, general João Camilo Pires de Campos, e do comandante da PM, o coronel Salles. **Dória disse que estava "muito impactado"**.

"Foi a cena mais triste que já assisti em toda a minha vida. Fico muito triste que um fato como este ocorra em São Paulo, ocorra no Brasil. Estou consternado, chocado", afirmou o governador.



"A cena mais triste que eu já assisti em toda a minha vida", diz João Dória

Atendimento a vítimas e famílias

O Corpo de Bombeiros e equipes do Samu estão no local. Bombeiros de Mogi das Cruzes também foram chamados, às 9h50, para apoiar o atendimento. O helicóptero Águia, da PM, sobrevoou a escola. Toda a polícia de Suzano está mobilizada no caso.

A Prefeitura de Suzano informou que as equipes da Defesa Civil, do Trânsito, da Segurança Cidadã, da Assistência Social e do Fundo Social de Solidariedade estão dando suporte no local para as famílias.

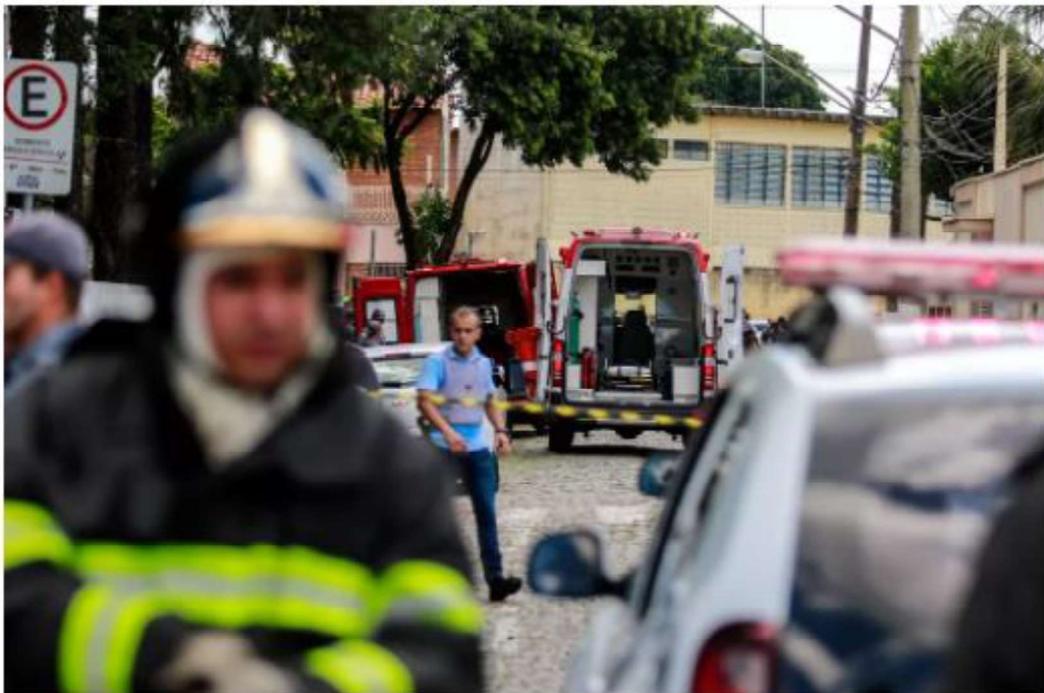
A Associação Cultural Suzanense, o Bunkyo, localizado na avenida Armando Salles de Oliveira, Centro, será **ponto de acolhida para familiares**, enquanto aguardam informações, e também para receber a imprensa.



Frente da Escola Estadual Professor Raul Brasil, em Suzano, após o massacre. — Foto: Maiara Barbosa/ G1



Policiais militares em frente a Escola Municipal de Suzano. — Foto: Maiara Barbosa/ G1.



Movimentação na entrada da Escola Estadual Raul Brasil em Suzano, na Grande São Paulo. Dois criminosos encapuzados mataram oito pessoas no local e cometeram suicídio em seguida — Foto: Marcelo Gonçalves/Sigmapress/Estadão Conteúdo

Ataque em escola de Suzano

Dois assassinos abriram fogo, mataram 8 e se suicidaram

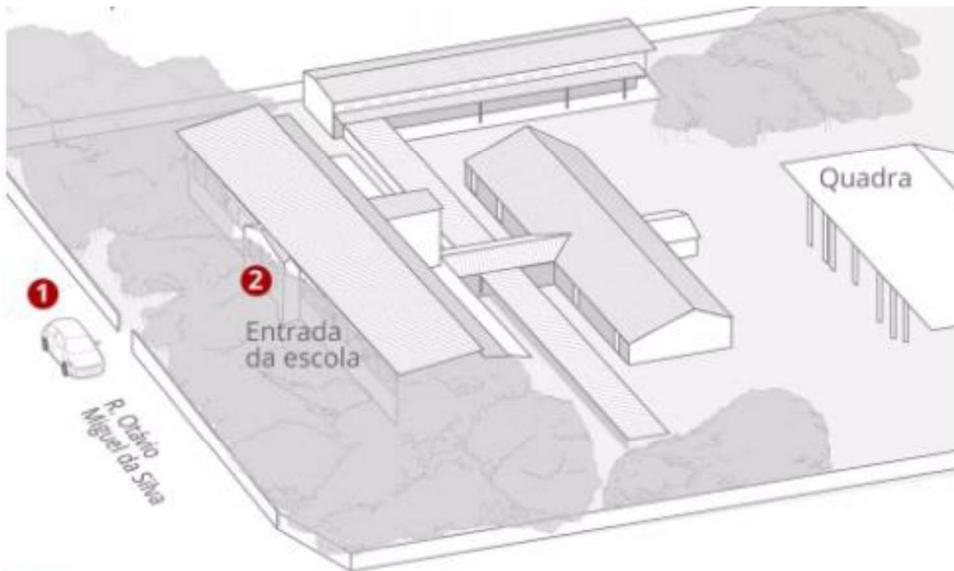
The image contains a map of the Suzano region in São Paulo, Brazil. It includes an inset map of Brazil and another of the state of São Paulo. The main map shows the cities of OSASCO, SÃO PAULO, GUARULHOS, POÁ, MAUÁ, and MOGI DAS CRUZES. A red box highlights the city of SUZANO. A circular inset provides a detailed view of the SUZANO area, showing streets like Av. Brasil, Av. Mogi das Cruzes, and Av. Sen. Roberto Simonsen. Two red dots in the inset indicate the locations of the assassins, with a 500m scale bar. A red banner with white text reads: "Por volta das 9h30 Os assassinos atacam a Escola Estadual Raul Brasil". Below this banner are two mugshot-style photos of the assassins: Guilherme Tauci Monteiro (17 years old) and Luiz Henrique de Castro (25 years old). A scale bar of 200m is also present in the inset map.

Antes do ataque
Assassinos atiram em Jorge de Moraes, tio de Guilherme, em sua loja de carros. Ele morreu no hospital.

**Por volta das 9h30
Os assassinos atacam a
Escola Estadual Raul Brasil**

Guilherme Tauci Monteiro
17 anos

Luiz Henrique de Castro
25 anos



- 1 Por volta das 9h30, os assassinos chegam à Escola Estadual Prof. Raul Brasil com um Chevrolet Onix alugado.
- 2 Guilherme é o primeiro a entrar e atira em funcionários e alunos logo na recepção. Luiz entra na sequência, e mais disparos são feitos no pátio.
- 3 Alunos e funcionários se escondem na cozinha e também na sala do centro de línguas, enquanto outros conseguem fugir da escola.
- 4 Um dos assassinos, Guilherme, mata o comparsa e, na sequência, se suicida próximo ao centro de línguas.

OS ASSASSINOS ESTAVAM ENCAPUZADOS E CARREGAVAM



Arma 38



Jet loader
carregador
rápido



Coquetel
molotov



Machado



Arco e flecha



Besta

arco e flecha
horizontal com
disparo por gatilho



Mala
com fios

ANEXO 2

Caso de Medianeira

Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2018/09/28/aluno-atira-em-colegas-de-colegio-em-medianeira.ghtml>>. Acesso em: 20 out. 2021.

globo.com g1 ge gshow videos ASSINE JÁ MINHA CONTA E-MAIL ENTRAR >

MENU g1 OESTE E SUDOESTE RPC BUSCAR

Aluno armado atira e fere dois colegas em colégio de Medianeira; VÍDEO

Tiroteio em escola foi registrado na manhã desta sexta-feira (28); à polícia, suspeito disse que vinha sofrendo bullying.

Por Fabiula Wurmeister e Bruna Kobus, G1 PR e RPC Foz do Iguaçu
28/09/2018 10h18 - Atualizado há 3 anos



Aluno entra armado e atira em colegas em colégio no Paraná

Um adolescente, de 15 anos, entrou armado e atirou contra colegas de classe do Colégio Estadual João Manoel Mondrone, em Medianeira, no oeste do Paraná, a 60 km de Foz do Iguaçu.

O ataque foi registrado pouco antes das 9h desta sexta-feira (28).



Dois estudantes ficam feridos durante atentado em colégio de Medianeira

Segundo a polícia, dois alunos ficaram feridos, um deles, de 15 anos, gravemente, com um tiro nas costas, próximo à coluna vertebral. Ele foi transferido para o Hospital Municipal de Foz do Iguaçu.

- **Vídeos mostram desespero de alunos em escola atacada por adolescente em Medianeira**

O outro, de 18 anos, foi atingido de raspão em uma das pernas. Ele foi encaminhado ao hospital, recebeu um curativo e liberado.

O suspeito e outro adolescente, também de 15 anos e que supostamente dava cobertura ao atirador, foram apreendidos e levados para a delegacia.



Na casa do adolescente, policiais apreenderam armas, munição e bombas caseiras — Foto: PM/Divulgação

No momento do ataque, houve tumulto e correria. **Veja o vídeo acima.**

Policiais militares informaram que quando chegaram ao colégio os adolescentes, que tentaram se esconder em uma sala no segundo andar de um dos pavilhões, jogaram um explosivo no pátio e atiraram contra os agentes.

Em seguida, os policiais invadiram a sala onde os dois estavam e os renderam.

Aos agentes, o estudante, filho de agricultores, disse que vinha sofrendo bullying, que tinha ao menos nove alvos e que saiu de casa decidido a praticar o ataque, planejado desde julho. Com os dois foram apreendidos um revólver calibre 22, munição e uma faca.

De acordo com a polícia, uma carta com pedido de desculpas foi encontrada no material escolar dos suspeitos, além de recortes com notícias de ataques em escolas dos Estados Unidos e do Brasil. No celular de um deles também foram encontrados vídeos de violência.



Sala de aula onde ocorreu o ataque será periciada — Foto: Bruna Kobus/RPC

"É considerado uma espécie de atentado. Os alunos eram vítimas de bullying. Um veio com bomba e o outro com uma arma. A bomba foi explodida no pátio do colégio. Na carta encontrada na mochila de um dos alunos ele se justifica sobre o que aconteceu. Ele se sentia menosprezado e humilhado", comentou o delegado Dênis Zortéa Merino.

A carta será periciada e a letra comparada com a dos alunos apreendidos.

Na casa do atirador, policiais encontraram mais armas, facas e bombas caseiras.



Nas paredes da sala de aula ficaram algumas marcas dos tiros disparados pelo adolescente de 15 anos — Foto: Bruna Kobus/RPC

Os pais dos dois adolescentes também foram levados à delegacia para prestar esclarecimentos.

"Vamos apurar qual a origem das armas. Constatadas as origens, se confirmadas serem dos pais, eles também deverão ser responsabilizados", completou o delegado.

Os menores devem responder por dupla tentativa de homicídio.

Por conta do ataque, as aulas no Colégio Estadual João Manoel Mondrone foram suspensas até segunda-feira (30).



Segundo a polícia, o ataque foi registrado na manhã desta sexta-feira (28), no Colégio Estadual João Manoel Mondrone, em Medianeira — Foto: Divulgação

Momentos de tensão

O diretor do colégio, Darlan Chiamulera, considerou o ataque um "episódio lamentável" e disse que toda a comunidade escolar está abalada. Ele afirmou que o adolescente, que cursa o 1º ano do ensino médio é um excelente aluno e que não havia chegado à direção informações de que vinha sofrendo bullying.

Chiamulera descreveu os momentos de tensão vividos pelos alunos e professores.

"Era o momento da segunda aula, eu conversava com um dos meninos na direção, e naquilo a gente escutou alguns barulhos mais fortes, de explosão, e estampido, e o pessoal correndo falando que havia sido tiros. Corri em direção à sala. Encontrei um dos meninos feridos, que estava sendo socorrido pela professora", comentou.

Enquanto ia para a sala onde ocorreu o ataque, ele disse ter se deparado com o atirador.

"Quando ele me viu, eu falei: 'Paulo, o que está acontecendo?'. Aí ele decidiu retornar. Ele estava com a arma na mão. Estava vindo na direção, não sei o que ele estava pensando", contou.

O diretor disse ainda que tentou acalmar o estudante.

"Fui conversando para tentar colocar num lugar que ele não colocasse mais ninguém em risco, porque ele já tinha atingido dois alunos. É uma situação que a gente não sabe como reagir. Eu só pedi para os alunos ficarem dentro da sala para não ter mais nenhum ferido", lembrou.

Aluno atira contra colegas em escola do Paraná

Garoto de 15 anos disparou em colégio estadual de Medianeira, no oeste do estado.



Autores



garoto de 15 anos e outro adolescente

Feridos



2 (um nas costas e outro de raspão, nas pernas)

Armas apreendidas



revólver calibre 22, munição e uma faca



Infográfico elaborado em: 28/09/2018

ANEXO 3

Caso do Colégio Goyases

Disponível em: < <https://g1.globo.com/goias/noticia/escola-tem-tiroteio-em-goiania.ghtml> >.
Acesso em: 20 out. 2021.



Aluno atira em colegas dentro de escola em Goiânia, mata dois e fere quatro

Suspeito pelos disparos é um adolescente de 14 anos, que cursa o 8º ano. Ele é filho de policiais militares e está apreendido.

Por G1 GO

20/10/2017 11h28 - Atualizado há 4 anos



Aluno é suspeito de matar duas pessoas dentro de uma escola particular em Goiânia

Um estudante de 14 anos atirou no fim da manhã desta sexta-feira (20) dentro do Colégio Goyases, escola particular de ensino infantil e fundamental, em Goiânia. De acordo com o Corpo de Bombeiros e Polícia Militar, dois estudantes morreram e outros quatro ficaram feridos na unidade, localizada no Conjunto Riviera, bairro de classe média.

O crime ocorreu às 11h50. Testemunhas relataram ao **G1** que o adolescente, que cursa o 8º ano e é filho de policiais militares, estava dentro da sala de aula e, no intervalo, tirou da mochila a arma, uma pistola .40, que pegou da mãe em casa, e efetuou os disparos. Em seguida, quando ele se preparava para recarregar o revólver, foi convencido pela coordenadora a travar a arma.

- **Veja quem são os mortos e feridos no ataque**

Os estudantes João Vitor Gomes e João Pedro Calembó, ambos de 13 anos, morreram no local. Já outros quatro alunos, sendo três meninas e um menino, ficaram feridos e foram socorridos (*veja os estados de saúde abaixo*).

Os carro do Instituto Médico Legal (IML) deixou o colégio com os corpos dos estudantes por volta das 16h40.



Mulher é consolada na frente do Colégio Goyases, em Goiânia, onde aluno abriu fogo contra colegas em sala de aula — Foto: Cristiano Borges/O Popular/Estadão Conteúdo

Luto

Nesta tarde, o presidente da República, Michel Temer (PMDB), lamentou nas redes sociais a tragédia em Goiânia. Ele se disse "consternado" e expressou "solidariedade às famílias".



O Governo do Estado de Goiás também divulgou nota lamentando "profundamente a tragédia ocorrida no Colégio Goyases, em Goiânia, e decreta luto oficial por três dias em solidariedade a todos os envolvidos no lamentável acontecimento".

O texto diz que o governador em exercício, José Eliton (PSDB), cancelou todos os compromissos de sua agenda pública desta sexta-feira (20) "para acompanhar a evolução dos fatos e, sobretudo, prestar apoio às famílias e à comunidade escolar alcançada, determinando a todos os órgãos governamentais especial atenção às demandas resultantes da trágica ocorrência".

A Prefeitura de Goiânia também lamentou o crime. "Nesse momento de dor, em que se busca respostas para tamanho absurdo, a prefeitura se solidariza com as vítimas e seus familiares e expressa os mais sinceros sentimentos pelas irreparáveis perdas de vidas tão jovens e que tinham todo um futuro pela frente. Pela relevância do ocorrido e das vidas ceifadas, o excelentíssimo senhor prefeito Iris Rezende decreta luto oficial de três dias no âmbito do município de Goiânia".

Escola

O Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino (Sepe) de Goiânia junto ao Conselho Estadual informou à TV Anhanguera, por meio de nota, nesta sexta-feira, que estão dando todo apoio à escola e aos parentes dos alunos da instituição.

O que se sabe até agora:

Sequência de fatos:

- Colegas relatam que ouviram um barulho.
- Em seguida, os colegas viram o adolescente tirando a arma da mochila e atirando para todos os lados.
- Alunos correram para fora da sala de aula.
- Assim que descarregou o cartucho, o aluno se preparava para recarregar a arma.
- Estudante foi convencido pela coordenadora a travar a arma.



Estudantes mortos em ataque dentro de escola aparecem em centro de foto da turma — Foto: Arquivo Pessoal

Bullying

O suspeito dos disparos está apreendido, segundo confirmou ao **G1** o coronel da Polícia Militar Anésio Barbosa da Cruz. "Informações preliminares dão conta que ele estaria sofrendo bullying, se revoltou contra isso, pegou a arma em casa e efetuou os disparos", disse.

Um aluno de 15 anos, que estava na sala no momento do tiroteio, **também contou que o adolescente era vítima de chacotas.**

"Ele sofria bullying, o pessoal chamava ele de fedorento, pois não usa desodorante. No intervalo da aula, ele sacou a arma da mochila e começou a atirar. Ele não escolheu alvo. Aí todo mundo saiu correndo", relatou o estudante.

- **Adolescente suspeito de matar a tiros dois colegas sofria bullying, diz estudante**

O suspeito foi levado à sede da Delegacia de Polícia de Apuração de Atos Infracionais (Depai) e, em seguida, encaminhado para o IML para os exames de corpo de delito. De acordo com o assessor da gerência do IML, Adolfo Santiago, o estudante foi submetido ao procedimento padrão em situações que envolvem crimes.

"O adolescente passou pelo exame de corpo de delito feito em todos os trazidos pela polícia para ver se há alguma lesão. Ele fez esse exame e foi liberado. Sobre o resultado, se estava ferido ou não, não podemos dar nenhuma informação", disse ao **G1**.

Após o exame, o adolescente voltou à Depai, onde foi ouvido. Os pais dele, que são policiais militares, também devem prestar depoimento na unidade.



Adolescente suspeito de efetuar disparos está apreendido, em Goiânia — Foto: Reprodução/ TV Anhanguera

Feridos

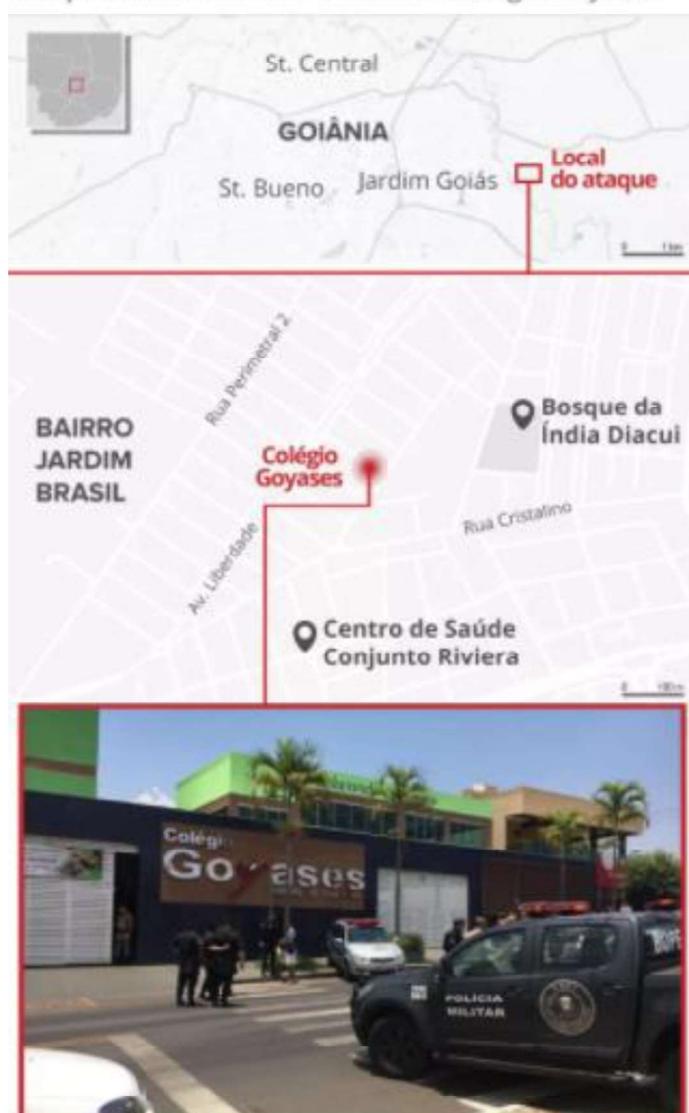
Os baleados foram socorridos pelo Corpo de Bombeiros e pelo Grupo de Radiopatrulha Aérea (Graer) da Polícia Militar. Três deles estão no Hospital de Urgências de Goiânia (Hugo) e um no Hospital de Acidentados.

- **Yago Marques** – 13 anos - Foi atingido no tórax com menor gravidade e não precisou passar por cirurgia. Ele respira normalmente, está acordado, conversando e internado na enfermaria.
- **Isadora de Moraes** – 14 anos - Internada na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hugo. Ela levou um tiro no tórax que perfurou o pulmão, passou por uma cirurgia para drenagem do tórax e está em estado grave, na UTI e respirando com ajuda de aparelhos. Ela ainda corre risco de vida.
- **Lara Fleury Borges** – 14 anos - Está internada na enfermaria do Hospital dos Acidentados em estado estável e respirando espontaneamente.

- **Marcela Rocha Macedo** – 13 anos - Ela também foi baleada no tórax, teve o pulmão esquerdo perfurado, passou por cirurgia e está internada na enfermaria. Paciente está consciente e respirando sem aparelhos.

TIROS EM COLÉGIO

Ataque deixa mortos e feridos no Colégio Goyases



MORTOS:João Vitor
Gomes
13 anosJoão Pedro
Calembo
13 anos**ARMA USADA:****Pistola .40**
Pertencia à mãe
do atirador**FERIDOS:**

Garoto



Garota



Garota

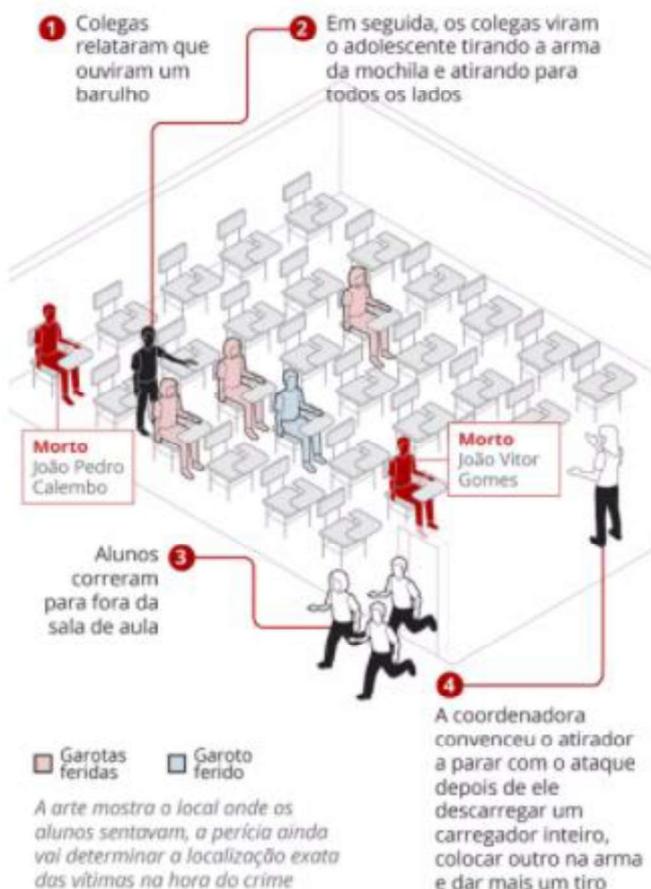


Garota

O ATAQUE**Horário**

11h50

Intervalo entre aulas

**Local**Dentro da sala de aula do 8º
ano do Colégio Goyases,
localizada no terceiro e último
andar da escola

Fonte: Polícia Militar, Polícia Civil e GoogleMaps

Infográfico atualizado em: 23/10/2017



Pânico

Uma estudante de 15 anos relatou que, quando ouviu o primeiro disparo, não imaginou que fosse um tiro.

"Pensei que eram balões estourando porque amanhã seria nossa feira de ciências. Depois, ouvimos o barulho novamente e alguém gritou 'é tiro'. Aí começou o desespero", contou.

Outra colega, de 13 anos, disse que ficou em pânico. Ela contou que todos saíram correndo da sala.

"Ele saiu dando tiro em todo mundo da sala. Eu segurei na mão da minha amiga e fui até a polícia. Não sabia o que fazer", disse ela.



João Pedro Calembó morre em ataque em escola de Goiânia — Foto: Reprodução/TV Anhanguera

Outra colega do 8º ano do Ensino Fundamental contou que o colega já tinha feito ameaças.

"Ele lia livros satânicos, falava que ia matar alguns dos colegas. Um dos garotos que foi morto falava que ele fedia e chegou a levar um desodorante para sala", contou.

O **G1** entrou em contato com o Colégio Goyases e foi informado pela coordenadora que toda a equipe está “consternada” e que a administração da escola não irá se manifestar por enquanto.

A escola tem turmas do 1º ao 9º ano do ensino fundamental, com crianças e adolescentes de idades entre 6 e 15 anos.



Tiroteio em escola deixa mortos em Goiânia